ANO 38.º — SÁBADO, 4 DE OUTUBRO DE 1958 — N.º 12.869

Diario de Lisbôa

FUNDADOR — JOAQUIM MANSO — DIRECTOR — NORBERTO LOPES

TELEF.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155 — REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA — EDITOR — J. CHRISÓSTOMO DE SA
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: D I B O A — RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA — ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 51, 2.º — NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

UMA DATA NACIONAL

Não se ignora nem se contesta que o 5 de Outubro é uma data nacional. Uma data que se inscreveu já em caracteres indeléveis nas páginas da História — e se radicou profundamente na alma popular. A mudança de regime em Portugal resultou menos do acaso caprichoso de uma luta militar, que bem sempre faz pender o prato da balança para o lado da justiça, do que da incapacidade revelada pela Monarquia constitucional para resolver os problemas nacionais — e da vontade decidida de um povo que aclamou a vitória republicana como um princípio de regeneração e de ressurgimento por que o País ansiava.

Se os homens mudaram, o que não deixava de ser importante, iam mudar também os métodos — o que era essencial. Alguns propósitos se malograram, sem dúvida; algumas boas intenções se desvirtuaram; algumas vozes autorizadas se perderam na balbúrdia por vezes reinante e que nem sempre prestigiou a autoridade ou acreditou os costumes políticos.

As dissidências e as paixões partidárias, as ambições insofridas e os ódios mesquinhos que levaram a atitudes contrárias ao interesse nacional só serviram a enfraquecer o regime e a animar o adversário, que não desarmou, nos seus propósitos de regresso a um passado já caduco. Felizmente, os golpes que lhe vibraram encontraram sempre pela frente uma resistência inabalável e, por vezes, heróica. O País repeliu com energia todas as tentativas que se fizeram para derrubar as instituições implantadas pela vontade popular.

A crise de Chipre pode provocar a queda do governo de Atenas?

ATENAS, 4. — Os dirigentes do Partido Liberal (terceiro pela sua importancia numérica, pois conta 36 deputados) acusaram o Governo de Caramanlis de ser responsável pela crise cipriota, em virtude de ter aceite o abandono do princípio da auto-determinação pelo povo de Chipre e dá instalação de um representante do Governo turco em Nicósia.

O Governo de Caramanlis deve demitir-se» — declara um comunicado publicado por aquele Partido, que decidiu pedir uma audiência ao rei Paulo, para lhe expor o seu ponto de vista, sobre «a actual crise nacional» e dirigir, na próxima semana, um manifesto á nação. — (F. P.).

Muitos cipriotas feridos em Famagusta

NICOSIA, 4. — As autoridades militares britanicas declararam que cerca de 150 cipriotas gregos ficaram feridos quando das prisões efectuadas em Famagusta, em virtude do assassinato de uma mulher inglesa. Anteriormente, as mesmas autoridades afirmaram que apenas 21 pessoas tinham ficado feridas durante a operação.

Os médicos e os enfermeiros do hospital de Famagusta disseram aos jornalistas que cerca de 300 pessoas receberam curativo, e acrescentaram: «Todas as camas estão ocupadas e dezenas de feridos tiveram de deitar-se no chão». Crê-se saber que três destes se encontram em estado grave e que seis morreram no acampamento de Caraolos, perto de Famagusta, para onde tinham sido transportados.

A pedido do governador, sir Hugh Foot, chegou hoje de Nicósia a Famagusta uma comissão encarregada de averiguar da veracidade das acusações de maus tratos infligidos aos presos. — (F. P.).

ALM. MENDES CAPEÇADAS

O almirante Cabeçadas recorda as jornadas memoráveis do 4 e do 5 de Outubro e exalta a obra dos homens da República

Magro, afável, sorridente, o cabelo todo branco, os olhos ainda intensamente azuis, com qualquer coisa de inalterávelmente jovem e puro, o contra-almirante José Mendes Cabeçadas Junior evoca as jornadas gloriosas do 4 e do 5 de Outubro. Embarga-se-lhe a voz de emoção, ao dizer com um olhar distante, que logo, sem sombra de afectação, regressa até nós, cheio de ideal e de saudade: « O cinco de Outubro liga sempre todos os republicanos, quaisquer que sejam as circunstancias da sua vida actual».

Nesta manhã azul e picante de Outono, prestes a desabrochar, flutua em casa do almirante Mendes Cabeçadas uma impalpável neblina de alma. Entra uma luz suave, uma luz de esperança, pela janela semicerrada, luz que revela brandamente os retratos do passado, os móveis claros, os «bibelots» discretos da saleta, mas aquela névoa moral persiste, envolve-nos como uma musica, abafa o tom da conversa. Foi há trinta e oito anos — e tudo isso hoje aqui está vivo em nostalgia fantasmal —, foi há trinta e oito anos, na noite de 3 para 4 de Outubro — que do cruzador «Adamastor», comandado pelo então segundo tenente João Mendes Cabeçadas Junior, partiu o sinal que daria início á vibrante revolta republicana.

«Não posso sem comoção re-

(Continua na 7.ª página)

A nova estrutura dos serviços da Secretaria de Estado do Comércio procura atender às necessidades da defesa do equilíbrio da Economia Nacional

Em reunião conjunta com os jornalistas e funcionários da respectiva Secretaria de Estado, efectuada no dia 1 do corrente, o secretário de Estado do Comércio, sr. dr. Correia de Oliveira, deu conhecimento de um longo e importante despacho, em que se estabelecem reformas substanciais dos serviços a seu cargo e se fixam as linhas fundamentais da política a seguir pelo Governo, em matéria de comércio interno e internacional. O texto do referido despacho é já do conhecimento publico, motivo por que nos dispensamos de o reproduzir, limitando-nos a descrever os seus aspectos mais relevantes e a tecer, em relação a certas passagens, alguns despretensiosos comentários.

Antes de mais, há que salientar o facto — que julgamos constituir novidade entre nós — de as alterações a introduzir na estrutura dos serviços não serem desde logo estabelecidas por via de decreto; o sistema é antes instituido a título puramente experimental e do seu posterior funcionamento decorrerão as correcções necessárias, formando-se dessa maneira um complexo coerente de disposições a que só depois se dará uma adequada contextura legal.

Os objectivos da reforma parecem fundamentalmente consistir na concessão, á Comissão de Coordenação Económica, de amplos poderes de estudo e decisão, transformando-a no mais poderoso auxiliar do Governo, para a formulação das directrizes políticas que interessam á vida do respectivo sector. Aos outros órgãos dependentes da Secretaria de Estado do Comércio — nomeadamente a Direcção-Geral do Comércio, a Comissão Técnica de Cooperação Económica Externa, a Intendência-Geral dos Abastecimentos, os Fundos de Abastecimento e de Fomento da Exportação e os Organismos de Coordenação Económica — ficarão entretan-

(Continua na 14.ª página)

140 feridos em Buenos Aires nos violentos motins com estudantes

BUENOS AIRES, 4 — Houve motins, durante a noite, nesta cidade, dos quais resultou ficarem feridas pelo menos 140 pessoas, incluindo 100 polícias. A principal escaramuça ocorreu junto á Faculdade de Medicina.

Os manifestantes fizeram paralisar o tráfego, cortando os cabos de energia aos «eléctricos» e furando os pneus dos autocarros. Entrincheiraram-se, depois, por detrás desses veículos para apedrejar a Polícia.

«O Governo tomará todas as medidas que forem necessárias para manter a ordem publica, com energia, em conformidade com a lei» — declarou o ministro do Interior, Adolfo Vitolo, referindo-se aos novos incidentes que opuseram, nas ruas da capital, os estudantes «livres e laicos». Acrescentou:

«A Polícia agirá vigorosamente, em especial, contra os elementos que se infiltraram nos meios dos estudantes e os incitam a provocar disturbios e a atentar contra as forças da ordem».

O ministro da Educação, Luís Mackay, vai dirigir uma mensagem aos estudantes. — (A. N. I.) e (F. P.).

Diario de Lisbôa
PUBLICA HOJE
32 páginas
nas quais se inclui
MAGAZINE
●
Amanhã, como é de uso em igual dia dos anos anteriores, estão encerrados todos os nossos serviços, não se publicando, por isso o nosso jornal.

A nova estrutura da Argélia anunciada pelo general de Gaulle não satisfaz os activos e impacientes partidários da integração total

CONSTANTINA, 4 — Ainda é cedo para avaliar do efeito do discurso do general de Gaulle na opinião argelina (europeia e muçulmana). Por agora, mantém-se o ambiente de festa popular que acolheu o chefe do Governo na quarta viagem á Argélia.

As notas discordantes, que surgiram aqui e ali, não perturbaram o ambiente de harmonia geral. Nem por isso deixa de ser evidente que o general de Gaulle não contentou toda a gente com o seu discurso, que se afigura a *Carta* das novas relações entre a França e a Argélia. O programa do presidente do Conselho surpreendeu, de maneira geral, pela ambição e precisão nos domínios económico e social. Os observadores franceses e estrangeiros que acompanham o séquito do general concordam em notar o carácter «atraente» e «generoso» desse programa, assim como os encargos muito pesados que vai provocar na metrópole. Esses observadores desejariam saber se os muçulmanos aglomerados na Praça de Brecha apreenderam bem

(Continua na 10.ª página)

Visado pela Comissão de Censura

ESTA SEMANA, DIZ O MÉDICO...

A terapêutica pelas emanações

pelo DR. AUGUSTO D'ESAGUY

A descoberta da radioactividade, nas fontes termais, tornou compreensível a crenoterapia, dando fundamento lógico, científico, á crenologia, cuja acção enigmática se rodeava toda ela de mistério e até de magia.

Explicou-nos, ainda, o valor terapêutico de certas águas minerais, aparentemente pobres e parcas em composição salina, as quais, longe das nascentes, são águas mortas, do ponto de vista terapêutico, mas óptimas para ingerir ás refeições.

O facto averiguado das emanações radioactivas variarem de dia para dia, de mês para mês, de estação para estação, não colocam aquelas no mesmo pé de igualdade da mineralização, do repouso físico e moral, da mudança de clima, vida e altitude, regularidade de regime alimen-

(Continua na página seguinte)

Hora de Inverno

Dentro de poucas horas deixará novamente de ser válida a chamada hora de Verão. A's três horas da madrugada de amanhã, os relógios de todo o continente serão atrasados uma hora e... voltaremos ás duas horas, ganhando portanto sessenta minutos de repouso, aliás desnecessários, uma vez que amanhã não é dia de trabalho.

Assim, só na segunda-feira a nossa vida cotidiana sofrerá a influência da hora de Inverno.

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

Diz o médico...

(Continuação da página anterior)

tar, factores tão importantes como as próprias águas mineromedicinais.

A emanoterapia artificial constitui, porém, um capítulo importante da terapêutica radioactiva fraccionada e fraca.

As suas emanações estão íntimamente ligadas com três grandes famílias radioactivas: do uranio, do tório e do actínio.

O mesotório e o tório X encontram-se entre os corpos mais vulgarmente empregados. Quando introduzidos no organismo, transformam-se estes em compostos bastante complexos, cuja acumulação não se torna perigosa devido a um facto: a fixação electiva na medula óssea e nos órgãos hematopoiéticos, tornando-se assim focos permanentes e inofensivos de irradiações.

Forma gasosa de passagem na desintegração do rádio e do tório X, a emanação chamada radon, toron, action, desprovida de afinidade química, é perfeitamente inócua. A emanoterapia traduz sempre emanação terapêutica pelo radon. Quando se fala, porém, de emanação, supõe-se que se trata de rádio.

Toda e qualquer emanação tem, em geral, uma duração efémera. O período de semitransformação para o rádio é de três dias e vinte horas, isto é, 3,83 dias. Para o toron é mais curto ainda: cinquenta e quatro segundos. A vida média desta radiação é de setenta e seis segundos.

A quantidade de energia, posta em liberdade pela desintegração da emanação, é considerável. Trata-se de uma das propriedades físicas fundamentais dos corpos radioactivos. Esta é tanto mais elevada quanto maior for a duração, isto é, a existência do corpo radioactivo.

A emanação de rádio proveniente da explosão de um átomo de Ra (como a emanação de tório originada pela explosão de um átomo de tório X) representa a massa do átomo libertada de uma partícula alfa. Esta partícula é um nucleo de hélio, susceptível de produzir um átomo deste gás pela fixação de dois electrões.

Quando se abandona um fragmento de rádio num vaso fechado, a emanação produzida mistura-se com o ar.

E' fracamente soluvel na água e nos lípidos. A solubilidade do radon é menor nos solutos salinos ricos do que na água.

A emanação é um agente terapêutico de ordem física e energética. A sua acção exerce-se através da energia transmitida aos tecidos no decurso da desintegração. E a libertação desta energia é feita á custa dos raios alfa. A emanoterapia limita-se, em boa verdade, a uma alfaterapia que se pode colocar em face da gamoterapia, virtude prima da curieterapia utilizada na terapêutica do cancro.

Introduzido no organismo, o radon é dirigido hábilmente pela circulação geral. Fixa-se nas hematias em virtude da riqueza destas em lípidos. Possível é que a carga negativa dos glóbulos vermelhos desempenhe papel importante no mecanismo íntimo desta fixação (Schmidt, Mund e E. Salles).

Dois investigadores conhecidos, (Braunstein e Bergell) referiram-se á influência activante do radon sobre a pancreatina, e Bickel, de Genebra, á acção sobre a pepsina.

Stoklasa acentuou a importancia da activação das oxidases vegetais e animais. Devido a esta investigação, tornou-se mais clara e visível a acção biológica da emanoterapia.

Manvert, mais tarde, estudou a acção das diferentes radiações sobre os fermentos. As alfa, ao contrário das beta e gama, activam e determinam acentuada aceleração dos processos catalíticos.

Mais ainda: as emanações de radon bombardeiam as bactérias, reduzindo a sua virulência, e a solução nos lípidos do organismo patenteia uma especial e rica acção sobre o sistema nervoso e as glândulas endócrinas.

Têm uma acção semelhante (Overton) ás dos hipnóticos, soluveis na água e nos lípidos. Não é de espantar, pois, que os doentes durmam melhor nas termas. As emanações têm simultaneamente uma acção sedativa, analgésica e hipnótica.

As águas termais, mercê das emanações (umas mais ricas do que outras), benificiam todo o sistema nervoso vegetativo. Os hipervagotónicos melhoram.

Estas emanações periódicas (Zwaardemaker) são necessárias ao regular funcionamento de certos orgãos. Exemplo: regularidade do automatismo das contracções cardíacas (dependem quase sempre do equilíbrio potássio-sódio).

O radon não se combina com outro corpo, não podendo, devido a isso, formar-se no organismo um composto insoluvel. Destrói-se rápidamente, não havendo portanto acumulação, sempre perigosa.

Depois dos trabalhos de Meyer ficou a saber-se, com notável precisão, que o radon se elimina, na sua quase totalidade, pela via pulmonar. Só uma percentagem mínima é expelida com a urina.

Markl insistiu neste facto: a eliminação total verifica-se passadas duas horas e os produtos resultantes da desintegração são depois excretados pouco a pouco.

Parece que foi Neusser, de Viena, o primeiro médico que instituiu (1904) a terapêutica das emanações artificiais, utilizando pela primeira vez banhos com água radioactiva.

Só mais tarde, porém, His aconselhou tratamentos com inalações de radon.

Estamos longe já dos tempos em que a terapêutica radioactiva consistia na ingestão de soluções de rádio e de tório...

O assunto em questão é muito curioso, cheio de surpresas. Não nos esqueceremos de voltar a ele com mais vagar. Aqui fica a promessa.

A. d'E.

Entrou no Tejo um lança minas da Armada espanhola

Sob o comando do capitão-de-fragata D. Luís Leal Leal, entrou hoje no Tejo em visita de rotina o lança-minas «Marte», da Marinha de Guerra espanhola, agora adaptado a navio-escola e que anda em viagem de instrução de guardas-marinhas.

O «Marte» desloca 2.600 toneladas e tem uma tripulação de 14 oficiais e 173 sargentos e praças, e nele viajam 90 guardas-marinhas. Vem pela primeira vez ao Tejo e atracou ao cais da doca da Marinha, tendo antes salvado ao Forte do Bom Sucesso.

Depois da entrada a bordo do oficial de cumprimentos da Força Naval da Metrópole, foi recebido no «Marte» o oficial português de ligação, 2.º tenente Augusto Faria dos Santos, e o adido naval á embaixada de Espanha.

A's 11 horas, o comandante do «Marte», acompanhado dos referidos oficiais, abandonou o navio e foi apresentar cumprimentos aos srs. embaixadores de Espanha e aos almirantes superintendente dos Serviços da Armada e chefe do Estado-Maior da Armada e esteve no Ministério da Marinha, a inscrever-se no livro de cumprimentos ao titular daquela pasta.

De tarde, as referidas individualidades retribuiram os cumprimentos. Depois de amanhã, o comandante do «Marte», mais quatro oficiais e 45 guardas-marinhas, visitam e almoçam na Escola de Mecanicos e ás 18 e 30 haverá recepção na embaixada de Espanha. No dia seguinte, outro grupo de 45 guardas-marinhas e oficiais espanhóis visitará a Base Naval do Alfeite, onde almoça.

O navio levantará ferro na próxima quinta-feira.

Navios franceses no Tejo

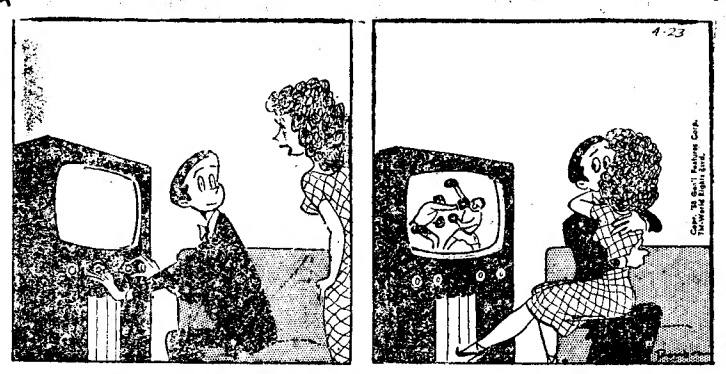
Hoje, de manhã, estiveram a bordo do navio-hidrográfico «Amiral Mouchez», que desde ontem, com o navio da mesma classe «L'Estafette», da Marinha de Guerra francesa, se encontra atracado ao cais do Entreposto de Alcantara, os representantes dos srs. embaixador de Espanha e dos almirantes director-geral da Marinha e chefe do Estado-Maior da Armada, que foram retribuir os cumprimentos ontem apresentados pelo comandante dos dois navios capitão-tenente François. Os navios hidrográficos deixam o nosso porto depois de amanhã.

Reclamações locais

Uma vala de águas estagnadas põe em perigo a saude de uma vila

ENTRONCAMENTO, 2 — A despeito dos vários pedidos dirigidos desde há anos á Hidráulica do Tejo pelas autoridades desta vila, no sentido de ser tapado um velho caneiro, conhecido aqui por «ribeiro» de Santa Catarina, o qual atravessa grande parte desta populosa vila, o certo é que, até á presente data, esse tão necessário melhoramento não foi ainda efectuado, aliás, com grande pesar da população. Urge, entretanto, pôr cobro a essa insustentável situação, não só pelo mau aspecto que causa essa indecorosa e inestética vala, como, principalmente, pelo cheiro a água estagnada, que pode funcionar como um foco emanador de doenças.

ELE & ELA



Boxe e... K. O.

A Golegã pede novo edifício para a sua Câmara

GOLEGÃ, 2 — O edifício dos Paços do Concelho ainda se encontra nesta vila, infelizmente, no mesmo estado de ruínas a que ficou reduzido pelo pavoroso incêndio de 22 de Dezembro do ano findo.

A Camara Municipal tem procurado reedificá-lo, mas, segundo consta, entidades superiores não concordam com a sua construção no mesmo local e insistem no recurso a expropriações. Por sua vez, a edilidade local procura a todo o transe impedir tais expropriações, por verificar que o antigo local (Largo D. Manuel II) é bastante amplo e tem espaço mais do que suficiente para o novo edifício e até mesmo para um Palácio de Justiça, se for necessário separar os serviços judiciais dos restantes departamentos publicos. Além disso, o Município não se encontra em situação de poder despender umas boas centenas de milhares de escudos em expropriações, que considera desnecessárias e que provocariam, da parte dos munícipes, geral descontentamento.

Com todos estes entraves se vão passando os meses e possívelmente os anos, continuando os serviços publicos mal instalados, dispersos em prédios alugados ou generosamente cedidos, com sérios embaraços para o publico e para os mesmos serviços e respectivos funcionários.

Médico homenageado pelos seus antigos colegas enfermeiros

Os enfermeiros do Hospital Julio de Matos promovem na próxima segunda-feira, ás 21 horas, na Pastelaria S. João, na Avenida Paris, um jantar de homenagem ao seu ex-colega sr. dr. Bráulio de Almeida e Sousa, que obteve recentemente, conforme noticiámos, a sua licenciatura em Medicina.

Nessa reunião, o novo clínico receberá o testemunho da admiração dos seus antigos colegas na enfermagem que se sentem orgulhosos pela sua ascensão á classe médica.

O ASSOREAMENTO da barra do Lima

VIANA DO CASTELO, 2 — Na ultima reunião do Município, o presidente, sr. dr. Araujo Novo, ocupou-se mais uma vez do caso do assoreamento do rio Lima, que afecta os terrenos marginais e prejudica, sériamente, a agricultura da região.

Dentro de dias, uma representação dos concelhos de Viana do Castelo e de Ponte de Lima, chefiada pelo governador civil do distrito, avistar-se-á com o ministro das Obras Publicas, a quem será feita uma larga exposição sobre o grave problema.

Tágide

Um êxito de que toda a Lisboa fala!

O famoso Conjunto de

ALEX WILLIAM'S

com

LAURA VILLA

e todas as grandes atracções do Palm Beach

Adultos (maiores de 17 anos)

QUATRO NOITES EM

MADRID

Viagem especial em automotora de 30 DE OUTUBRO a 3 DE NOVEMBRO e numero limitado de participantes, com visita da cidade (manhã) e viagem a TOLEDO e Aranjuez (um dia) em magnifico «autopullman», com possibilidade de se assistir ao desafio REAL MADRID-ATLÉTICO-MADRID em 2-11.

Inscrições até 9 do corrente

Consulte a organização turistica portuguesa (Tel.: 21905 28686

Soc. Turismo Santa Maria, S.A.R.L.

R. AUREA, 292 (esquina do Rossio) — LISBOA

De ontem para hoje

AVEIRO TURÍSTICO

AVEIRO é das mais belas regiões do País. A sua ria, sem par na nossa paisagem, é um cartaz turístico de sugestões infindáveis. A cidade poderia ser, assim, se quisesse ou se lhe fossem facultados meios de o querer, um dos mais belos centros de atracção internacional. Tem a bela praia da Barra, que poderia cosmopolitizar-se; tem o Vouga, de bucolismo aliciante, a dois passos, e tem, principalmente, essa ria esbraceiante, que se espreguiça numa roda de quilómetros. Entre os seus dedos caracolcantes, nesgas de terra, verduras e casinhas graciosas, a confundir-se, no horizonte, com as agulhas das salinas e as velas enfunadas que sulcam a quase sempre placidez aquática, rica de espécies piscatórias. O povo é bom, alegre, hospitaleiro, os salineiros e as tricanas, como os «ovos moles», são legendas de graciosa esmaltagem. Mas, ao contrário do que seria de supor, Aveiro não é a grande zona turística que devia ser e tudo por ali parece plácidamente amortecido e estagnado como os seus canais. Quando acordará a princesa adormecida? O presidente do Município deu-lhe agora um pequenino empurrão. Pediu á Junta Autónoma do Porto de Aveiro que lhe limpe os canais e lhe arranje os muros dos cais. Além do mais, uma cidade é como uma mulher bonita: por muito que o seja, terá de rescender a bom perfume.

FEIXE DE IMAGENS

O prof. dr. Amorim Ferreira foi cumprimentado pelos funcionários do Serviço Meteorológico Nacional, por motivo da passagem do 12.º aniversário da criação daquele departamento, que, tal como o homenageado recordou, em tão pouco tempo conquistou relevante lugar entre os congéneres da Europa. Associaram-se á homenagem, telegrafando, os funcionários do Ultramar.

*** No ano lectivo findo, a cantina escolhar de Ilhavo distribuiu 25.200 sopas a 329 crianças, 170 das quais sem o menor encargo. Outras caixas escolares do concelho concederam auxílio a 935 crianças, no valor de 21.675 contos.**

*** A Polícia Internacional e de Defesa do Estado comunicou á Imprensa ter prendido no aeroporto José Luís Ramos, natural da Guatemala, que seguia de Roma para o México e pedia visto de permanência no nosso País. E' acusado de ter o passaporte viciado e pertencer a um partido ilegal da Guatemala.**

*** As tempestades que ontem assinalámos estenderam-se também ao Entroncamento, onde chegou a haver panico e ruas inundadas. Em Setubal, o temporal foi também violento, registando-se inundações na preia-mar.**

*** Dois actos de tresloucados, cada um deles com o seu caracter: em Mação, onde se inaugurou nova capela, os vandalos destruiram, de noite, uma imagem; perto de Sever do Vouga, um tresloucado (José Raimundo), ao atravessar o rio, deitou á água o barqueiro (Custódio Tavares da Silva), agredindo-o, dentro do rio, á paulada. Foi preso depois de outras tropelias.**

*** Na Escola Francisco de Arruda foram entregues os prémios aos alunos da Escola Ferreira Borges que mais se distinguiram no ano findo. Os premiados foram apenas duas meninas, Maria Odete da Silva Fidalgo e Maria Teresa dos Santos Bengala.**

*** Para intensificar as vendas á Alemanha, Portugal vai abrir escritórios de exportação em Munich e Franckfort. A notícia foi dada pelo adido comercial português, no Dia de Portugal na Feira Internacional de Produtos Alimentícios.**

*** A França apresentou desculpas a Portugal pelo ataque a três trabalhadores portugueses, feito pela Polícia, quando buscava terroristas argelinos. O Governo francês tomará a seu cargo a indemnização das vítimas «e daqueles que a isso tenham direito».**

JORNAL PEQUENO

O Chefe do Estado recebeu Humberto de Saboia. No seu livro de cumprimentos inscreveram-se o coronel João do Sacramento Monteiro, capitães Serpa Rosa e Agostinho Lourenço, comandante Luciano Sena Dentinho, Martin Sain, conde da Lousã e tenente Abreu Calado. * Com o Presidente do Conselho trabalharam os ministros da Presidência e dos Negócios Estrangeiros. * O Presidente da Republica entregou a Grã-Cruz da Ordem Militar de Cristo aos ministros da Justiça e das Obras Publicas. * Entregou credenciais o novo encarregado de negócios em Portugal do Reino de Marrocos. * O dr. Felner da Costa é o novo vogal do Conselho Consultivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, em representação do S. N. I. * Foi nomeado secretário do ministro da Presidência o tenente Clara Pinto. * Morreu afogado num poço, em Riba de Ave, o pequeno Jorge Quintela (11 anos) que tirava água de um poço. * O dr. Mário Galvão Videira, presidente do Município de Belmonte, foi homenageado pelas forças vivas da terra. * Descarrilou no Vale do Vouga (lugar de Fojo), devido a desprendimento de terras, o comboio correio, não havendo desastres pessoais. * Ao pretender derreter goma laca, provocou um incêndio e ficou muito queimada Deolinda Fernandes, Rua das Amoreiras, 85; em Vila Nova de Ourém, caiu ao lume e morreu Joaquim Pereira, de 75 anos, que estava só em casa e sofria de ataques epilépticos.

Talm Beach

UM VERDADEIRO ESPECTÁCULO DE MUSIC-HALL

GERARD FAREL

HELENA TAVARES

LEW & RITA

TONY & IDALECIA

Conjunto TOBIAS VALIDO, com INGE NIELSEN

Adultos (Maiores de 17 anos)

O verdadeiro alcance do I Congresso Nacional da Oliva

O notável surto de desenvolvimento que tem tido, nos ultimos anos, a industria nacional fica assinalado pelo esforço de algumas empresas que, por uma acção persistente, levada a efeito dentro de um inteligente plano de progressivo labor, muito têm contribuído para a valorização da economia portuguesa. Iniciativas industriais, apoiadas num perfeito sentido das técnicas mais modernas, têm permitido, sucessivamente, criar novas fontes de trabalho, dando, ao mesmo tempo, valiosa contribuição para a melhoria do nível de vida de uma população em aumento e para o incremento visível do alargamento de certas povoações de vários pontos do País, fornecendo, simultaneamente, argumentos decisivos para a demonstração das nossas possibilidades de produção de artigos que, ainda recentemente, só obtínhamos por via de importação, com grave inconveniente para a nossa estabilidade económica.

A Oliva é, precisamente, um caso típico desses resultados consoladores, que revelam tanto as nossas possibilidades técnico-económicas, como os resultados evidentes de tão fecundo trabalho. Deve-se-lhe a introdução de novos fabricos, já acreditados por uma experiência feita, assim como se lhe deve, em grande parte, a transformação de uma pacata localidade provinciana num importante centro fabril — S. João da Madeira.

Justifica-se, pois, a curiosidade que desperta o I Congresso Nacional da Oliva, de que tanto se tem falado, ultimamente, numa propaganda digna, que põe, mais uma vez, em relevo um produto nacional conhecido sobejamente do Norte ao Sul do País — a máquina de costura portuguesa.

Foi levados por esta natural curiosidade que procurámos o sr. dr António Domingues, que, além de ser sócio-gerente da EM-DI-MA — Empresa Distribuidora das Máquinas de Costura Oliva, Lda., concessionária para os distritos de Lisboa e Setubal, tem a particularidade de actuar em representação de Industrias A. J. Oliveira, Filhos & C.ª, Lda. — proprietários das Fábricas Oliva — e conhece bem, não sómente o sector comercial, mas também o ambiente que a máquina de costura nacional tem encontrado junto das entidades oficiais.

— Como nasceu a ideia de realizar o I Congresso Nacional da Oliva? — perguntamos.

— A ideia há já alguns anos que estava no espírito de muitos dos mais valiosos colaboradores da Organização Oliva e não foi levada

DR. ANTÓNIO DOMINGUES

por diante mais cedo em virtude de se reconhecer que carecia da maturidade já hoje atingida.

«A experiência adquirida em dez anos de trabalho deu a cada um dos que labutam na Organização Oliva inteira consciência das suas possibilidades, das suas responsabilidades e, também, das suas próprias insuficiências, e por isso julgou-se oportuno, na passagem do X aniversário da inauguração oficial da Fábrica Portuguesa de Máquinas de Costura, levar a efeito esta realização».

— Porquê, nacional?

— E' que este I Congresso não se limita a reunir os elementos do Continente que estão ligados á Organização Oliva. Dele fazem parte activa elementos das Ilhas e das Províncias Ultramarinas.

— Despertou esta iniciativa grande entusiasmo entre os componentes da Organização?

— Na minha qualidade de membro da Comissão Executiva do Congresso tive a feliz oportunidade de verificar o indescritível entusiasmo com que todos os componentes da Organização, desde os de maior projecção aos mais modestos colaboradores, aceitaram a iniciativa. E' longa a lista daqueles que, sem ainda conhecerem os regulamentos e as condições em que se realizaria o Congresso, a ele deram a sua pronta e desinteressada adesão. Para se fazer uma ideia mais completa da maneira como a iniciativa foi recebida, basta dizer que nos próximos dias 6, 7 e 8 se vão reunir em S. João da Madeira, localidade onde se encontram instaladas as Fábricas Oliva, mais de 500 colaboradores.

— Qual foi o acolhimento dispensado pelas entidades oficiais?

— A todos os títulos e sem qualquer excepção pode classificar-se de muito satisfatório. Por isso é possível contar com a presença de mais de 60 individualidades, muitas das quais representativas dos sectores da Administração mais ligadas ás coisas da industria e do comércio, que se deslocam a S. João da Madeira, para assistir á sessão solene e ao almoço comemorativo do X aniversário, a realizar no próximo dia 7, e a que se digna presidir Sua Excelência o sr. ministro da Economia.

— Quais os objectivos que se pretendem atingir?

— Permitir a todos os colaboradores da Organização Oliva o ensejo de revigorarem a sua fé nos destinos da máquina de costura portuguesa e, por outro lado, proporcionar-lhes proveitosa lição para melhoria de processos de trabalho.

— A máquina de costura portuguesa tem hoje bom acolhimento entre o publico?

— A industria nacional de máquinas de costura foi estudada com cautela, no plano económico, e apetrechada com consciência, no plano técnico. Daí ter-lhe ficado assegurada boa receptividade da parte do publico, porquanto se garantiu por aqueles meios que a qualidade da máquina Oliva seria equivalente á dos fabricos estrangeiros consagrados.

«Acrescem áquelas circunstancias os factos: de o preço das máquinas Oliva oferecer, em relação a modelos equivalentes da concorrência qualificada, vantagens de venda ao publico que vão desde algumas centenas a mais de um milhar de escudos; e de a Organização Oliva dispor de pessoal especializado na própria Fábrica, que assegura uma eficaz assistência técnica».

O sr. dr. António Domingues termina por nos manifestar a opinião de que, mais do que um acto de pura propaganda, o Congresso Oliva, para cuja preparação tem contribuído com todo o entusiasmo, será uma nova e vigorosa afirmação de fé no valor da industrialização do País, verdadeira causa de alcance nacional, cujos efeitos se projectarão não apenas na economia, mas também na vida social do povo português.

Tome sal de fruta ENO, todas as manhãs para manter essa sensação de bem estar.
ENO com as suas propriedades anti-ácidas, estimula o fígado e actua como laxante suave.

SAL DE FRUTA ENO

ENO e SAL de FRUTA são marcas registadas

Teatros e Cinemas

Atrás do reposteiro

Para o desempenho da peça «Gigi», que se estreará no Teatro Monumental, estão indicadas as actrizes Irene Isidro, Brunilde Judice e Maria Paula.

— O actor M. Santos Carvalho vai substituir o seu colega Alberto Ghira, no desempenho da comédia «A raiha do ferro-velho» em cena no Teatro Monumental.

— Vão bastante adiantados os trabalhos da reconstrução do Teatro Curvo Semedo, de Montemor-o-Novo.

— As artistas Anita Guerreiro e Nina Monteiro fazem parte da nova companhia de revistas do Teatro Variedades.

— Os artistas empresários Amélia Rey Colaço-Robles Monteiro, que se encontram em Madrid, só regressam a Lisboa, a 22 do corrente.

— Foram suspensas as actividades do conjunto artístico «Alegre Embaixada Portuguesa».

— No dia 9, na Sociedade Artística Piedense o «Teatro de Ensaio», representará a peça «Terra firme».

— Está já escolhida a actriz — que será uma estreante — que vai desempenhar a protagonista da peça «O diário de Ana Frank», em ensaios no Teatro da Trindade.

— Faz hoje anos, a bailarina brasileira Irene Lima, da companhia brasileira de revistas, que está a actuar no Coliseu.

— A revista «Fogo no Pandeiro», vai ser reposta no Coliseu, na sexta-feira próxima.

— Pinto de Campos, vai desenhar os figurinos da nova revista, que oportunamente vai entrar em ensaios no Teatro Variedades.

«Gato por lebre»

é o teatro que se dá em geral na Província

A propósito do que o «Diário de Lisboa» publicou há dias, respeitante á situação do teatro fora da capital e do conceito em que o tem o publico, recebemos uma carta do sr. António Augusto Sales, de Torres Vedras, em que vigorosamente confirma e apoia as nossas palavras.

Diz, nomeadamente, o nosso leitor:

«As considerações formuladas pelo articulista, nesse jornal, surgem após a conclusão do trabalho levado a efeito pela companhia de teatro «Os Comediantes», trabalho que traduz um esforço elevado e digno dos maiores elogios. Depreende-se que do talento, boa vontade e espírito de sacrifício de Brunilde Judice-Alves Costa alguma coisa ficou de positivo, mas também muito pouco compensador. Creio que a companhia não terá tido na Província a recompensa material que seria para desejar o que é a resultante de uma série de factores que generalizaram a desconfiança entre o publico e de que as companhias honestas sofrem as consequências.

A atitude de indeferença tomada pela Província perante o teatro que vem até ela não se deverá considerar de «ingrata» mas de prudente. A Província é, de vez em quando, visitada por agrupamentos artísticos que vão desde os programas rádio-publicitários ás companhias de teatro de revista e declamado. Duma maneira geral, os espectáculos são anunciados com os ares espaventosos duma publicidade enganadora. Em princípio, o publico sequioso acorria, para depois verificar o logro em que tinha caído. A essas companhias em digressão quase sempre lhes falta, á ultima hora, o artista «sr. Fulano de Tal» que teve dores de barriga ou apanhou a gripe; apresentam montagens deficientes e representam sem um mínimo de brio profissional. Saem de Lisboa convictos de que o provinciano tudo admite e aplaude e preparam-se sorridentes para lhe enfiar o «barrete» dando-lhe «gato por lebre».

Os casos de falsidade artística que aparecem por estas bandas são constantes e, por consequência, constante se torna o descrédito perante o publico.

Poucas semanas antes da apresentação nesta vila da companhia «Os Comediantes», tinha sido dado um espectáculo por uma «grande» companhia de revista que pelo seu baixo nível mais uma vez alertou o publico local sobre as atitudes futuras a tomar. Resultado: enquanto os primeiros tiveram bastante publico os segundos viram-se apenas com escasso numero de assistentes. Apesar disso, não se esqueceram da consideração que aos presentes deviam, e a estes deram uma representação digna. Saíu o publico satisfeito. Sairão mais amanhã, perante companhias honestas e de nível, porque na província também há senso artístico.

A mais directa solução para o problema reside no valor e honestidade de quantos nos visitam. Impedir os aventureiros de comercializar a arte ignóbilmente e facilitar as digressões a todos que trazem até nós contribuições válidas para uma maior e melhor divulgação do teatro. Tornar os preços de bilhetes desses espectáculos acessíveis á bolsa do provinciano médio. Fazer uma publicidade eficaz e verdadeira (duma maneira geral é feita com pouca antecedência) e trazerem originais que nos ponham perante o teatro recente e não velho e bolorento como quase sempre acontece.

Haverá outras medidas de protecção, a tomar para com as companhias, mas essas não me compete discutir.

Quando o publico da Província for posto perante uma realidade que seja o desmentido absoluto dos logros actuais, ele estará com o teatro; enquanto assim não for, ele repudiará todo um teatro que, como bons ou maus nomes, lhe aparece na sua terra como forma falsa e negativa da arte».

Music-hall

Estreia da parelha de baile «Rosita and Lamar», no «Maxime»

Agora, sob a direcção de uma nova gerência, que vem evidenciando um notável esforço para trazer a Lisboa as maiores e mais modernas celebridades do «music-hall», o «Maxime» apresentou, em estreia, uma atracção que vem precedida da fama de ter alcançado um êxito de rara sensação na selecta pista do «Palladium», de Londres. Trata-se da brilhantte parelha «Rosita and Lamar», que maravilhou o publico com a execução de três bailados, que serviram para revelar a medida da sua arte admirável, com inteligência, sensibilidade e perfeição técnica.

Após o primeiro numero, «The moon was yellow», segundo partitura de Fred E. Ahlert, ecoaram na sala aplausos gentis e prolongados a exteriorizar o agrado da assistência pela elegancia de estilo e definição de atitudes de um bailado onde a fantasia e a acrobacia se conjugam num alarde de beleza, força e harmonia. No segundo numero, «Love Dreams», «Rosita and Lamar» superaram-se na interpretação da partitura do famoso compositor Franz Liszt, dominando primorosamente os segredos da técnica com suavidade, delicadeza e sentimento. O terceiro numero, «Morena de mi capla», a notável parelha voltou a colher fartos aplausos pela expressão castiça que imprimiram á partitura de Carlos Castellanos: um «paso-doble» de ritmo endiabrado sobre motivos da festa brava. — F.

Primeiras exibições

«Monpti», no Eden

Romy Schneider tornou-se uma das vedetas mais queridas do publico lisboeta que, apesar de tudo, ainda continua romantico — pelo menos, no largo sector feminino. Os filmes em que entra são 50 % por ela. Loura, corpinho fruste, grandes olhos azulados, onde florescem miosótis, Romy Schneider surge-nos neste «Monpti» (o «monpetit» efusivamente amoroso das francesas) em pleno Paris, libelula graciosa, que nos dá um reflexo da alma da tentacular cidade. A produção é alemã e conta-nos uma história fina, idílica e alegre, com um final inesperado. O entrecho decorre em Montmartre, ruelas pobres, mansardas onde habitam o sonho e a poesia. Ela é uma gentil «midinnette» que tem as suas fantasias. Sonha com os olhos abertos o que talvez quisesse ser, ter sido. Ele, um pintor hungaro, jovem e impetuoso. O clima de Paris é bem dado. O filme, a cores, está cheio de pitoresco anedotivo, de «trouvailles» graciosas. Por vezes, lembra-nos, com outro estilo, a temática lírica de Henry Murger. A novela amorosa delicia-nos a visão, seduz-nos o espírito, faz-nos vibrar sentimentalmente. Romy Schneider é encantadora. Vive como um colibri, pureza e ternu-

(Continua na 13.ª página)

No São Jorge

«A Cigana Vermelha»

O filme, que se passa na época turbulenta da Regência em Inglaterra, conta-nos a história de um nobre que se apaixona por uma cigana. Esta leva-o a desprezar todos os preconceitos da fidalguia a que pertence. e transforma-lhe o caracter, a ponto de ser senhora absoluta do seu espírito, como o era do seu corpo, através de uma série de diabólicas maquinações de violências.

Desempenha o árduo papel de cigana vermelha, porque adora tudo quantdo é vermelho — a notável actriz grega Melina Mercouri, secundada por artistas como Flora Robson, Keith Michell, Patrick Mc Goohan e June Laverick, que tão bem conhecemos do cinema inglês.

Realização perfeita de Joseph Losey e magnífica fotografia colorida.

Em MOURA é o «Diário de Lisboa» vendido pelo sr. José Jorge Benites.

Às 20.30 e 22.45 — Adultos M/17 anos

MARIA VITÓRIA

Emp.ª E. Salvador e R. Martins, Lda.

SALVADOR

APRESENTA

A SUA MELHOR REVISTA

POR CAUSA DELAS...

COM

BIBI FERREIRA

ANTÓNIO SILVA

BARROSO LOPES

HUMBERTO MADEIRA

MIMI GASPAR

A ATRACÇÃO ARGENTINA

PERLA CRISTAL

COM EL BEBO

AMANHÃ

ESPECTÁCULO

À TARDE

ÀS 16 HORAS

O «DANCING» ONDE LISBOA NUNCA FALTA

Casapoga

TELEF. 23584

AV. LIBERDADE, 137

(ADULTOS M. DE 17 ANOS)

UM ELENCO DE MUSIC-HALL EM SURPREENDENTE ÊXITO

A SUPER-ATRACÇÃO DE QUE TODOS FALAM:

BALLET MILOS RISTIC

Um conjunto de rara e fascinante harmonia plástica

O ESCULTURAL

BALLET ROSALIN ROY

A NOTÁVEL BAILARINA VICTORIA PASTOR

Permanente música de baile por SERGIO E SUA ORQUESTRA

• LUSO •

PALÁCIO DE S. ROQUE — T. 32889

HOJE — GRANDIOSO ESPECTÁCULO EM COMEMORAÇÃO DAS BODAS DE PRATA DA POPULAR ARTISTA

MARIA CARMEN

Fados, pelos representantes das casas típicas: **MESQUITA, TIPOIA, FAIA, SEVERA, PARREIRINHA D'ALFAMA** e **SALÃO LUSO. — VARIEDADES** por **MARIA AMÉLIA, RUI METELO, MÁRIO SARGEDAS** o ilusionista **ZURK** e sua filha **LÉNITA, RAPAZES DO RITMO.** Os cantores: **ARTUR RIBEIRO, LOUBET BRAVO** e **SÉRGIO.** Fim de festa com as grandes atracções brasileiras: **NEIDE, MARA, SPINA** e **BADARÓ.** Direcção a cargo de **JOÃO L. BARBOSA, FILIPE PINTO** e **FAUSTO RIBEIRO. — AMANHÃ: GRANDIOSA «MATINÉE»,** para maiores de 17 anos.

MAIS UM GRANDIOSO ÊXITO NO

Carlos Alves

Aida Baptista

Antónia Montes

Álvaro Pereira

Fátima Bravo

Wladimira Costa

Luís Horta

ABC

Emp. Teatral ABC, Ld.ª Telef. 366783

PARA ADULTOS MAIORES DE 17 ANOS

VIRA O DISCO

E UM SENSACIONAL E MAGNIFICO CONJUNTO DE LINDAS RAPARIGAS NA JÁ FAMOSA REVISTA

NÚMEROS NOVOS! NOVOS ARTISTAS!

MAIS UM FORMIDÁVEL E ALEGRE ESPECTÁCULO DE JOSÉ MIGUEL

HOJE E TODAS AS NOITES, ÀS 20.30 E 22.45 * AMANHÃ, ESPECTÁCULO ÀS 16 HORAS

VILA FRANCA

de 5 a 9 de Outubro de 1958
DOMINGO, 5 AS 16 HORAS
Toiros do dr. Emílio Infante da Camara (Herdeiros)
CAVALEIROS:
MANUEL CONDE
DAVID RIBEIRO TELES
ESPADAS:
JOSÉ JÚLIO
(o melhor toureiro português)
LUÍS ALFONSO GARCÉS
em 3 corridas toureadas na Monumental de Madrid: 7 orelhas e 3 saídas em ombros
Forcados de Lisboa, capitaneados por **Adelino de Carvalho**

*

Segunda-feira, 6, ás 16 horas
Toiros de José Pedrosa
CAVALEIROS:
ALBERTO LUÍS LOPES
PEDRO LOUCEIRO
ESPADAS:
EMÍLIO OLIVA
a revelação da Andaluzia
MANUEL DURÃO
JOSÉ SIMÕES
Forcados profissionais de Vila Franca, capitaneados por **José da Vila**

*

Terça-feira, 7, ás 21,45 horas
CORRIDA NOCTURNA
8 toiros de **Oliveira** (Irmão)
CAVALEIROS:
Simão da Veiga
E
João Branco Núncio
MATADORES:
Francisco Mendes
E
José Júlio
Grupo Forcados Amadores de Vila Franca, capitaneados pelo sr. **António Porto**
(Para maiores de 12 anos)
Emocionantes ESPERAS DE TOIROS pelas 10 horas da manhã
Comboio especial para Lisboa, depois da corrida nocturna * Bilhetes á venda em Lisboa, ao preço da casa, na Tabacaria Freitas, R. 1.º de Dezembro, 85, e em Vila Franca, no Café Central.
Telefone 87
DIA 9, À TARDE, ATENÇÃO À SENSACIONAL NOVILHADA POPULAR
Estes espectáculos não serão televisionados

TEATRO
MONUMENTAL
Emp. Laura Alves ● Telf. 55133
— ADULTOS M/17 ANOS —
HOJE, ás 21.45 h.
14 A
SEMANA TRIUNFAL
LAURA ALVES
no seu maior êxito
A Rainha do Ferro-Velho
ASSIS PACHECO
MARIA HELENA — ARTUR SEMEDO
● E UM NOTAVEL ELENCO ●
Amanhã espec. á tarde ás 16 h.
Suspensas as entradas favor

PENSÃO MONUMENTAL
COMPLETAMENTE REMODELADA
Casa recomendada serviço de bom hotel
R. da Glória, 21 — Tel. P. B. X. 29807

RITZ CLUB
Adultos — Maiores de 17 anos
MUSICA DE BAILE POR
VILAÇA E SUA ORQUESTRA
NO SALÃO TIPICO:
NOTAVEL SERVIÇO DE CEIAS COM FADOS E GUITARRADAS

A MAIS SENSACIONAL PARADA DE ÊXITOS!
E' TODA A GENTE QUE O DIZ!
HOJE

A PARELHA DE BAILE MAIS SENSACIONAL DO ANO:
ADORACION y JOSE' LUIZ

A ESCULTURAL BAILARINA
CHIQUI RODRI
em admiráveis danças e sapateados estilo americano

A FORMOSA VEDETA
TONI RODRI
em maravilhosas canções de estilo moderno

HERMANOS SACROMONTE
E, ainda, todo o extraordinário elenco artístico deste «Dancing»

MUITO BREVE:
6
GRANDES ESTREIAS

POLICLINICA DA RUA DO OURO
ENTRADA RUA DO CARMO, 98-2.

Dr. Amaro d'Almeida—Medicina, coração e pulmões—As 18 horas.
Dr. Coelho de Castro — Cirurgia, ossos e articulações — As 18 horas.
Dr. Miguel de Magalhães — Rins e vias urinárias — As 13 horas.
Dr. Romão Loft — Doenças nervosas, electroterapia — As 14 horas.
Dr. António Ferrão — Doenças nos olhos — As 14 horas.
Dr. Fernando Vasconcelos Dias — Estomago, fígado, intestinos e doenças ano rectais—As 18 horas.
Dr. Mário Jacquet — Fisioterapia — As 16 horas.
Dr. Casimiro Affonso — Doenças das senhoras e operações — As 15 horas.
Dr. Gonçalves Coelho — Doenças das crianças — As 18 horas.
Dr. Pinto Bastos — Boca e dentes, prótese — As 10 horas.
Dr. Luís Malheiro — Pele e sifilis — As 3.as, 5.as e sábados, das 14 ás 16 e 30 h
Prof. Dr. Alex Saldanha—Raios X—As 16 horas.
Dr. A. de Barros Simão — Garganta, nariz e ouvidos — As 16 horas.

CALIPSO
PRAÇA DA ALEGRIA, 56
Telef. 34120
O MAIOR EXITO DO MOMENTO
WILBERT BRADLEY DANCER'S
HOJE EM ESTREIA
A ARTISTA
MARIA DOLORES
TODAS AS NOITES CEIAS COM FADOS E GUITARRADAS
Adultos maiores de 17 anos

NO
COLISEU
HOJE,
ÚLTIMO SÁBADO
EM 2 SESSÕES
ás 20.30 e 22.45
GIUSEPPE BASTOS
apresenta
A ALEGRE COMPANHIA BRASILEIRA DE REVISTAS nas ultimas representações da Revista Popular

AI, MEXE... E REMEXE!

QUE VAI SAIR DE CENA EM PLENO EXITO!
PREÇOS POPULARES
GERAL 7$50

Amanhã ultimo domingo
Às 16 h.
Ultimo espectáculo á tarde!
Espec. p.ª 17 anos

NEYDE

SOLAR DA HERMINIA
Largo Trindade Coelho—Tel. 26164
BANQUETES
Jantares e Ceias
Fados e Guitarradas
com
HERMINIA SILVA
e o seu elenco privativo
(Maiores de 17 anos)

Cartaz dos Cinemas

SÃO LUIZ TEL. 27172
15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/17 anos)
Um filme passado na Russia dos czares, um conflito poderoso e paixões ardentes
OS IRMÃOS KARAMAZOV
com **Yul Bryner, Maria Schell** e **Claire Bloom**

EDEN TEL. 20768
15.30 - 18.30 e 21.30
O filme colorido por «Agfacolor» Realizado por **Helmut Kautner**
« M O N P T I »
com **Romy Schneider** e **Horst Buchholl**
Uma história de amor vivida em Paris
Adultos — Maiores de 17 anos

CONDES TEL. 22523
15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/17 anos)
O 1.º prémio da gargalhada do ano!
AMOR... E CONVERSA
com **Vittorio De Sica** e **Gino Cervi**

ALVALADE Telefone 763080
15 (p. r.) e 21.30 (M/17 anos)
Um filme de paixões tumultuosas e amores ardentes passado na Russia dos czares
OS IRMÃOS KARAMAZOV
com **Yul Bryner, Maria Schell** e **Claire Bloom**

AVIS Telefone 47162
15.30 - 18.30 (p. r.) e 21.45 (M/12 anos)
2.ª SEMANA
O mais belo romance musical
A RAPARIGA DAS VIOLETAS
com **Raf Vallone** e **Ana Mariscal**

ROYAL TEL. 845037
A's 21 (M/17 anos)
Cinemascope
COMO MATAR UM TIO RICO
com **Nigel Patrick**
Perversa sedução

TIVOLI TEL. 50595
A's 5 da tarde (p. r.) e 9.15 da noite (M/12 anos)
9.ª SEMANA
CANTINFLAS e 44 vedetas no fabuloso espectáculo de **Michael Todd**
A VOLTA AO MUNDO EM 80 DIAS
A preços normais
Amanhã ás 11 h., S. Clás. «**Luzes da ribalta**» — (M/12 anos)

POLITEAMA TEL. 26303
15,15, 18,15 e 21,30
Grande êxito!
Um filme de acção empolgante sobre a história duma brutal missão secreta
ORDENS PARA MATAR
com **Paul Massie** e **Irene Worth**
(Adultos — M/17 anos)

ROMA Telefone 727778
15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/12 anos)
o filme que excede em encanto e ternura O ULTIMO COUPLET
A RAPARIGA DAS VIOLETAS
com **Raf Vallone** e **Ana Mariscal**

CAPITOLIO TEL. 27493
15,15 e 21,15 (M/17 anos)
Uma mulher descobre entre os horrores da Argélia o amor
MADALENA E O LEGIONÁRIO
com HILDGARD KNEF
No progr.: **A casa encantada**

CINEMA IDEAL Telefone 24194
A's 21 (M/12 anos)
Cinemascope
SUPREMA AMBIÇÃO
Oiro da discórdia

TERRASSE TEL. 20917
Às 21 (M/17 anos)
Dyaliscope
INCÓGNITO
Um rebelde na cidade

IMPÉRIO Tel.: 55134-5
A's 15 e 21 h. (M/12 anos)
O maior acontecimento da história do cinema
OS DEZ MANDAMENTOS
de CECIL B. DE MILLE
com um elenco fabuloso
— Rigoroso Exclusivo —

SÃO JORGE BALCÃO 54154 PLATEIA 54153
15,15, 18,15 e 21,30 (M/17 anos)
De duelo em duelo... conquista-se um coração de Mulher!
Melina Mercouri — Keith Michell
A CIGANA VERMELHA
Eastmancolour — Ar condicionado

MONUMENTAL TEL. 55131
15.15 - 18.15 e 21.30 (M/12 anos)
2.ª SEMANA
Technicolor
As ilusões, os amores e os dramas no mundo do TEATRO
LÁGRIMAS DA RIBALTA
com **Henry Fonda** e **Susan Stresberg**

ODEON Telefone 26283
15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/12 anos)
2.ª SEMANA
Um filme adorável que o publico jamais esquecerá
A RAINHA DO CUPLÉ
com a formosa vedeta **Lilian de Célis**

LIZ TEL. 48560
A's 21 (M/17 anos)
Eastmancolor
O ULTIMO COUPLET
Anos de violência

RESTELO Telefone 510375
21.15 (M/17 anos)
Cinemascope Tech.
AMAR NÃO É PECADO
com **Lana Turner**

CASINO ESTORIL
21.30 (M/17 anos)
INCIDENTE NO YANGTSÉ
com **Richard Todd**

Leiam o «SEMPRE FIXE»

«BOITE DE NUIT» **N-I-N-A** Adultos—M. 17 anos
À TARDE E À NOITE, EM PLENO ÊXITO O
BALLET MONTMARTRE
COMPOSTO DE 6 ESCULTURAIS BAILARINAS

CAVALHEIRO
V. Ex.ª encontra: Doçaria caseira, Café de Timor em balão — Inconfundivel —
UMA PEGA 6$50 no
BAR RIBATEJO — Praça do Areeiro, 11-D.

SOM E LUZ
MOSTEIRO DOS JERÓNIMOS
TODAS AS NOITES: 21.30 h. e 22.30 h.
SÁBADOS E DOMINGOS — PREÇOS REDUZIDOS
MAIORES DE 12 ANOS
SÁBADOS E DOMINGOS — MAIORES DE 6 ANOS

DESPORTOS

«Nacional» da 1.ª Divisão de Futebol

Benfica, Setúbal e F. C. Porto

os primeiros classificados do torneio

são visitantes em jogos de vaticínio difícil

O campeonato das surpresas tem amanhã a sua 4.ª jornada que engloba, digamos, todos os jogos com interesse idêntico, virtude que por enquanto não se desvirtuou desde que principiou o torneio. Contudo, as saídas do Benfica, Vitória de Setubal e F. C. Porto despertam maior atenção visto que se trata dos clubes que ocupam os três primeiros lugares na classificação.

Os encontros que se realizam amanhã, ás 15 horas, são os seguintes:

Lusitano-Torriense
Sporting-V.ª Setubal
Cuf-F. C. Porto
V. Guimarães-Sp. Braga
Caldas-Barreirense
Académica-Belenenses
Sp. Covilhã-Benfica

Em face destes agrupamentos, os cálculos, como é evidente, são infinitos, no que respeita ás prováveis mudanças na classificação. Se a repetição das surpresas anteriores se verificar novamente, teremos conclusões dispares. A hipótese é perfeitamente admissível.

Os três guias em viagem

O terceto, que ocupa a vanguarda com 5 pontos, tem saídas, por sinal, eriçadas de espinhos.

O Benfica estará na Covilhã. Recorda-se o empate registado por ocasião da festa de homenagem a Fernando Cabrita, mas presentemente a forma das equipas, bem melhor, promete um despique mais emocionante, cujo resultado se afigura problemático. O «duelo», que se prevê, será travado entre os avançados «encarnados» e os defesas serranos. O engodo revelado no passado domingo contra a Académica constitui um sério aviso para o grupo covilhanense. Mas há que contar com o sentido do contra-ataque dos serranos.

O F. C. Porto tem a sua segunda saída neste campeonato, tal como sucede ao Benfica. Na primeira, em Evora, os Nortenhos conseguiram uma vitória, após exibição convincente, ao contrário do que os «encarnados» produziram.

Na equipa de Otto Bumbel, que parece não ter ainda afinado a ligação dos sectores, defronta o Desportivo da Cuf, num embate que se reveste de características especiais — talvez o mais importante da jornada. Os cufistas reunem condições para incomodar sériamente os Nortenhos, mas estes, com as suas estrelas' (Hernani e Carlos Duarte), podem resolver a questão antes que ela se complique. A duvida reside na eficiência do sector defensivo do F. C. Porto.

O Vitória de Setubal, que tranquilamente «trepou as escadas» para chegar ao 1.º lugar, virá ao Estádio Alvalade para enfrentar um Sporting, notàvelmente moralizado com o triunfo obtido em Utrech.

Os Sadinos não costumam, sempre que se deslocam ao Lumiar ceder ás primeiras contrariedades. Na equipa há força, juventude e animo inquebrantável e ainda talento técnico. O Sporting, por sua vez, se contar com um trio-central realizador, obterá a vitória que está a tardar. As derrotas, registadas contra os Bracarenses e Portistas, esta com o seu quê de injustiça, constituirão um estímulo poderoso. Jogo, portanto, de feição emotiva e que é susceptivel de proporcionar muitos golos.

O «derby» minhoto em foco

Em Guimarães, o Vitória local recebe o Sporting de Braga. Ambos ocupam o 4.º lugar, com 4 pontos. A tradicional rivalidade reacender-se-á mais uma vez, reforçada com a perspectiva do vencedor ficar de posse com a flamula do melhor, temporàriamente. A subida de forma dos Vimaranenses, que não esqueceram o triunfo registado no Barreiro, representa um factor valioso.

Mas o Sporting de Braga, que perdeu no seu campo frente á Cuf, tentará, como é evidente, a reabilitação. O empate entra no domínio das hipóteses...

O Torriense, a terceira equipa com 4 pontos, desloca-se a Evora. Outra saída difícil e outro vaticínio também bastante difícil. Afigura-se, no entanto, que o Lusitano, que é o ultimo da classificação com zero pontos, consiga o seu primeiro triunfo. Se tal não acontecer, então será caso para a equipa local começar a preocupar-se quanto ao seu futuro.

O Belenenses em Coimbra

Os «azuis» de Belém deslocam-se a Coimbra, num jogo em que o 7.º defronta o 12.º, pormenor sem o mínimo significado, acentue-se, porquanto um ponto sómente separa as duas equipas. A Académica, que não desiludiu quando actuou no Estádio da Luz, procurará, agora «apagar» a impressão que a derrota deixou e, francamente, parece apetrechada para o conseguir, embora o Belenenses possua recursos suficientes para vincar presença no despique que se prevê rijo e emocionante. A turma de Matateu, por outro lado, «necessita» de uma exibição convincente. Talvez seja possível, se a Académica consentir...

Por ultimo, o Caldas-Barreirense. Trata-se de um jogo fácil para o grupo local, dado que os Barreirenses não atravessam um bom momento. Mas será bom não contar com coisa certa. De repente, tudo se pode modificar.

HÓQUEI EM PATINS

O Cascais

exibiu-se em grande plano ante a briosa equipa do Campo de Ourique

O encontro do Campeonato do Sul de Hóquei em Patins, entre o Cascais e o Campo de Ourique, disputado na pista dos cascalenses terminou com a vitória destes por 6-5. Resultado assás enganador pois, no aspecto técnico, os locais disfrutaram, na maior parte do tempo, de superioridade ibeontestável.

O seu binário Mota-Trabazos, com constantes desmarcações e esquematizando lances de fino recorte, como, íamos a dizer, só esses dois jogadores sabem traçar, proporcionou óptimos momentos e os seus remates mortíferos, em numero de seis, não foram mais do que a conclusão espectacular de tantas outras oportunidades criadas com beleza. E, note-se, que o pendular defesa Carlos Silva não fez actuação á altura dos seus créditos.

Todavia, um frémito de emoção perpassou pela pista de Cascais, quando os lisboetas, aos 8 minutos do segundo trecho da partida, lograram passar a conta de 4-2 para 4-4.

E se, decerto modo, muita virtude se pode atribuir aos homens de Jorge Barbosa, a igualdade, nesse momento devia-se muito á fraca noite de Raposo, um guarda-redes que foi convocado para os treinamentos da selecção nacional. Mas Raposo teve uma «noite-não», fenómeno que sucede ao mais «pintado»...

Francisco Marques regressou á sua equipa e deu maior coesão ao sector defensivo, a despeito dos cinco golos sofridos por Matos, que só um pareceu ter culpas.

Sob a arbitragem de Manuel Henriques, as equipas alinharam e marcaram:

CASCAIS — Raposo, Carlos Silva, Fernando Silva (1), Luís Mota (2), Trabazos (3) e Basílio.

C. OURIQUE — Matos, Francisco Marques (1), Bernardino, Nazário, Rebelo (2) e Barreto (2).

TORNEIOS DE FUTEBOL

Os guias da classificação

do «Nacional» da 2.ª Divisão

têm amanhã jornada tranquila

Vence-se amanhã a quinta jornada do campeonato nacional da 2.ª Divisão. São mais catorze jogos a contar para a «maratona» do nosso futebol, todos eles aguardados com o maior interesse, pois todos os concorrentes alimentam, ainda, as suas melhores esperanças.

Na Zona Norte, o programa inclui os seguintes desafios:

Gil Vicente (2)-Boavista (6)
Vianense (4)-Oliveirense (7)
Spt. Espinho (1)-Chaves (7)
Vila Real (3)-Tirsense (3)
Sanjoanense (4)-Peniche (4)
Salgueiros (2)-Marinhense (6)
Leixões (7)-Portalegrense (0)

Entre parentesis indicam-se os pontos que cada equipa tem para a classificação.

A jornada parece destinada a desfazer o trio dos guias da classificação, pois enquanto o Leixões joga no seu campo contra o «lanterna-vermelha», a Oliveirense e o Chaves tem deslocações de certo modo difíceis, como difíceis têm de ser consideradas as idas do Boavista e do Marinhense aos campos dos adversários.

Os jogos de Vila Real e de São João da Madeira, entre equipas empatadas na pontuação revestem-se do maior interesse, pela dificuldade de vaticínios.

Na Zona Sul a ordem dos encontros é a seguinte:

Coruchense (2)-Oriental (3)
Serpa (4)-Farense (2)
Juventude (4)-Arroios (2)
Portimonense (5)-Sacavenense (3)
Olhanense (7)-Almada (4)
Estoril (6)-Desp. Beja (2)
Atlético (6)-Montijo (6)

Na área de Lisboa disputam-se, apenas, dois desafios, mas um deles reveste-se de excepcional importancia, pois coloca frente a frente duas das três equipas que seguem o guia. Referimo-nos ao Atlético-Montijo, em que os Lisboetas para confirmarem o favoritismo terão de empregar-se a fundo.

No Estoril, a equipa da Costa do Sol recebe o Desportivo de Beja e deve vencer.

As três restantes equipas lisboetas— Oriental, Arroios e Sacavenense — deslocam-se para os campos dos adversários e têm tarefas difíceis a realizar, esperando-se, todavia, que dêm boa réplica.

O Olhanense, recebendo o Almada, não deve deixar de continuar isolado, no comando da classificação.

Os jogos da A. F. L.

A jornada de amanhã, relativamente ás competições que a Associação de Futebol de Lisboa tem em curso, é igual ás anteriores.

O Campeonato Distrital da 1.ª Divisão engloba os seguintes desafios: Casa Pia-Sintrense, Vitória-Futebol Benfica, Alhandra-S. L. Olivais, Vila-franquense-Operário e Desp. dos Olivais-Alverca — todos nos campos dos clubes indicados em primeiro lugar, ás 13 e 15 horas, respectivamente, em reservas e honras. Nos desafios da Picheleira e de Vila Franca houve troca de campos.

O jogo mais importante é, sem sombra de duvida, o de Alhandra, dada a posição que as duas equipas presentemente ocupam.

*

O Campeonato de Juniores da A. F. L., 1.ª Divisão, fornece mais uma jornada de relativo interesse. Eis o programa:

Série A — Unidos de Algés-Cascalheira, em Algés; Sporting-Arroios, em Alvalade (treinos); Palmense-Estoril, em Palma; Belenenses-Atlético, no Restelo — todos ás 10.30 h.

Série B — Oriental-Alhandra, em Marvila; Charneca-Torriense, na Charneca; Povoense-S. L. Olivais, em Povoa; Vialonga-Benfica, na Vialonga— todos ás 10.30 h.

Os jogos de maior expectativa são o do Restelo e o de Vialonga.

Várias provas de amanhã

ANIVERSÁRIOS

O Sporting Clube de Linda-a-Velha comemora amanhã o seu 21.º aniversário, com um festival, cujo programa é atraente, englobando natação, atletismo e futebol.

Assim, ás 10 horas da manhã, disputa-se uma prova de rio, entre Algés e Cruz Quebrada, reservada a nadadores populares, com o patrocínio da Associação de Natação de Lisboa; ás 14 horas, no campo de treinos do Estádio Nacional, efectuam-se, também, para populares, provas de 100, 200, 700, 2.000 metros e estafeta 4×100 metros; ás 16 horas, haverá um desfile de todos os clubes representados no festival; ás 16 e 15, realiza-se um desafio de futebol, entre a categoria de honra do Linda-a-Velha e a reserva do Belenenses. Em todas as competições serão disputadas taças e medalhas.

À noite, na Academia Recreativa de Linda-a-Velha haverá sessão solene e distribuição de prémios, seguindo-se baile.

ATLETISMO

A secção de atletismo do Benfica, promove amanhã, ás 9 e 30 horas, na pista do Campo Grande, mais um torneio de atletismo para sócios e simpatizantes, com as seguintes provas:

80, 700, 2.000 metros, comprimento, vara, peso, disco e dardo.

CICLISMO

Alpiarça vai estar amanhã, em festa, por motivo de várias competições de ciclismo, que atrairão os melhores corredores da actualidade. De manhã, ás 9 e 30 horas, realizar-se-ão os campeonatos nacionais de velocidade, para todas as categorias; á tarde, a partir das 15 horas, disputar-se-ão várias provas de eliminação, critério e «americana», para corredores independentes, amadores e populares.

GOLFE

Inaugura-se amanhã mais uma temporada de golfe, no campo do Estoril, que é, sem duvida, o principal centro de actividade deste desporto no nosso País. A nova época apresenta-se com as melhores perspectivas, a avaliar pelo programa— muito vasto.

Amanhã, os nossos jogadores, em numero que aumenta de ano para ano, poderão disputar o «Torneio de Abertura», em «singulares», homens, por pancadas, com e sem abono.

NATAÇÃO

Amanhã, ás 11 horas, na piscina de Algés conclui-se um torneio interno do Sport Algés e Dafundo, denominado «Fim de época», destinado a todos os sócios do clube, sendo os concorrentes agrupados por idades.

— O Clube Nacional de Natação, também, promove amanhã, na sua piscina de S. Bento uma reunião, marcada para as 16 horas, em que se dá continuidade aos campeonatos do clube.

TIRO AO ARCO

No campo de treinos relvado, do Estádio Nacional, disputa-se amanhã, uma prova de tiro ao arco, para disputa da taça «Apolo-1958». A competição deve-se á iniciativa do Carnide Clube e consiste na execução de 144 disparos de flecha, 72 á distancia de 50 metros e os outros 72, á distancia de 30 metros.

Hoje à noite

BASQUETEBOL — Em comemoração do 31.º aniversário da Federação, realiza-se, ás 20 e 30 horas, um banquete durante o qual serão homenageadas diversas individualidades ligadas á modalidade, entre elas o nosso prezado colaborador, José Batalha.

GINASTICA — O Lisboa Ginásio promove, ás 21 e 30 horas, uma sessão solene, comemorativa da abertura da época 1958/59, a qual será preenchida por uma comunicação do prof. António Paula Brito sobre as impressões recolhidas na sua recente viagem de estudo.

O Benfica, na sua sede, ás 21 e 30 horas, realiza também uma sessão para distribuição de prémios relativos á época anterior. Será proferida uma palestra sobre «Os Jogos na Educação Física» pelo prof. Silva Ferreira.

MOTORISMO — Na distancia de 150 kms. disputa-se o «Rallye» Nocturno, do Sporting, prova de automóveis, motos e «scooters».

NO RINQUE DO CAMPO DE OURIQUE — A partir das 21 horas, realiza-se um festival misto, com um jogo de hóquei em patins entre os juniores do Benfica e Belenenses, e prova negativa de ciclismo.

ÁLVARO GIÃO

vai ser homenageado

O internacional de hóquei em campo, Alvaro Gião, do Benfica, vai ter amanhã uma justissima homenagem. Com 43 anos de idade, ao cabo de 29 anos de actividade desportiva, Gião receberá o apreço publico da sua extraordinária perseverança e dedicação por uma modalidade que não interessa ás grandes multidões, o que torna o seu exemplo mais digno de admiração.

O festival, que se realiza no Campo Grande, é o seguinte:

Hóquei em campo, ás 9 horas, Lisboa-Porto (veteranos); ás 10 e 30, Benfica-Misto de Lisboa; ás 11, elogio do atleta, feito por Amadeu José de Freitas. Finalmente, defrontam-se, em futebol, o Sport Lisboa e Saudade e a Velha Guarda do Sporting.

Ajudauto, L.da
PRONTO SOCORRO
de automóveis de qualquer parte
— do País —
TODOS OS DIAS E A TODA A HORA
INCLUINDO DOMINGOS
R. Damião de Góis, 18-B a 18-E a Algés — T. 610051

O «Diário de Lisboa» e o «Sempre Fixe» são vendidos em ALENQUER por Cacilda da Conceição Granada.

O aniversário da proclamação da República

Uma data nacional

(Continuação da 1.ª página)

Os homens, porém, nem sempre se mostraram á altura das circunstancias. Os acontecimentos ultrapassaram-nos. Operou-se uma transformação no regime, quando o interesse nacional o exigiu. Novas linhas de rumo se seguiram, novas formas constitucionais se adoptaram. O ideal republicano, porém, mantém-se puro na consciência nacional como na primeira hora e o País já não saberia nem poderia reger-se por outras instituições que não fossem aquelas que livremente aceitou em 5 de Outubro de 1910. Sejam quais forem as dificuldades por que o regime tem passado, os sacrifícios consentidos e as limitações que nos têm sido impostas em nome de um imperativo categórico de salvação pública, ninguém de bom senso poderia pensar em mudá-lo, porque se arriscava a uma tremenda desilusão — e, mais do que isso, á condenação sem apelo da História, que há-de julgar com imparcialidade os actos daqueles que pretendem fazê-la e muitas vezes se limitam a confundi-la com a crónica mesquinha das suas vaidades e ambições.

Tem-se falado muito, ultimamente, da «lição da França», que se considerou sempre um exemplo de democracia e a pátria incontestada dos direitos do homem. Ora, a verdade é que o voto dado pela França á nova Constituição, por mais eloquente e significativo que seja, se por um lado serviu a condenar os costumes parlamentares que tinham desacreditado a IV República, por outro — como escreveu o insuspeito redactor-chefe do «Figaro» — «longe de se pronunciar a favor do poder pessoal e dos métodos autoritários, faz confiança ao general de Gaulle para aplicar uma Constituição democrática e opor-se ás tentativas de ditadura, venham de onde vierem», isto é, á supressão das liberdades essenciais, que são tão caras aos Franceses como o próprio ar que respiram.

Entre nós, porém, nem todos pensam do mesmo modo e alguns querem á viva força fazer-nos acreditar que se instaurou em França um regime autoritário, que suprimiu as liberdades públicas e reforçou o poder pessoal de um homem.

A data que amanhã se comemora — e é curiosa a coincidência com a entrada em vigor da nova Constituição francesa — não é a efeméride privativa de um partido ou de uma facção; é uma vitória de todos os Portugueses. Cabe á Nação inteira comemorá-la com dignidade e aos republicanos honrá-la tanto por actos como por palavras, sem dar lugar a intervenções inúteis e a ilações injustas.

Por mais que se diga que as formas de governo não contam e só os homens que as servem contribuem para lhes imprimir eficiência e prestigio — o que, até certo ponto, é exacto — a verdade é que as instituições republicanas estão hoje tão profundamente identificadas com o sentimento nacional que seria, mais do que uma loucura, um crime de lesa-Pátria pensar em substitui-las por outras que pertencem ao passado e não oferecem perspectivas de futuro.

As comemorações de amanhã

Romagem ao cemitério do Alto de S. João

Amanhã, ás 9 horas, devidamente autorizada, efectuar-se-á uma romagem ao cemitério do Alto de S. João, seguida da deposição de flores junto do Monumento ao Presidente António José de Almeida, cerimónia esta que está marcada para as 11 horas.

A romagem é promovida pela comissão das Comemorações Nacionais do 5 de Outubro, constituida pelos srs. general Humberto Delgado (Presidente de Honra), António Sérgio, Aquilino Ribeiro, almirante Carlos Quintão Meireles, eng.º Francisco da Cunha Leal, drs. Jaime Cortesão, João de Barros e João da Silva, prof. José Maria Barbosa de Magalhães, almirante José Mendes Cabeçadas, prof. Mário de Azevedo Gomes e almirante Sousa Dias e Tito de Morais.

Distribuição de donativos

Conforme noticiámos, por iniciativa do Governo Civil de Lisboa, as Juntas de Freguesia distribuem amanhã, donativos ás famílias mais necessitadas das suas áreas.

Missa de sufrágio

Na igreja da Madalena, por iniciativa da Acção de Beneficência 5 de Outubro, reza-se missa, amanhã, ás 10 e 30, por alma de D. Herculana de Carvalho; generais José Vicente de Freitas, Daniel Rodrigues de Sousa, Ernesto de Sá Cardoso, Roberto Baptista Correia Barreto, Pereira Bastos, Bento Roma e Almeida Aires; coronéis Abel Magno de Vasconcelos e João José de Melo Miguéis, do Funchal; Ferreira Martinho, João Coelho Lopes e Pires Monteiro; almirantes Afonso de Cerqueira e Machado dos Santos; comandantes Carlos da Maia e Peres Trancoso; major Artur de Almeida Cabaço; drs. António José de Almeida, António Granjo, Carlos de Castro e Abreu, Fernando de Albuquerque Dias, António Carlos Borges, Maximino de Matos e Mira Fernandes, Manuel Augusto Martins e Azevedo Ramos, do Funchal; industriais Carlos Salgueiro dos Santos Galo, António Pimenta Machado e Ezequiel Soveral Rodrigues; e jornalista Belo Redondo, que á Pátria prestaram relevantes serviços.

Temporal em Évora

EVORA, 4. (Pelo telefone). — Ao fim da tarde de ontem, Evora foi tocada pela ponta dum temporal que causou vários prejuizos nos pomares e jardins. No campo de jogos do Lusitano a ventania arrancou dos postes dois altofalantes que destruiu por completo e valiam alguns milhares de escudos. No armazem de sucatas da Rua José Estevão Cordwil o vento arrancou dos gonzos um portão, projectando-o a grande distancia.

Algumas casas dos bairros limitrofes da cidade também sofreram estragos nos telhados.

Foi eleita

«Miss Praia de Portugal»

Durante um festival efectuado no Cinema Monumental, procedeu-se á eleição da «Miss Praia de Portugal — 1958». Entre as candidatas ao título figuravam representantes de quase todas as praias portuguesas. O juri atribuiu o 1.º lugar á jovem estudante Maria Margarida dos Santos Falcão, que representava a praia de Faro. Em 2.º e 3.º lugares classificaram-se, respectivamente, Alberta Maria da Silva Filhó (Quarteira) e Maria Helena Moreira Leorne (Foz do Douro).

Como prémios das suas vitórias, as três jovens irão a Paris, a expensas do «Cliper Musical», que organizou o concurso.

Em ALGES o «Diário de Lisboa» e o «Sempre Fixe» vendem-se na Agência Cultural. Avenida Combatentes da Grande Guerra.

As recordações do almirante Cabeçadas

(Continuação da 1.ª página)

cordar esse momento», diz o almirante Cabeçadas, que neste momento experimenta a dificuldade dos caracteres mais nobres e inteiros em traduzirem por símbolos orais, forçosamente retóricos, os movimentos fundos do sentimento. Mas logo serena e prossegue:

— Foi o desfecho de uma discontinua, mas invencível, marcha, que já vinha de longe — do centenário do Camões e até do *Ultimatum*. Quando este levantou o País numa alta onda de indignação, fez-se uma subscrição nacional para a compra de um navio, que simbolizasse a oposição dos patriotas á política externa do Governo. Esse vaso de guerra — o «Adamastor» — tive eu a honra de o comandar no dia 5 de Outubro. A bordo recebi, logo após o triunfo da Revolução, a grata visita do homem que promovera a subscrição e que dela fora a alma — o dr. Eduardo de Abreu.

«A revolta — continua o almirante Cabeçadas — fez-se sem movimento de grandes forças, mas o que é certo é que não houve práticamente oposição. A Nação queria alguma coisa nova que a revolução lhe trazia: todo o País aceitou com entusiasmo a Republica».

— Que mais o impressionou — perguntámos — nesses dias memoráveis?

— O que mais me impressionou no dia 5 de Outubro foi ver os homens do povo, os homens-massa, momentos antes desconhecidos uns dos outros, abraçando-se nas ruas e chorando como crianças, porque, enfim, viam vitorioso o seu ideal, porque, enfim, podiam acreditar em melhores dias. Também me recordo — recomeça o almirante Cabeçadas, bruscamente grave, como se ainda assistisse á dolorosa cerimónia — das lágrimas sinceras do povo de Lisboa nos funerais do almirante Candido dos Reis e do dr. Miguel Bombarda (nos seus olhos agora escurecidos e quase fixos perpassam decerto as imagens interiores daqueles três dias agitados, daquelas ultimas, inesqueciveis, dezanove horas de luta e tensão nervosa: a notícia do assassínio do dr. Miguel Bombarda, rastilho que inflamou a cidade espectante; a primeira salva no Tejo, os tiros de canhão, a saída de Machado dos Santos, com o Regimento de Infantaria 16, aos gritos de *«Viva a Republica!»*; os combates pela rua á bomba e á pistola; o suicídio do almirante Reis; a valente serenidade de Machado dos Santos, na Rotunda; as aclamações ao novo regime, sob as janelas do Município).

— O País — prossegue, com firmeza, o almirante Cabeçadas — confiava nos homens da Republica, que já tinham dado provas de honestidade e de inteligência, e eles souberam corresponder a essa confiança. E' justo e necessário que se diga que, mau grado todas as dificuldades de uma abrupta mudança de regime, a obra por eles iniciada, a que o tempo já deu perspectiva, foi, sem exagero, colossal. Não houve serviço que não fosse reformado. E bem. Não digo, é claro, que não tivesse havido alguns erros — nada mais humano e natural — mas o esforço dispendido e os seus resultados só não são evidentes para quem os não queira olhar. Ainda hoje se conserva, por exemplo, grande parte da obra do Ministério da Justiça. E quem poderá negar a importancia e o valor da reorganização do Exército, da chamada ás armas e da treinagem dos milicianos, da constituição da Reserva?!

O almirante Cabeçadas concentra-se um instante e logo afirma, com entusiasmo:

— Mais notável, porém, do que tudo o que já referi (o que de momento me acudiu á lembrança) foi a obra colonial. Só por isso a Nação lhes deve, aos homens da Republica, a maior gratidão. Foi nesse período que se fez a ocupação e pacificação das nossas colónias: Timor, Moçambique, Angola, Guiné. Com uma administração admirável se impôs a soberania portuguesa nessas regiões.

O almirante Mendes Cabeçadas sorri galhardamente, com toda a bonomia enternecida, mas ainda enérgica, dos seus 75 anos verticais, e acrescenta, como se algum invisível interlocutor porventura o desdissesse:

— Tem-se dito muito mal da Republica desse tempo. A verdade, nem sempre mencionada, é que ela encontrou pela frente as maiores dificuldades, muitas delas criadas pelos seus inimigos, tais as revoltas monárquicas que teve de sufocar, e sobretudo a guerra, o mais sério dos escolhos, a guerra em três frentes — Flandres, Moçambique, Angola —, com duas fronteiras assim ameaçadas. E em todas essas três frentes, entretanto, vencemos. Contudo, essa guerra, que forçou necessáriamente os dirigentes a lançarem impostos para cobrirem as despesas do Estado, serviu de pretexto a uma tremenda campanha de descrédito, excitada pelos descontentes reaccionários, contra o Governo da Republica.

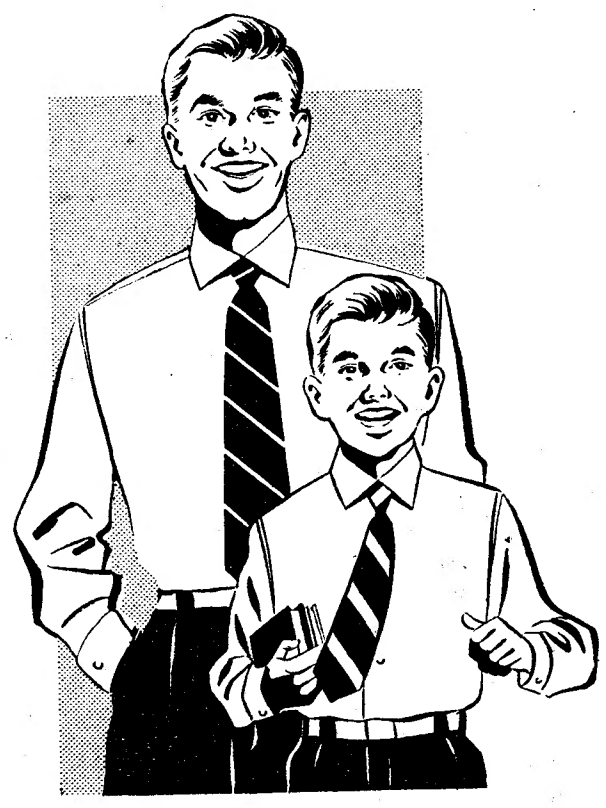
O antigo comandante do «Adamastor» faz uma curta pausa e, como se abrisse um parêntesis, declara:

— Nesse tempo, no entanto, ou, por outra, um pouco mais tarde, na hora das pesagens e dos exames de consciência, os homens com verdadeira dimensão humana acabaram por se estimar e por se entender. Assim, um dos cabecilhas dos movimentos monárquicos, grande figura de patriota e notável governador de Angola, Paiva Couceiro, teve de reconhecer que o povo português era republicano. E, mantendo-se embora fiel á essência das suas convicções, muitos dos seus melhores amigos, pouco antes de morrer, eram os republicanos liberais.

Dando por terminada a entrevista, num afectuoso e discreto gesto final de quem não se julga (e afinal sem motivo) no direito de conservar por muito tempo a palavra, o almirante Cabeçadas finaliza com simplicidade e beleza o seu pequeno exórdio:

— Neste momento os republicanos não estão satisfeitos, mas o Cinco de Outubro é, deve ser, um dia de alegria. Esqueçamos, pois, as coisas tristes e tenhamos esperança em que a Republica continua a sua obra de engrandecimento da Nação e consiga cumpri-la. Essa é, sem duvida, a esperança que palpita em todos os corações republicanos.

PARA HOMEM
E AGORA PARA RAPAZ
HÁ UMA CAMISA Primaz



EM CAMISAS
A PRIMAZ SABE O QUE FAZ

Primaz
ROSSIO 115 — LISBOA

A representação portuguesa
nas feiras da Alemanha
de produtos alimentares

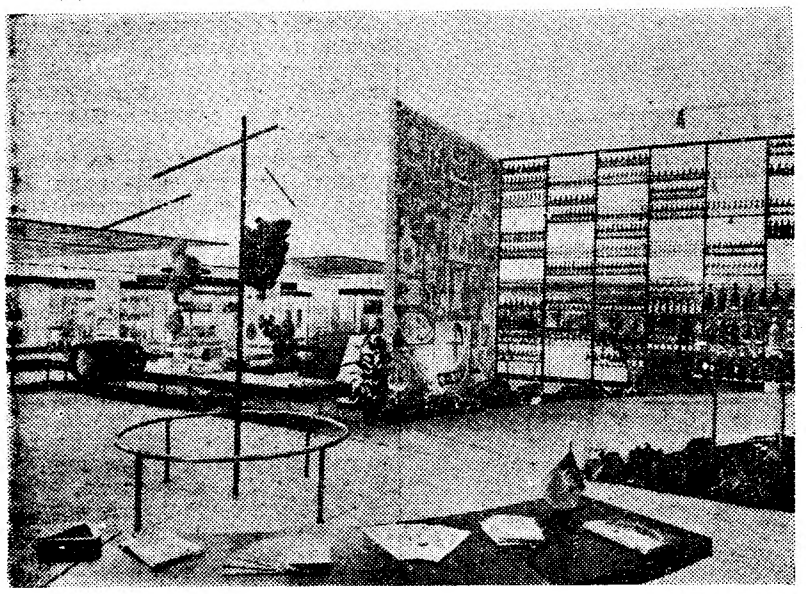
As relações comerciais entre Portugal e a Republica Federal Alemã têm continuado a intensificar-se nos ultimos anos, atingindo presentemente 650 milhões de marcos o volume anual do comércio entre os dois países. A situação apresenta-se, porém, pouco satisfatória para o Governo português, pois a balança comercial é francamente deficitária para Portugal. Por isso se justificam os maiores esforços no sentido de dar um impulso decisivo ás exportações dos produtos portugueses.

Entre as disposições destinadas a atingir esse objectivo, conta-se a crescente participação de Portugal nas principais exposições e feiras comerciais alemãs. Deste ponto de vista a representação portuguesa na IKOFA de 1958 acaba de registar assinalado êxito. Graças á intervenção do vice-cônsul português, em Munique, dr. Calheiros-Velloso, conseguiu Portugal apresentar um dos maiores pavilhões do certame, que se tornou desde logo um dos principais centros de atracção da feira.

Compreende-se o interesse posto por Portugal nesta representação. A IKOFA é a maior exposição internacional de produtos alimentícios e de especiarias na Europa e é precisamente neste género de artigos que Portugal pode concorrer com vantagem com os outros países para assegurar as suas exportações para o mercado alemão, bem como para o austríaco ou suíço. O êxito obtido em Munique não deve, porém, levar a optimismos prematuros. Não se aproveitando a boa impressão agora causada pelas ofertas portuguesas, através de um cuidadoso e contínuo trabalho de assistência aos exportadores portugueses, breve cairá tudo no esquecimento. A experiência agora colhida em Munique deverá servir de directriz para um sistemático trabalho de conquista do mercado alemão. Mas só mantendo-se vivo o interesse despertado, através de uma criteriosa política de infiltração, sólidamente apoiada numa prospecção segura e contínua do mercado, poderá Portugal ver as suas dificuldades aliviadas.

A Imprensa diária e a da especialidade continua a dedicar palavras de simpatia para a representação portuguesa. Esta, a cargo de uma delegação do Fundo de Fomento de Exportação de Portugal tem merecido justos louvores.

Também na Feira de Hamburgo, Portugal obteve os maiores êxitos e a admiração de todo o publico. Entre outros, um importador alemão fez uma importante encomenda de 2.000.000 de litros de vinho de mesa, o que testemunha bem a impressão causada pela representação portuguesa. E' curioso notar que os melões portugueses, quase totalmente desconhecidos na Alemanha, foram motivo de verdadeira «caça» que se não atemorizou com os elevados preços a que eram vendidos.



A representação portuguesa em Munich

Um ébrio
de faca em punho
pôs em pânico
um hospital

ESTOCOLMO, 4 — Um ébrio, de faca em punho, invadiu durante a noite, um hospital desta cidade, e só foi dominado depois de ter ferido duas pessoas, embora sem gravidade.

Era um marinheiro finlandês, que, depois de ter esfaqueado um homem, numa desordem á porta de uma taberna, fugiu ás autoridades, entrando pelo portão do Hospital Sabbatsberg, onde apunhalou um enfermeiro que tentou impedi-lo de entrar. Pessoal e doentes fugiram espavoridos ou trancaram-se nos seus quartos, enquanto o homem percorria os corredores brandindo a faca ameaçadoramente.

Por fim, fugiu para uma casa situada nas traseiras do hospital e foi dominado pelos moradores, um dos quais chegou ainda a ferir. A Polícia chegou logo a seguir e levou o finlandês para a cadeia. — (A. N. I.).

Sanatório do Funchal

Na Sanatório Dr. Almada, do Funchal, será inaugurado um novo pavilhão com 100 camas, no dia 6, quando começa a Semana Antituberculosa da Madeira.

O subsecretário da Educação presidindo á reunião na Camara de Oeiras

Mais escolas para Oeiras
— eis o problema que hoje estudou «in loco» o subsecretário da Educação

O subsecretário de Estado da Educação deslocou-se esta manhã a Oeiras, a fim de estudar *in loco* as necessidades daquele concelho no que se refere a escolas primárias. O sr. dr. Baltazar Rebelo de Sousa, que se fazia acompanhar do director-geral, interino, do Ensino Primário, sr. dr. Gomes Belo, e do director do Distrito Escolar de Lisboa, sr. professor Olinto Vilela, chegou á Camara Municipal de Oeiras, ás 10 e 30. Era ali aguardado pelo presidente da Camara Municipal, sr. eng. Alvaro Roquete; vereadores srs. arq. Costa Macedo, professor Alfredo Freitas e Manuel Moreira Rato; técnicos do Município srs. arquitectos Jorge Viana e Rego Costa e eng.º Guedes da Silva; e ainda pelo sr. eng.º Gonçalves, da Delegação das Construções para o Ensino Primário.

Após breve troca de cumprimentos, o subsecretário da Educação Nacional tomou a presidência de uma reunião de trabalho, durante a qual foi apreciado demoradamente o plano de construção de escolas primárias em todo o concelho. Existem em Oeiras, presentemente, 49 salas de aula, e considera-se que são necessárias mais 54 para entrarem imediatamente em funcionamento. Deste numero, 22 estão já em construção, nomeadamente, em Oeiras—Alto de S. Amaro— Oturela, Venda Nova e Murganhal, e já foram adquiridos terrenos na Amadora para a construção de 2 edifícios, e em Caxias, para outro. Está em estudo a expropriação de um terreno em Paço de Arcos e de um outro em Caxias. O edifício em que funciona a escola de Algés foi comprado, e no respectivo logradouro vai construir-se outra escola.

Nas zonas rurais, o problema está também a ser considerado com muito interesse pela Camara Municipal. O ano passado, o Município instalou uma escola em Valejas, e este ano, arrendou uma casa em Liceia para o mesmo fim.

Não obstante toda a boa vontade que a Camara Municipal põe na resolução do problema criado pela carência de escolas primárias, considera-se que o plano em execução é ainda insuficiente para as necessidades resultantes do aumento constante da população escolar.

No que se refere, por exemplo, ao Dafundo, Cruz Quebrada e Amadora, as escolas ali existentes funcionam superlotadas e, todavia, são ainda insuficientes para receber todos os alunos.

Para atender ás necessidades de todo o concelho, a Camara Municipal decidiu arrendar tantas casas particulares quantas forem precisas, a fim de que não fiquem crianças sem ensino.

O sr. dr. Baltazar Rebelo de Sousa, ao terminar a reunião de trabalho, disse que o seu departamento tomaria todas as disposições necessárias para que as novas escolas possam entrar a funcionar tão rápidamente quanto possível.

Após a reunião, o subsecretário de Estado da Educação Nacional visitou o edifício escolar em construção no Alto de Santo Amaro, no qual funcionarão oito salas de aula.

Por ultimo, o representante do Governo presidiu á inauguração de um colégio particular — Princesa Isabel — que vai funcionar como jardim infantil.

Dois feridos graves
devido á explosão
de uma espoleta de bomba

Ao princípio da tarde de hoje, os jornaleiros Vicente Dias Tagarroso, de 22 anos, e José Rosa Dias, de 13 anos, naturais de Vale de Vargo, em Serpa, onde residem, ao atravessarem as pistas da Base Aérea da Ota, localidade onde se encontram presentemente a trabalhar, acharam uma espoleta de bomba, que tentaram apanhar. Mal lhe tocaram, porém, o detonador rebentou e feriu gravemente os dois infelizes.

O pessoal da base socorreu imediatamente as vítimas, que foram conduzidas sem demora, numa ambulancia militar, ao Hospital de S. José, em cuja sala de observações ficaram internados. Os dois rurais apresentam queimaduras e ferimentos graves por todo o corpo.

O pacto de segurança
nipo-americano

TOQUIO, 4 — No Ministério dos Negócios Estrangeiros, começaram, esta manhã, as negociações para revisão do pacto de segurança nipo-americano, assinado há sete anos. Participam o chefe do Governo Kishi Nobusuke, e o ministro dos Negócios Estrangeiros, Aiichiro Fujiyama, e o embaixador dos Estados Unidos, Douglas MacCarthur Junior. Foi o Governo japonês que solicitou esta revisão. — (F. P.).

AUTOMÓVEL CLUB DE PORTUGAL

PEREGRINAÇÃO A FÁTIMA EM 12 E 13 DE OUTUBRO

A Direcção comunica aos sócios que têm ao seu dispor naqueles dias um parque provisório de estacionamento, situado por detrás da Basílica do Santuário, com serviços de assistência, destinado aos automóveis ligeiros averbados em seu nome.

Os distintivos de entrada para os automóveis serão entregues ou enviados aos sócios que os requisitem na Sede do Club, na Sede da Secção Regional do Norte e nas Delegações de Coimbra e Evora, nos dias 6 a 11 do corrente.

Por amável deferência da Polícia de Viação e Transito, é ainda facultado, aos que não possam requisitar o distintivo nos dias indicados, obterem no dia 12 os que porventura tenham sobejado, nos postos daquela Polícia situados nas Caldas da Rainha, Santarém, Torres Novas, Tomar, Pombal e Leiria, mediante a apresentação do cartão de identidade do Club.

O CRIME DA RUA DE S.

Estará envolvida [illegible]
no assassínio do

O misterioso crime da Rua de S. José, que durante cerca de quinze dias constituiu um verdadeiro enigma para a Polícia Judiciária, foi finalmente esclarecido pelo inspector sr. dr. Fernando de Sousa, em condições tão imprevistas, como as circunstancias de que o caso se rodeava desde o princípio. Mas não há duvida que o êxito final da P. J. surge como corolário de um plano traçado por aquele magistrado, desenvolvido numa acção que exerceu, dia a dia, noite a noite, madrugada a madrugada, através de insistentes e profícuas diligências, sempre desenroladas no vasto campo das mais variadas hipóteses, cada uma das quais sugeria uma pista, que logo era seguida pelos agentes encarregados na investigação. Estes, que, nas diligências externas, eram orientadas pelo subinspector da Secção Central, Pereira da Graça, desenvolviam uma actividade, na realidade esgotante, e até certo ponto ingrata, pois pista verdadeiramente certa, uma só existia. Sabia-se de facto, que se o criminoso se cruzasse, em qualquer ponto do País, com sete das pessoas que com ele se encontraram no estabelecimento do antiquário Manuel José de Barros, seria imediatamente reconhecido e foi partindo dessa certeza que o dr. Fernando de Sousa, conduziu a investigação, promovendo diáriamente batidas a diversos locais, incluindo até os campos de futebol, que eram percorridos por agentes sempre acompanhados de uma das pessoas que haviam visto o criminoso.

O retrato do assassino, traçado por essas testemunhas, não podia ser mais completo. Jovem, baixo, cerca de 1 metro e 65 centimetros, sotaque provinciano, vestindo fato preto, bastante trigueiro, insinuante, embora com gestos um tanto duvidosos. Na realidade assim era.

Oferecia grande dificuldade, todavia a identificação do criminoso, por que tudo indicava que não se tratava de um cadastrado batido no crime, e, na verdade, se o fosse, não teria a argucia, a insensibilidade e a decisão que o assassino revelou desde o momento em que foi preso e que viria a confirmar na sede da P. J., desde a apresentação feita ao subdirector da corporação, sr. dr. juiz Rui Côrte Real, que se encontrava acompanhado do seu inspector-adjunto, sr. dr. Garcia Domingues, passando depois pelos interrogatórios a que foi submetido pelo dr. Fernando de Sousa, com a colaboração dos chefes Canhoto e Garcia Marques.

Sorrindo, indiferente ao caso, procurando iludir os investigadores com evasivas, negava o seu nefando acto. Uma certeza existia, é que fora reconhecido como sendo o seu autor pelos três operários vidraceiros que com ele se cruzaram, cerca do meio-dia, nas proximidades do posto da Polícia de Viação e Transito em Benfica. Interrogaram-se, quiseram agir, mas faltou-lhes a coragem. Estavam em presença do criminoso, mas recearam-no. Seguiram-no, porém, disfarçadamente e viram-no tomar o caminho da azinhaga, onde habitava.

Cinco horas consecutivas de buscas por diversos terrenos

Um táxi os conduziu rápidamente á sede da P. J., onde comunicaram o facto ao inspector dr. Fernando de Sousa. Para o local saíram, sem demora, os três carros rádio-patrulhas e, desde logo, a P. S. P. e a G. N. R. cercaram todas as azinhagas e caminhos, no sentido de evitar a fuga do criminoso. As batidas prolongaram-se durante cinco horas consecutivas, até que foi localizado á porta de uma barraca, onde vive com uma tia de nome Antónia dos Santos, o Albano dos Santos, reconhecido como autor do crime. Com ar despreocupado, como se nada de anormal se tivesse passado, obedeceu logo á in-

O estado de saúde
do Sumo Pontífice

ROMA, 4 — «O Padre Santo está enfraquecido, e confesso-me preocupado com o seu aspecto» — declarou o cardeal Spellman, arcebispo de Nova York, ao despedir-se dos 700 peregrinos americanos que visitaram com ele os santuários marianos de França e Itália. — (F. P.).

DE S. JOSÉ:

...da uma mulher
...do antiquário?

timação para entrar para um dos carros, fazendo-o tranquilamente, não pronunciando palavra e revelando um optimismo e uma frieza que impressionou os agentes que o acompanhavam.

No dia do crime, o assassino foi ao cinema da Venda Nova

Já, então, na presença do dr. Fernando de Sousa, respondeu serenamente ás perguntas que lhe fazia o inspector, sem mostrar o mínimo arrependimento, e não vertendo sequer uma lágrima.

Historiou a sua vida, uma vida triste, desde que nasceu, em Idanha-a-Nova, num acampamento de ciganos. Desde muito novo uma alcunha o havia de identificar pela vida fora «O Espanhol», como era tratado nos acampamentos pelos seus patrícios. Expulso do acampamento pelos pais, passou então a deambular pelos vários aglomerados, até que encontrou a protecção de uma tia.

Dedicava-se, ultimamente, á venda ambulante e estacionava na Rua de S. José, fazendo também o seu negócio na área de Benfica, Venda Nova e Pontinha.

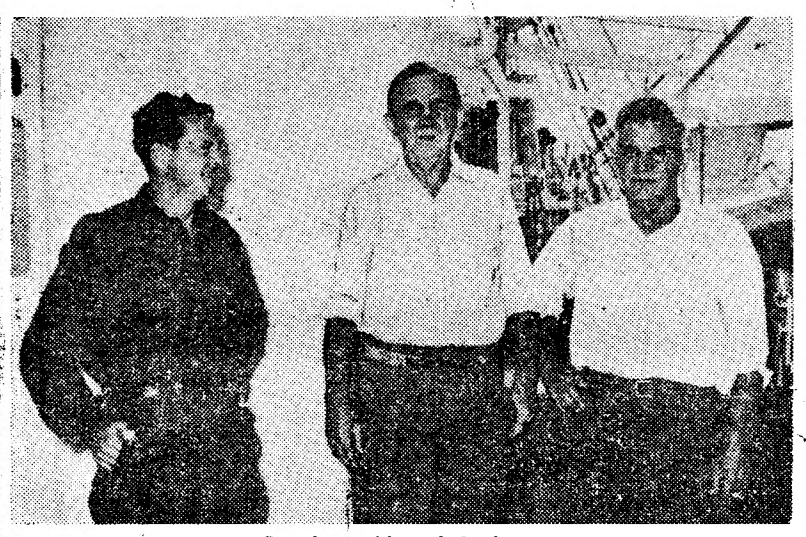
A atracção do crime espreitava-o e, como primário, tentou a sua sorte. Sustenta, porém, que o seu móbil foi o roubo. Teria sido na realidade? Aventurou-se á sua proeza isoladamente?

São outras duvidas que pairam

(Continua na página seguinte)

Durante a reconstituição desta madrugada, o assassino, (á esquerda) descreve a forma como ajudou a vítima a apanhar as pérolas caídas no chão

Em perigo de naufragar
foram salvos no alto mar
três marítimos holandeses
que viajavam numa barcaça a reboque



Os três marítimos holandeses

Logo de manhã, atracou á muralha da 3.ª secção do Porto de Lisboa o navio dinamarquês «Melos». Pouco tempo depois, em toda a zona portuária, de Xabregas a Santa Apolónia, onde o «Melos» é conhecido, por já ter vindo a Lisboa mais vezes, não se falava senão num tremendo naufrágio, ocorrido durante a madrugada, ao largo da costa portuguesa, no qual — afirmava-se, com convicção — muitas pessoas teriam perecido. A notícia, que cada um arquitectava a seu belo prazer e segundo os seus dotes de imaginação, fundamentava-se no facto do «Melos» trazer a bordo três marítimos holandeses, recolhidos no alto mar, que logo foram apontados como os unicos sobreviventes da tragédia.

A verdade, felizmente, era bem outra e conta-se em poucas linhas.

Durante a madrugada, ao largo do Cabo de S. Vicente, quando se dirigia para Lisboa, onde vem meter carga diversa com destino a Copenhague, o «Melos» passou junto de um rebocador holandês que seguia para Nantes, levando a reboque duas barcaças de desembarque, que, em Marrocos, foram transformadas em porta-guindastes flutuantes.

Devido á agitação do mar, a barcaça que seguia em segunda posição, ameaçava afundar-se. Nela seguiam Johan van Sonsbeek, de 35 anos, Dirk Stalk, de 64 anos, e Michiel Gleyn, de 60 anos, todos holandeses, os quais se encontravam em crítica situação, pois o rebocador não tinha meios suficientes para tentar recolhê-los. O aparecimento do «Melos» foi providencial. Após breve troca de mensagens entre os comandantes dos dois barcos, uma baleeira do «Melos» foi lançada á água e os tripulantes em dificuldades foram salvos sem complicações de maior.

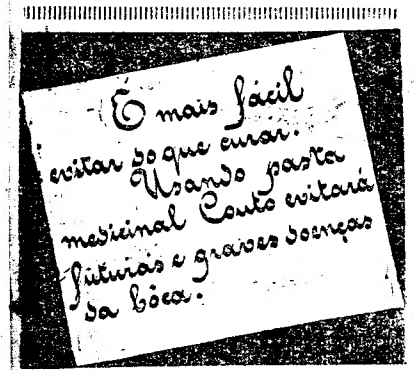
Uma vez em Lisboa, os marítimos holandeses foram procurados por um funcionário da Embaixada da Holanda, que se encarregará de facilitar a estadia dos «náufragos» nesta cidade, até que possam seguir viagem para Nantes.

Navios arribados

Devido ao mau tempo, no Atlantico, arribaram ao Tejo, o cargueiro espanhol «Puerto Valencia» e o navio inglês «Enforcer».

Chegada do «Santa Maria»

Vindo dos portos da Venezuela e de Vigo, chegou ao Tejo o paquete «Santa Maria», com 348 passageiros, entre os quais muitos portugueses que exercem várias actividades em Coracau.



EM 3 LINHAS

Chegou a Luanda o arquiduque Rudolfo, da Austria, numa digressão por Angola.

///

Foi inaugurada uma estufa fria em Nova Lisboa, em cerimónia incluída nas festas do aniversário daquela florescente cidade angolana.

///

Importantes afloramentos de cobre, de valor superior ao dos jazigos da Katanga, foram descobertos no Cuima, em Angola.

///

Foi agraciado pelo Presidente da Republica, com a Grã-Cruz o tenente-general e ministro do Exército espanhol, Don Antonino Barroso y Sánchez-Guerra.

///

Está aberto concurso de provas publicas para admissão de médicos internos da Maternidade Dr. Alfredo da Costa (Lisboa), Maternidade Julio Dinis (Porto) e delegação do Centro do Instituto Maternal — Maternidade Dr. Bissaia Barreto (Coimbra).

///

A Rirecção-Geral da Aeronáutica Civil, por decreto de hoje, poderá, nas condições fixadas pelo Ministério das Comunicações, ceder pessoal especializado ás empresas nacionais de transportes aéreos.

///

Foram mandados inventariar os azulejos existentes na capela da Misericórdia de Alhos Vedros.

///

Encontram-se vagos os lugares de chefe da 2.ª secção do Tribunal da Comarca de Faro (2.ª classe) e de oficial de diligências da 1.ª secção da 8.ª vara cível de Lisboa.

///

Está aberto concurso para preenchimento dos lugares, entre si anexados, de conservador do Registo Civil e de notário de Terras do Bouro (2.ª classe).

///

Foi declarada a utilidade publica e a urgência de expropriação de dois prédios necessários para o arranjo da zona envolvente dos novos pavilhões do Reformatório Central de Lisboa Padre António de Oliveira, em Caxias.

Comer e beber
para viver 100 anos

CUTLER (Illinois), 4 — A sr.ª Grace Brown, de 104 anos, afirma á margem da opinião dos médicos, que a melhor maneira de conservar a saude e morrer de velhice é comer e beber de tudo o que se gosta e nas quantidades que o apetite reclama.

A sr.ª Brown, que goza de boa saude e faz todas as lides domésticas, declara que nunca tomou remédios nem fez dieta de qualquer natureza. — (A. N. I.).

O muito é feito de poucos.
Ganhando menos consegue-se mais.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
R. da Prata, 257

A conferência diplomática
para revisão da Convenção
sobre a propriedade industrial

Como já noticiámos, principia depois de amanhã, nas instalações da Feira das Industrias Portuguesas, a Conferência de Revisão da Convenção da União de Paris de 20 de Março de 1883, para protecção da propriedade industrial e acordos das uniões restritas.

A sessão solene inaugural desta reunião, que se reveste de grande importancia, tanto pelo seu objectivo, como pelo numero e qualidade das individualidades que nela participam, está marcada para as 15 horas, sob a presidência do ministro da Economia, que usará da palavra, além do director do «Bureau» Internacional e do presidente da conferência. Antes, ás 11 horas, efectuar-se-á uma sessão de trabalhos, presidida pelo prof. dr. Luís Pinto Coelho, que chefia a delegação portuguesa, na qual falará o sr. dr. Afonso Marchueta, director-geral do Comércio e presidente da comissão organizadora da Conferência. Proceder-se-á, nessa sessão, á verificação dos poderes dos delegados, aprovação do regulamento, designação do presidente, 1.º vice-presidente, secretário-geral e relator-geral da Conferência, que se reunirá em sessão plenária logo após a sessão solene inaugural.

A delegação portuguesa é constituída pelo prof. dr. Luís Pinto Coelho, presidente; dr. Afonso Marchueta e eng.º Alexandre de Lancastre Araujo Bobone, respectivamente, 1.º e 2.º vice-presidentes; e Joaquim das Neves Santos, dr. Vitor Hugo Fortes Rocha, eng.º João Barata Gagliardini Graça, dr. Jorge Van Zeller Garin, eng.º-agrónomo José Joaquim da Costa Lima, dr. António Durão Ferreira e eng.º-agrónomo João Ferreira Cabral, delegados.

Luta violenta
em Cuba
entre rebeldes
e as forças
governamentais

HAVANA, 4 — Explodiram, durante a noite, na parte central da cidade, quatro bombas lançadas por terroristas, que causaram cinco mortos, vários feridos e elevados estragos materiais. Quatro dos terroristas foram abatidos a tiro pela Polícia.

A rádio dos rebeldes anuncia hoje que todas as comunicações ferroviárias a Oeste da cidade de Victoria de Las Tunas, na província do Oriente, estão interrompidas desde domingo, em consequência de terem sido destruidas quinze pontes. A cidade de Santiago, capital daquela província, está portanto, sem comunicações ferroviárias com Havana e para receber abastecimentos dispõe apenas das estradas.

As tropas governamentais estão a travar duros combates com as forças rebeldes de Fidel Castro, na parte oriental e central da ilha, registando-se baixas de ambos os lados — segundo informam notícias aqui recebidas hoje.

De Manzanillo anunciam que há combates entre governamentais e rebeldes ao Sul da cidade de Média Luna, na província de Oriente, tendo sido obrigados os governamentais a retroceder em dois pontos, depois de terem sofrido baixas, abandonando armas e munições.

Informam de Santo Espírito, na província de Las Villas, que alguns soldados foram mortos e outros feridos, durante uma emboscada preparada pelos insurrectos.—(A.N.I.).

Foi assim que Sónia Maria, segunda classificada do concurso «Miss Brasil 1958», se mostrou ontem no aeroporto da Portela, por onde passou, a caminho de Londres, para ali participar na eleição de «Miss Mundo». A beldade brasileira é natural de Pernambuco, tem 20 anos e mede um metro e setenta de altura

PRATEX
Alinda, conserva e compensa as pratas, os prateados, etc.

Comunicado

A SOCIEDADE DOS VINHOS DO SUL, LDA., lembra a todos os estimados consumidores dos seus vinhos «MESSIAS» e «SURPRESA» que no interior das rolhas dos respectivos garrafões podem encontrar chapas numeradas que dão direito a prémios desde Esc. 50$00 até Esc. 1.000$00. Oportunamente será publicada a relação dos prémios pagos ùltimamente.

A GERÊNCIA

Esboça-se um movimento

que reclama um estatuto para a Africa Equatorial francesa

(Continuação da 1.ª página)

as consequências da promoção económica e social que se lhes oferece. E receiam que o reconhecimento pelo general de uma «personalidade» própria á Argélia não vai, uma vez mais, causar a impaciência de alguns europeus que preconizam a integração pura e simples, «total e imediata». A distinção que o general de Gaulle acentuou, quando fez aclamar, unidas no mesmo destino, a «Argélia e a França», é decerto aceite pela maioria dos europeus e pelo Exército. Mas não é por alguns «activistas» os quais fizeram cavalo de batalha da integração total, sem lhe medirem nem as consequências nem as possibilidades. A possibilidade de ser nomeado um ministro para a Argélia, segundo falam alguns jornais, aumenta a impaciência dos «activistas», embora tenham pouco auditório, em particular dentro dos «Comités» de Salvação Publica, e já não possam contar com o apoio do Exército, o qual está inteiramente ao lado do general de Gaulle.

O presidente do Conselho fez novo apelo aos rebeldes para que renunciem «a uma luta fraticida». Quatro anos de terrorismo provocaram grande cansaço na massa muçulmana. Mas pouco se tem falado do seguinte problema, ao qual aludem alguns militares, os quais no entanto, admitem de boa mente uma vastá amnistia: — Estarão os muçulmanos dispostos a manisfestar a mesma magnanimidade para com os bandos de terroristas que, muitas vezes, os têm feito sofrer mais ainda do que aos europeus?

Esta quarta viagem do presidente do Conselho á Argélia, que provavelmente será seguida por outra, dentro de pouco tempo, terá a consequência de normalizar, em breve, as responsabilidades civis e militares na Argélia. Afigura-se provável que a actual confusão de poderes, a delegação no Exército de prerrogativas normalmente pertencentes ás autoridades civis e as medidas excepcionais tomadas a seguir ao 13 de Maio em breve cheguem ao termo. O ponto de partida dessa organização poderia ser a nomeação do general Raoul Salan, comandante chefe e delegado do Governo, para um posto de inspecção que, outrora, pertenceu aos marechais Leclerc e De Lattre de Tassigny. — (F. P.).

Opiniões dos componentes do «Comité» de Argel

ARGEL, 4 — O «Comité» de Salvação Publica, reunido sob a presidência do general Massu, ocupou-se, essencialmente, do discurso proferido pelo general de Gaulle em Constantina.

Não houve declaração oficial a respeito das deliberações, mas alguns membros do «Comité» exprimiram as suas opiniões pessoais. Lucien Neuwirth, delegado permanente do ministro da Informação na Argélia, disse que a oração do presidente do Conselho «foi um grande discurso político», e acrescentou: «O programa que expôs e a orientação que definiu abrem á Argélia as portas do futuro, de um futuro que sabemos se fará com a França».

O discurso também teve acolhimento favorável na tendência U. S. R. A. F. — Argélia, onde notam com satisfação o programa social e económico. Acrescentam que «integração não é assimilação», e que a primeira pressupõe o respeito da personalidade argelina e significa a união coerente dos elementos heteróclitos que constituem uma só e unica nação. O dr. Lefevre, cujas afirmações parecem resumir a opinião de alguns dos seus colegas do «Comité», declarou:

«A' primeira leitura, parece que obtivémos satisfação quanto á integração política, visto que a Argélia elegerá os seus representantes nas mesmas condições que a metrópole, e que, por outro lado, as populações deste país poderão colocar as suas «élites», sem distinção de credo, nos quadros do Estado, do Exército, da Administração, da Magistratura e dos vários serviços publicos.

Quanto á frase que alude á personalidade da Argélia e da sua solidariedade com a metrópole, penso que não poderia interpretar-se como abertura para qualquer comunidade. Para mim, trata-se de integração, e duma integração completa em todos os dominios, talvez com certas modalidades que colocariam a Argélia, por exemplo, no mesmo pé que a Alsácia.

Crespin, presidente da secção argelina do movimento de 13 de Maio, adiou para hoje qualquer declaração. Contudo, parece que os seus correligionários formulam as mais expressas reservas quanto ao alcance político do discurso do general de Gaulle. Alguns membros do «Comité» perguntam a si próprios quais serão as modalidades que permitirão á Argélia ter na representação no Parlamento dois terços de muçulmanos e um terço de europeus. — (F. P.).

Franceses atacados pelos rebeldes

ARGEL, 4 — Muitos automóveis que vinham de Constantina, com franceses que ali estiveram a ouvir o discurso do general de Gaulle, foram atacados, pelos rebeldes, perto de Ued El Kebir.

Num desses carros encontravam-se os membros do «Comité» de Salvação Publica, de Bone, que imediatamente responderam a tiro. quatro pessoas, entre as quais, Graudy, presidente daquele «comité», ficaram feridas.

Num recontro em Querrata, vinte quilómetros ao Sul da costa e a meio caminho entre Argel e Constantina, foram mortos trinta e dois rebeldes e feitos prisioneiros dez. Entre o material recolhido pelas tropas francesas figuram várias metralhadoras ligeiras e espingardas metralhadoras de fabrico russo.

Numa batalha travada na região montanhosa em redor de Djebel Somm, foram abatidos vinte e um insurrectos. As forças de segurança descobriram um depósito de armas e munições dos rebeldes, onde encontraram 186 espingardas e grande quantidade de munições. — (F. P. e A. N. I.).

De Gaulle esteve hoje na Córsega

JACCIO, 4 — «O nosso país entra num período novo, parte para nova grandeza» — declarou o general de Gaulle, dirigindo-se ao povo, da escadaria do Palácio Municipal.

A voz do presidente do Conselho ouvia-se a custo no meio das ovações entusiastas de uma multidão considerável, ovações que redobraram quando o general se encaminhou para o monumento aos Mortos de Guerra. Todos os Corsos queriam abeirar-se dele e o carro em que seguia teve de parar repetidas vezes.

Na Córsega onde, ao contrário da Argélia, nenhum problema essencial existe, a visita do chefe do Governo tomou imediatamente o aspecto de amizade e de confiança total.

De Gaulle que, chegara de manhã, partiu para Bastia, de onde segiu para Marselha. — (F. P.

A África Equatorial reclama um estatuto

LIBREVILLE, 4 — Os «leaders» dos três partidos politicos do Gabão, os representantes das organizações sindicais e sociais e do conselho da juventude e dois ministros independentes, tiveram uma reunião nesta cidade, durante a qual — anuncia um comunicado — se pronunciaram, por unanimidade, a favor de um estatuto para o Estado de Gabão (África Equatorial).

Pediram, além disso, a convocação urgente de uma assembleia territorial, em sessão extraordinária, a fim de se pronunciar sôbre a opção prevista no artigo 76 da Constituição. — (F. P.).

«Diário de Lisboa»

O general director das manobras que se efectuaram em Santa Margarida, transmitiu os seus agradecimentos ao «Diário de Lisboa», pela divulgação das notícias a elas referentes. Registamos a amabilidade.

—Da Junta Nacional do Vinho recebemos um ofício de agradecimento pelo destaque concedido nas nossas colunas aos problemas da Adega Cooperativa de Cantanhede, no dia 27, do passado mês. Agradecemos a atenção.

Pequenas notícias

PELOS HOSPITAIS

DESASTRE MORTAL — Faleceu no Hospital dos Capuchos, para onde entrara há dias, João Mendes Rodrigues, de 43 anos, jornaleiro, residente em Foros do Biscainho (Coruche), que ali fora colhido por um automóvel, quando seguia de bicicleta.

QUEDA DE UMA BICICLETA — Caiu da bicicleta em que seguia, em Pero Pinheiro, o jornaleiro Ernesto Reis dos Santos, de 21 anos, morador em Picanceira (Mafra), o qual sofreu fractura de uma perna, pelo que recolheu á sala de observações do Hospital de S. José.

ACIDENTE DE VIAÇÃO — Chocou com um automóvel, quando seguia numa bicicleta, perto da Amadora, o padeiro António João da Silva, de 42 anos, Rua dos Combatentes da Grande Guerra, 4, Belas. O sinistrado ficou muito contuso pelo corpo, recolhendo á sala de observações do Hospital de S. José.

ACIDENTE NA AUTO-ESTRADA — Na auto-estrada, perto da Sr.ª da Rocha, chocou com uma camioneta quando seguia numa «scooter» Baltazar Guerreiro da Rocha, de 30 anos, morador na Calçada de Santana, 108, loja, que foi conduzido ao Hospital de S. José, muito contuso e sem fala, ficando internado na sala de observações.

MENOR FERIDO—Caiu de uma carroça em que seguia, o menor Firmino André Angelo Neto, de 3 anos, morador na Charneca, (Olhão), o qual fracturou uma perna. Trazido para Lisboa, ficou internado no Hospital de S. José.

CONFERÊNCIAS

O Nucleo dos Antigos Alunos da Escola Comercial Veiga Beirão, promove na próxima segunda-feira, ás 21 e 30, na biblioteca da escola, e enquadrada no ciclo das suas actividades culturais, uma palestra pelo director do «Boletim» no Nucleo, sr. António de Jesus, que, sob o título «O Cinema — suas influências na pedagogia», tratará alguns aspectos deste factor na educação.

FESTAS ASSOCIATIVAS

Dentro das comemorações do 110.º aniversário da Sociedade Incrível Almadense, hoje, á noite, haverá um baile abrilhantado pelo conjunto «Blue Star Melody» Também para esta noite se organizaram bailes na Casa do Concelho de Tondela, na Sociedade Amigos de Apolo e na Associação Luís Braille.

Amanhã, efectuar-se-ão «matinées»-dançantes nas Casas das Beiras, da Comarca de Arganil, de Ourém e de Figueiró dos Vinhos, na Liga Regional Cojense e na Sociedade Guilherme Cossoul.

EMISSÕES RADIOFÓNICAS

A segunda parte do «Serão para trabalhadores», que a Emissora Nacional apresenta hoje, ás 22 e 45, será quase totalmente preenchida com artistas do Norte. Assim, a Orquestra Ligeira será dirigida por Resende Dias, colaborando o imitador Mena Matos e os cançonetistas Julio de Guimarães, Maria Alice Ferreira, Maria Amélia Canossa, Artur Sá e Adelino Silva.

Neste programa, faz também a sua reaparição em Lisboa, depois de uma «tournée» pela Africa portuguesa, Congo Belga e Africa do Sul, o conjunto vocal «Trio Odemira».

Desastres de viação

próximo de Redondo

EVORA, 4 — (Pelo telefone) — À saida de Redondo, onde hoje se celebra a feira anual, um automóvel conduzido pelo caixeiro-viajante Alfredo Augusto da Costa, residente na Avenida de França, 198, no Porto, atropelou o trabalhador rural Isidoro dos Santos Mataloto, de 65 anos, casado, morador nas Courélas do Gama, em Redondo. A vítima chegou ao Hospital da Misericórdia de Evora com fractura da tibia esquerda e estado de choque devido á grave contusão craniana.

— Na mesma estrada, no sítio da Fonte Boa, próximo da ladeira da Boa Morte, um automóvel que rodava do Montijo para Redondo e que era conduzido pelo negociante Abílio Antunes da Mota, de 28 anos, natural de Leiria e residente na Rua João Pedro e Sá, no Montijo, que ia acompanhado pelo seu sócio Adelino Antunes Veríssimo, de 43 anos, casado, também residente no Montijo, na Rua da Aldeia Velha, despistou-se e saiu da estrada, voltando-se em terrenos de cultivo. Em consequência do desastre o condutor sofreu traumatismo craniano e fractura dos ossos da bacia, pelo que recolheu ao Hospital de Evora. O companheiro nada sofreu.

A reconstituição do crime

da Rua de S. José

(Continuação da página anterior)

ainda no espírito do dr. Fernando de Sousa, que não deixará de as esclarecer.

Prosseguindo no seu depoimento, o criminoso declarou ao investigador, que tinha a sensação de que não seria descoberto e, que com a maior serenidade, após o crime, dirigiu-se, para a Avenida da Liberdade, onde tomou um «eléctrico», que o transportou até Benfica, de onde se encaminhou para a barraca. Sustenta que não deu conhecimento a ninguém do que se passava. Nessa mesma noite, foi assistir a um espectáculo cinematográfico na Venda Nova e no domingo passou a fazer a sua vida normal. Estava possuido da certeza de que não seria descoberto, insistiu, sorrindo. Contou ainda que, na terça-feira seguinte, passou pela Rua de S. José e se deteve, durante alguns momentos, defronte do estabelecimento da sua vítima.

A reconstituição do crime fez-se hoje às 6 horas da madrugada

Desde as 5 e 30 da madrugada que se registou grande movimento na Rua de S. José, não só pela chegada dos vários carros da P. J., como ainda pela presença de meia dezia de guardas da P. S. P., que, á distancia, continha alguns curiosos, que se dirigiam para as suas ocupações. Tratava-se de proceder á reconstituição do crime, a que assistiram, além do subdirector da Polícia Judiciária, sr. dr. Rui de Côrte Real, o inspector dr. Fernando de Sousa, o subinspector Pereira da Graça, chefes de brigada, e os agentes que participaram nas investigações, assim como, naturalmente, o criminoso, e as sete pessoas que com ele se encontraram no estabelecimento.

Por determinação do subdirector da corporação, o criminoso descreveu, então, todos os pormenores do crime, confirmando e rectificando, por vezes, as posições que, ao longo do pequeno balcão, tomaram as duas senhoras interessadas na compra de pérolas para colares, os três rapazes e ainda o marido de uma das senhoras.

Relatou todas as conversas trocadas entre os clientes e a vítima e historiou a sua posição com vista ao seu objectivo. Explicou que aguardou, pacientemente a saída de todos os presentes e que pretendeu, depois, negociar os binóculos com a vítima que lhe pediu, primeiro, a importancia de 150$00, mas que acabou por fechar o negócio por 80$00.

Entretanto, o comerciante decidiu-se arrumar um dos frascos de pérolas numa pequena prateleira que devide o estabelecimento, momento em que pelo chão se espalhou o conteudo. O criminoso prontificou-se, então, a auxiliar a vítima, que aceitou os seus préstimos, e, no momento em que apanhou o comerciante distraído, desferiu-lhe o golpe que o deixou desde logo paralítico, pois lhe atingiu a medula. Explicou que escolheu bem o ponto onde havia de ferir a sua vítima por estar muito prático na matança de gado.

Desempenhando o chefe Canhoto o papel do antiquário assassinado, o criminoso tirou da bainha um pedaço de madeira e descreveu com a mão esquerda, aquela em que tem mais firmeza, a trajectória do golpe. Contou ainda a sua actividade no estabelecimento, onde deve ter permanecido cerca de 15 minutos, período em que remexeu o cadáver para lhe retirar das algibeiras os porta-moedas e após o que se dirigiu ao cofre que se encontrava aberto de onde furtou a importancia de 1.485$00, em notas e moedas, saindo, por fim, tranquilamente.

A mulher loura teria na realidade colaborado com o criminoso?

As causas do crime podem não ter sido o roubo e esta é, pelo menos, a opinião dos clientes que estiveram no estabelecimento e que repararam no á-vontade do criminoso, o que parece indicar que, possívelmente, conhecia bem o comerciante.

Até este momento, surgiu sempre, como possível comparsa do crime, a mulher de cabelos louros, blusa branca e saia castanha, cuja presença foi assinalada por várias pessoas, embora os três rapazes e as duas senhoras não tenham podido determinar a sua presença.

Nos seus problemas sentimentais, o criminoso tem sido de uma reserva extraordinária. Tendo assumido, desde logo, a inteira responsabilidade do crime, procura ilibar da mínima culpa a tia ou qualquer outra mulher. O dr. Fernando de Sousa, tem conhecimento de que ele namora uma rapariga jovem, das imediações do local do crime, mas o criminoso tem negado esse facto obstinadamente.

As suas atitudes dão a impressão nítida de que o crime teve por base qualquer vingança.

O criminoso volta a ser ouvido e a tia vai prestar declarações

O inspector dr. Fernando de Sousa vai agora dar novo rumo ás investigações, pois procurará obter do criminoso a sua completa confissão, assim como dos motivos fundamentais que o levaram a praticar o crime. A tia comparecerá, igualmente, na sede da Polícia Judiciária, a fim de prestar declarações que visam não só a sua completa identificação como á identificação da namorada do criminoso, que ele pretende ocultar, e que a P. J. pretende esclarecer se teve ou não conivência no crime.

Cerca de 40 agentes trabalharam consecutivamente na investigação

Os insuficientes elementos de que a P. J. dispunha para identificação do criminoso representaram, sem duvida, um incentivo para as diligências de cerca de 40 agentes que se dedicaram, durante 15 dias consecutivos, ás investigações sobre o crime. Estes agentes compareceram no gabinete do subdirector da corporação, dr. juiz Corte Real, que se encontrava acompanhado do inspector-adjunto dr. Garcia Domingues.

O dr. Corte Real, em breves palavras, agradeceu o esforço desenvolvido no decorrer dos trabalhos, assim como a colaboração das pessoas que contribuiram para o êxito da investigação.

Incêndio devastador

originado por dois garotos

MONROVIA (Califórnia), 4—Um grande incêndio destruiu, pelo menos, oito casas e mais de 3:000 acres de ricas florestas. Os estragos materiais ascendem a milhões de dólares. Foi provocado por dois rapazes de sete anos, ao acenderem fósforos na mata.

Centenas de bombeiros, soldados e voluntários combatem o incêndio que transformou aquela área num verdadeiro braseiro. O calor desenvolvido pelas chamas é insuportável.

Em Los Angeles, 48 quilómetros a Oeste de Monrovia, as nuvens de fumo provenientes do fogo quase ocultam o Sol. — (A. N. I.).

Engenheiro de Máquinas

Empresa de Angola pretende contratar engenheiro de máquinas, de preferência sabendo falar inglês, para trabalhar na sua fábrica de Luanda. Guarda-se sigilo estando empregado. Respostas com todas as informações a Agência Pátria, Rua das Gaveas, 59-2.º, E.º ao n.º 1133 Lisboa 2.

LEVANTANDO A PONTA DO VÉU...

Que vai ser a temporada do Teatro Nacional Popular dirigido por Francisco Ribeiro?

Francisco Ribeiro

Naturalmente, Francisco Ribeiro, com o seu Teatro Nacional Popular, continuou a receber um subsídio do Fundo de Teatro pois, como até se diz nas disposições legais, a sua companhia teria a preferência devido á continuidade do seu trabalho no ano findo, e ao nível com que foram apresentados os espectáculos do T. N. P.

Fomos encontrar Ribeirinho ainda entre o reboliço de quem vem de uma viagem veloz, depois de terminada a digressão a todas as ilhas dos Açores e Madeira. Mas as decisões do Conselho de Teatro vindas a lume, são tão importantes que obrigaram a esse regresso apressado.

Começámos por falar na disposição que diz: «Não se consentirá a permanência em cena de peças que, ao fim da terceira semana, demonstrem reconhecido fracasso de bilheteira, definido para o efeito, em função das percentagens de frequência e outras razões»; nesses casos, limitou-se a cinco dias a imediata substituição do espectáculo sem desconto de subsídio e a três dias unicos de teatro fechado entre a saída de uma peça e a estreia seguinte.

— Estas obrigações irão trazer-lhe facilidades?

Ribeirinho diz que não:

— Facilidades? Nenhumas! Dificuldades? Todas! Esta disposição vai obrigar o nosso Teatro a um plano de trabalho totalmente diferente do habitual. Teremos de preferir peças com menos personagens, de modo a conseguir duas distribuições dentro do nosso elenco, montagens menos complicadas, duas salas de ensaio, e tudo isto dentro das escassas quatro horas de trabalho diárias, condicionadas pela lei sempre que haja espectáculo. Como se vê, todas as dificuldades e mais uma: o problema da manutenção de um nível atacado pelo perigo assustador de uma quebra de qualidade artística.

— Apesar de tudo, o elenco do T. N. P. será o mesmo?

— Ou talvez maior, forçado pelas circunstancias. O elenco do ano passado mantém-se e grande parte dele acompanha-me há 16 meses, num trabalho seguro e consecutivo. Vamos conseguindo, a pouco e pouco, criar um teatro de equipa, bem difícil com profissionais portugueses. O T. N. P. começou com essa unica ambição, digamos fantasmagórica, e é hoje quase uma realidade.

— O Conselho de Teatro propôs-se este ano, promover descontos especiais a trabalhadores e a estudantes. Acha que esta medida virá trazer um novo elemento ao contacto entre o teatro e o publico?

— Aplaudo a idéia que, aliás, já era nossa, quando o ano passado pensámos em fazer récitas especiais, ao sábado á tarde, para trabalhadores: *O Sábado do trabalhador*. E acharia mais aconselhável esse sistema que reune no mesmo auditório, camadas uniformes, do que espectáculos em que se baralham vários tipos de publico numa confusão que provocará inevitáveis desencontros entre o palco e a plateia.

— Com que peça pensa começar o repertório do próximo ano?

— Começamos com «O Diário de Anne Franck» e, depois, penso apresentar dois originais, de Luís Francisco Rebelo e Costa Ferreira. Depois, talvez uma peça de John Osborne, ainda desconhecido das plateias portuguesas.

— Este ano, o subsídio que o Fundo de Teatro lhe concedeu é menor do que o do ano passado. Como encara este desconto?

— Desde que haja, em Lisboa, outra companhia subsidiada, e não duvidando de que o Fundo seja pequeno para tomar dois grandes encargos, compreendo que tenha de ser prejudicado no rateio. Se as minhas contas, este ano, estiverem certas como as do ano transacto, cujo prejuízo foi de 16 contos, este ano, o máximo que posso perder são 86... Como se dizia nas antigas comédias: «Contamos com os favores do publico ilustrado».

TAUROMAQUIA

Feira de Vila Franca

A Feira de Vila Franca começa amanh, domingo, ás 10 horas, com largada de touros, e ás 16 h., com uma corrida de oito touros dos Herdeiros do dr. Emílio Infante da Camara para os cavaleiros Manuel Conde e David Ribeiro Teles, com os forcados profissionais de Lisboa, e para os novilheiros José Julio e Luís Alfonso Garcês. Segunda-feira, ás 16 horas, lidam touros de José Pedrosa os cavaleiros Alberto Luís Lopes e Pedro Louceiro, com os forcados profissionais de Vila Franca, o novilheiro espanhol Emílio Oliva e os portugueses Manuel Durão e José Simões.

Arruza volta?

MEXICO, 4 — Se no próximo ano estiver já solucionado o pleito tauromáquico hispano-mexicano, Carlos Arruza voltará a Espanha para tourear uma série de corridas de despedida e a da Beneficência, em Madrid, para a qual tem destinados seis touros da sua ganadaria de Pastejé. Nesta corrida dará Carlos Arruza a alternativa ao novilheiro madrileno Luís Alfonso Garcês. — (E. F. E.).

Bombeiros

Vai construir-se a nova Sede dos Voluntários de Águeda

AGUEDA, 1. — Vão começar as obras de construção das novas instalações da benemérita corporação dos Bombeiros Voluntários desta vila, na Rua Conde de Sucena, uma das principais artérias da moderna zona urbanizada, onde fica, também, o novo corpo de edifícios da Escola Central de Sargentos.

A corporação dos bombeiros tem prestado ao povo desta vila e da região relevantes serviços, desde a sua fundação, quando o comando do corpo activo foi entregue ao saudoso Manuel Carneiro, que desenvolveu uma obra notável, ampliada pelos sucessivos comandantes, capitães Lobão Cruz e Xavier Simões, e o actual, capitão Luís Macedo Pereira.

São autores do projecto do novo edifício, dotado de todos os requisitos modernos e exigências técnicas, o arquitecto Filomeno Carneiro e os engenheiros Manuel Santos Pato e Nefetali Sucena. No rés-do-chão ficam instalados o comando, salas de aulas e do bombeiro e outros serviços; e no primeiro andar, salão de festas, sala de jogos e «bar». A fachada posterior constituirá uma torre para exercícios da corporação.

Agora que se materializa a velha aspiração dos denodados bombeiros de Agueda e de toda a população local, esboça-se um movimento de solidariedade, que se traduz já por alguns gestos generosos com o objectivo de facilitar a construção do edifício, planeando-se várias realizações que permitam reunir os meios indispensáveis para dotar a corporação de novo material e resolver alguns dos seus prementes e inadiáveis problemas. E será prestada homenagem aos beneméritos que compreensiva e desinteressadamente auxiliam a humanitária corporação, facilitando-lhe a construção da nova sede e os meios para desenvolver a sua altruística missão.

O PORTO pelo telefone

Câmaras Municipais

PORTO, 4. — No salão nobre do Governo Civil, efectuou-se esta tarde o acto de posse do presidente da Camara Municipal de Lousada, sr. dr. Henrique Gonzaga Pinheiro de Azevedo Lobo Ferreira de Meneses, que vai substituir naquelas funções o sr. Henrique Leite.

Também será empossado no cargo de vice-presidente do Município de Gondomar o sr. dr. Manuel Desport Marques.

NUMISMÁTICA

A exposição em memória de José Leite de Vasconcelos

No dia 26 do corrente, nas salas do Clube Filatélico de Portugal, Avenida Almirante Reis, 70, 3.º, dt.º, será inaugurada, por iniciativa da sua secção de Numismática, uma exposição de moedas, medalhas e tesseras, em homenagem ao prof. dr. Leite de Vasconcelos, que foi grande mestre da numisção destina-se a comemorar a passagem do centenário do seu nascimento.

A exposição abrange só o período que decorre do reinado de D. Luís até á actualidade. A inscrição está aberta até 16 de Outubro na secretaria do Clube Filatélico de Portugal.

Imprensa Estrangeira

Os ministros da Presidência, do Interior e da Economia receberam ontem os representantes da Associação da Imprensa Estrangeira de Lisboa, srs. Luís C. Lupi, presidente da direcção; Raymond Audibert, vice-presidente; J. Herbert Richardson, secretário; e Peter Knox, presidente do Conselho Fiscal, que lhes apresentaram cumprimentos em nome daquela associação.

Atropelamento mortal

Em Vilar do Paraíso, Gaia, foi mortalmente atropelado por um automóvel o operário Augusto dos Santos, que aparenta 50 anos de idade e residia na Travessa do Ferrás, 8. O cadáver deu entrada no necrotério depois das formalidades legais.

Dia do patrono dos «Lobitos»

A Junta Regional do Porto do Corpo Nacional de Escutas, 1.ª secção, comemora hoje, com a participação de todas as «alcateias», o dia festivo de S. Francisco de Assis, padroeiro dos «Lobitos».

Concurso do vestido de Chita

Efectua-se hoje, á noite, na nave do Palácio de Cristal, um festival, durante o qual se procederá á entrega dos prémios ás concorrentes classificados recentemente no Concurso do Vestido de Chita.

Desastres no trabalho

Por terem sido vítimas de desastres no trabalho, deram entrada no Hospital de Santa Maria, com vários ferimentos, os operários António Rodrigues, de 53 anos, casado, residente em Costoias, Matosinhos, e Fernando dos Santos Ramos, de 19 anos, solteiro, morador em Vila do Conde.

Ambos os sinistrados foram conduzidos áquele Hospital pelos Bombeiros Voluntários de Matosinhos-Leça.

CARTAZ DO PORTO

Para amanhã dia 5

COLISEU — Ás 15 e 30 e 21 e 30 — «O Adeus ás Armas».
RIVOLI — Ás 15 e 30 e 21 e 30 — «A Hora Zero».
SÁ DA BANDEIRA — Ás 21 e 30 — «O Rapto de Jeanette».
BATALHA — Ás 21 e 30 — «O arrombador de cofres».
TRINDADE — Ás 21 e 30 — «Dois amores e uma cabana».
OLIMPIA — Ás 15 e 30 e 21 e 30 — «Matou 1.000 vidas».
NUN'ÁLVARES — Ás 21 e 30 — «Amar não é pecado».
AGUIA DE OURO — Ás 15 e 30 e 21 e 30 — «Tótó no inferno».
S. JOÃO — Ás 21 e 30 — Tom e Jerry».
JULIO DINIS — A's 21 e 30 — «Quo Vadis».
VALE FORMOSO — A's 21 e 30 — «Trapézio».

Colónia de Férias

Dr. Mário Madeira

Chegou esta manhã, á Praça Marquês de Pombal, o ultimo turno de crianças que estagiaram, durante 20 dias, na Colónia Dr. Mário Madeira, em S. Julião da Barceira. As 350 crianças, de ambos os sexos, de várias freguesias de Lisboa, eram aguardadas pelas pessoas de suas famílias.

ROBERT RIPA e a sua guitarra

GRANDE PRÉMIO DA ACADEMIA FRANCESA DO DISCO

A ACTUAR PRESENTEMENTE NO CASINO ESTORIL

É UM ARTISTA EXCLUSIVO DOS DISCOS «VOGUE»

À VENDA EM LISBOA:

Grandes Armazéns do Chiado — Rua Nova do Almada, 112

E EM OUTROS ESTABELECIMENTOS DA ESPECIALIDADE

Distribuidor exclusivo em Portugal: CASA FIGUEIREDO — R. de Santo António, 74 — Porto

REPRESENTANTE:

ESTABELECIMENTOS Sida, LDA.

RUA DE S. NICOLAU, 46 — LISBOA

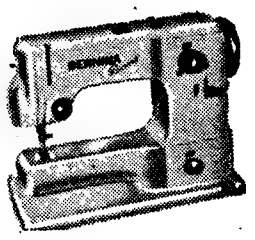
A COMPANHIA PORTUGUESA DE TABACOS

Tem a satisfação de informar os inumeros apreciadores da sua marca de grande êxito

CT

FILTRO

de que acaba de receber mais uma máquina para o fabríco destes cigarros devendo ficar muito em breve normalizado o abastecimento do País.



Com uma máquina de costura eléctrica portátil, suíça, BERNINA, sem se fatigar, cose, faz ajour, milhares de bordados, cordonet, choleia, faz ponto invisível, nervuras, casas, prega botões, etc. Tudo isto sem consultar ou colocar discos. Temos também de pedal. Casa «Bernina», R. Almeida e Sousa n.º 14-B, Lisboa. Precisam-se agentes.

Circuito Turístico
DA REGIÃO DOS 3 CASTELOS

visitando: — Cabo Espichel, Sesimbra e Castelo, Arrábida e Portinho, Setubal e Castelo, Castelo de Palmela e Azeitão

Preço de 60$00

Realiza-se todas as 4.as feiras e domingos

Concessionários Exclusivos:

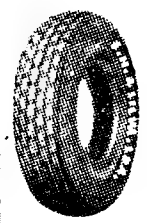
JOÃO CANDIDO BELO & C.ª LDA.

Vila Fresca de Azeitão

CONSULTE A SUA AGENCIA DE VIAGENS ou em Almada — T. 070188 e Azeitão — T. 028029/028062

Estes Circuitos são realizados nos melhores autocarros e acompanhados por guia

PNEUS NOVOS E USADOS



de todas as medidas vendem-se:

F. H. & Silva, Ld.ª

Telef. 775395

RUA OLIVEIRA MARTINS, 9-A

(á Avenida de Roma)

Pérola de S. Domingos

R. DOM ANTÃO ALMADA, 5-D

Vende-se os melhores cafés e chás, também o maior sortido em plantas da Flora Nacional e tropical, que são a nossa saude. E' a natureza ao nosso serviço. Procure ser saudável, sentir mais energias e melhor disposição.

(Defronte da igreja)

DINHEIRO

COLOCA SOBRE AUTOMÓVEIS OU PRÉDIOS EM 1.as HIPOTECAS

RAPIDEZ E SIGILO

A FINANCIADORA

EM LISBOA - AV. DA LIBERDADE, 3

NO PORTO - P. DA LIBERDADE, 12

VIAJANTE

Viajante para Armazém de Solas e Cabedais — com conhecimento de viagem, encartado, que dê referências e garantias, escrever para Leite & C.ª, Lda. — Rua Mário Pais n.º 10. — COIMBRA

PIANOS
Verticais e de Cauda

ALUGAM-SE

Est. Valentim de Carvalho, Lda.

96, Rua Nova do Almada, 99

LISBOA

ANTES E DEPOIS DO BANHO DE SOL use **APYROL**

O produto preferido desde 1933

FEIRAS INTERNACIONAIS

A C. P. e os Caminhos de Ferro estrangeiros concedem reduções em todas as classes aos visitantes das feiras internacionais a seguir indicadas:

AUSTRIA — Graz (de 27 de Setembro a 5 de Outubro de 1958);

ITALIA — Torino (de 5 a 16 de Novembro de 1958).

Pedir esclarecimentos:

— na Secção de Informações na estação de Lisboa (Rossio);

— no Serviço Comercial e do Tráfego em Lisboa (Santa Apolónia).

Que vantagens oferecem estas 21 câmaras de compensação?

Quanto mais se reduz a reserva de tinta numa caneta, mais ar entra no seu depósito. Ao escrever, o calor da mão faz aumentar de volume este ar. A pressão do ar assim aumentada impele a tinta para os canais de alimentação, e assim aumenta o fluxo de tinta. Neste momento entram em acção as 21 câmaras de compensação: elas reabsorvem o excesso de tinta, para que o aparo continue a receber exactamente a dose de que necessita para escrever. Daí resulta:

A caligrafia constante, igual e legível até à última gota de tinta. Mesmo no avião e nas montanhas, o regulador de tinta da LAMY compensa automàticamente as variações de pressão, que nestes casos são muito bruscas.

Uma inovação muito importante da LAMY 27

Em virtude da sua revolucionária condução de tinta, a LAMY 27 tem sempre tinta na ponta do aparo. Quando V. Ex.ª começa a escrever, escusa de carregar várias vezes no aparo até este receber tinta. Por isso a LAMY 27 traz duas vantagens adicionais muitíssimo importantes:

1. **Começa a escrever mal toca no papel.**
2. **Escreva suavemente, sem pressão.**

Vale a pena descobrir esta nova maneira de escrever: rápida, sem qualquer pressão que possa cansar, perfeitamente legível e toda por igual sem qualquer interrupção.

Preços da LAMY 27: **185$00**, acabamento de luxo **285$00, 325$00** e **400$00**. Encontrará em estabelecimenos progressivos, em preto e em diversas cores muito atraentes à sua escolha, a nova

LAMY 27

Duração das pontas garantidas por 25 anos

Com as mesmas vantagens técnicas mas num acabamento mais simples e com aparo de ouro de 14 quilates, com pontas garantidas por 5 anos, estão à venda as canetas LAMY 99 e 99-C, a **140$00** e **175$00.**

★

Representante exclusivo: ARTUR WESTHEIMER - R. 1.º Dezembro, 45-4.º - Lisboa

Eu gosto de

Dunlopillo

tambem!

Sim, os colchões e as almofadas das DUNLOPILLO são, o ideal para as crianças. São saudáveis e higiénicos. DUNLOPILLO, Espuma de latex e de fabrico Inglês

Representantes em Portugal

CASA GRAHAM - LISBOA - PORTO

Agentes exclusivos: **Azevedo & Duarte, Ld.ª**, R. do Crucifixo, 76-1.º-T. 26297-Lisboa

LEITURA DE SABADO LEITURA DE SABADO LEITURA DE SABADO

ANTOLOGIA DO CONTO POLICIAL

LEITURA DE SABADO LEITURA DE SABADO LEITURA DE SABADO

Um barco com peste a bordo

Texto integral do conto de WILLIAM C. FORD

GRIMLOCK era apenas um espectador, que fora ali por gosto, levado pelo seu ódio a Bedov. De resto, queria ver o que aconteceria a Melis, suspeito de criminoso. Não desgostava dele, embora com certas reservas, pois Melis também era um limitado. Podia cumprir as instruções que lhe dessem e, ás vezes, servia-se dele, tanto por isso como pela sua falta de consciência. Era, porém, destituido de capacidade para comandar. Grimlock utilizava-o, contudo, como os outros, consoante o seu feitio e o menos possível. Não lhe convinha, de resto, que ele soubesse muito dos seu negócios.

Na grande sala de audiências, o velho magistrado, sob a sua toga, adquiriu um ar importante. As investigações decorriam com alardeante aparato, no propósito evidente de impressionar a assistência. Tudo indicava que Melis não iria sofrer grande coisa. No entanto, Grimlock tomaria isso ao seu cuidado e tudo se havia de arranjar, ainda que não soubesse ao certo como havia de ser, pois os seus serventuários, bem pagos para isso, tratariam dos pormenores. Ele estava ali para ver como as coisas se passavam.

Bedov morrera a bordo do «Balkania», de repente, assim que o navio fundeou no porto oriental onde Grimlock exercia a sua poderosa influência. Aconteciam tantas coisas no momento em que o grande barco entrava na doca! Guerra ou paz? A coisa iria decidir-se em breve. Bedov poderia fazer com que o fiel da balança pendesse para a paz. Grimlock não trabalhava, porém, a favor da paz — pelo menos enquanto não se resolvesse aquele negócio da venda do armamento!

Toda a gente sabia como Grimlock odiava Bedov, e que aquele, quando irritado, não recuava ante os maiores perigos ou ameaças. Por que não se afastara aquele idiota do Bedov, em vez de se intrometer nos seus interesses? Pois pagou-o com a vida! Dizia-se que fora assassinado e corriam vários rumores sobre a acção dos agentes de Grimlock. Eram apenas suspeitas, pouco por onde lhes pegar, mas os boatos persistiam.

Melis fora envolvido no caso e era apontado mais insistentemente do que os outros, talvez por ser uma das doze pessoas ligadas de perto a Grimlock, mas, também, por condizerem com ele os sinais do homem que fora visto sair do camarote de Bedov. A descrição coincidia, aliás, com o aspecto de alguns outros ali sentados no tribunal. Melis ali estava, igualmente, mas com ar tranquilo e confiante.

Os depoimentos sucediam-se, pausada e ponderadamente. Depreendia-se que Bedov fora encontrado morto na cama, logo depois de o navio ter ancorado. Ostentava no pescoço sinais que poderiam indicar ter sido estrangulado. Mas a descrição do indivíduo que fora surpreendido ao sair do camarote era muito vaga e poderia calhar a qualquer pessoa. Era o primeiro ponto favorável a Grimlock.

Prosseguia a inquirição. Havia coisas comprometedoras para o jovem Melis que Grimlock não ignorava. Por exemplo: o seu álibi parecia não ter sido preparado com todo o cuidado e apresentava algumas falhas. E fora muito fácil cuidar disso antecipadamente! Grimlock franziu as sobrancelhas, e quando o fazia o honrado tribunal, o acusador publico, o médico legista e outros não se sentiam á vontade:

Chegou a vez de o médico prestar declarações. Ao proceder á autópsia, verificara que o pescoço estava ainda inchado, bem como o rosto da vítima. Aquilo era evidente: morte violenta, e por estrangulamento. Absolutamente consistente!

Grimlock carregou, de novo, o semblante e o médico acrescentou:

—Todos esses sintomas, de resto, eram condizentes com outra coisa...

Grimlock aliviou o aspecto carrancudo, ameaçador. A sua gente procedera como devia ser. Fosse o que fosse, a coisa ia surgir agora!

—Queira continuar! — disse o juiz.

—Normalmente — prosseguiu o médico —, teriamos chegado á conclusão que a morte fora provocada por estrangulamento...

Olhou para Melis e, de revez, para Grimlock. Começava a gostar do seu papel. E continuou:

—Chegara-nos, do Cairo, um telegrama confidencial, muito alarmante, precisamente quando nos dirigiamos para o camarote. Era em plena época de turismo, e por isso não permitimos que a noticia circulasse. Como, porém, o barco saira oito dias antes do porto daquela cidade, e ponderando no grave risco, comunicaram-nos o facto sob rigoroso sigilo.

—Continue!—interveio o acusador publico, que também lançou um olhar para Grimlock.

—«Bem achado, sim senhor!» — pensou este —. Ainda por cima, verdade, o que até era melhor! Talvez aquilo fosse a sua sorte...

O médico, endireitando-se e respirando fundo, fez a sensacional revelação:

—Irrompera a peste no Cairo, mas como passara exactamente o período de inoculação, de oito dias, desde que o «Balkania» saira daquele porto, isso fazia mudar a nossa opinião...

Grimlock inclinou-se mais para a frente.

—Como evoluciona a doença, doutor? — perguntou o acusador publico.

—O primeiro sintoma — respondeu o médico — é um inchaço ou tumor, ai do tamanho de uma noz, no sovaco. E' a primeira coisa que se deve ver. Sente-se logo com a mão e cresce oito dias depois da contaminação. Quando chega a esse ponto, já nada pode salvar o doente!

—Continue! — insistiu o acusador publico, em tom de encorajar.

—Pouco depois de aparecer esse tumor, o enfermo começa a sentir náuseas, acompanhadas de suores, febre e apertos da garganta...

—Continue! continue! — repetiu o acusador.

—Apenas decorridas umas horas sobrevêm dores agudas no abdómen, com tumefacção visivel da garganta e do rosto. As feições perturbam-se, como por efeito de estrangulamento, e não tarda a síncope, á qual se segue a morte.

Falando, agora, muito pausadamente e fixando o magistrado, o acusador publico perguntou ao médico:

—Parece-lhe possível que o morto houvesse contraido a doença no Cairo?

—Não só me parece possível, como verdadeiro! Todos os sintomas que observei eram convincentes sobre a morte pela peste. Sabemos que a vítima quando ali esteve fora a terra; e bastava que tivesse tocado directamente com as mãos na pele de qualquer pessoa infectada para se operar a transmissão da doença. Contacto pessoal, ou apenas, possivelmente, a aproximação do rosto perto da pessoa atacada, de maneira a ser atingido pela respiração na cara, tanto basta!

—Certamente que tomou todas as precauções para salvaguarda do publico?! — interveio o juiz.

—Tomámos, imediatamente, todas as precauções. As que são possíveis, claro! Tudo foi desinfectado e selou-se o camarote. Nada divulgámos, então, por causa dos turistas, e só agora o revelamos, visto que o perigo passou. Tudo isso se fez por ordem das autoridades. O homem morreu há oito dias; e se alguém esteve junto dele, o primeiro sintoma deveria estar a manifestar-se, mas, pelo que sabemos, ninguém esteve ao pé da vítima no período agudo da moléstia. Não fazemos fé naqueles que dizem ter visto uma pessoa sair do camarote...

—Qual é a sua conclusão final doutor? — perguntou, sorrindo, o acusador publico.

—Que a morte foi consequência da peste, e ninguém poderá ser acusado de a ter provocado violentamente!

—Estou satisfeito! — exclamou o acusador, inclinando-se perante o tribunal —. Em rigorosa justiça, não posso reclamar a continuação do inquérito!

Grimlock estava salvo! Acabavam as suspeitas sobre qualquer dos que lhe estavam ligados. Bedov tinha sido liquidado! A guerra ia-se aproximando, cada vez mais, e era certo que ele devia morrer, e com agonia. Mas fora melhor assim. Estava tudo acabado.

Grimlock encolheu os ombros, mas sem deixar transparecer no rosto a mais ligeira comoção. Isso não era para ele, que nunca mostrava qualquer sinal de comoção! Era assim Grimlock. Até quase nem reparou no sorriso do médico, ao inclinar a cabeça, ou no aceno, cheio de dignidade, do juiz. Mal reparou que correspondera. Mais uma vez ganhara, como sempre.

Meteu-se por meio da multidão, mas teve um rebate — «Não se admiriam da sua pressa? Devagar!» —. E encaminhou-se para a saida, com um largo sorriso no rosto. De repente, já no corredor, meteu a mão debaixo do braço, por dentro do casaco, e sentiu o apavorante tumor.

Teatros e Cinemas

(Continuação da 4.ª página)

ra, aligera e saltitante, enquanto Horst Buchholz expressa bem o carácter da juventude. Amam-se, repelem-se, encontram-se muitas vezes, até que por fim... Não queremos desvendar o segredo. Infelizmente, o destino é assim. A sua mão cruel, quase sempre, escolhe os melhores. A amorosa intérprete de «Sissi» tem em «Monpti» um belo papel. Não precisa representar; basta abandonar-se á alegria exultante da mocidade. Vincar o seu tipo físico, exprimir a sua alma — e sorrir, flor e mulher, eis tudo.

Nos complementos, um documentário colorido de António Lopes Ribeiro e Aquilino Mendes sobre a representação de Portugal no certame internacional de Bruxelas. — *Visar 57.*

«Amor... e conversa!» no Condes

«Amor e Chiacchiere», de Alessandro Blasetti, sobre um argumento de Cesare Zavattini é uma comédia burguesa aguçada de sátira. A construção da história parece-nos esquemática relativamente ás figuras desenvolvidas e exuberantes. Zavattini escreveu um conto simples e incisivo mas os personagens, interpretados por excelentes actores, parecem querer quebrar as suas esquadrias e libertar-se das molduras.

Vittorio de Sica dá-nos uma inteligente e admirável caricatura. Este seu «sindaco» verboso e teatral, é o retrato de muitos políticos e pais. A sua ambição, o seu deslumbramento na casa do milionário, meteu a mão debaixo do braço, a sua grandiloquência, a sua derrota apesar de excessivas e sublinhadas, têm uma realidade espantosa. Gino Cervi, no comendador, Carla Gravina, na gentil e sensível Maria, Geronimo Meynier, no filho em revolta, Elisa Cegani, na mulher em adoração ao falso ídolo, Isa Pola, na nova rica e Alessandra Panaro, na rapariga moderna, são uma galeria de caricaturas onde nos reconhecemos.

Blasetti estrutura o filme com argucia e equilíbrio. Boa fotografia de Mario Cipriotti.

Documentários razoáveis. — *Visor 100.*

CARTAZ DO DIA

TEATROS

MONUMENTAL — As 21 e 45 — «A rainha do ferro-velho».
COLISEU — As 20,30 e 22,45 — «Ai mexe... e remexe!».
ABC — As 20,45 e 22,45 — «Vira o disco»
MARIA VITORIA — A's 20,30 e 22,45 — «Por causa delas...».

CINEMAS

TIVOLI — «A volta ao Mundo em 80 dias».
SÃO LUIZ — «Os irmãos Karamazov»
SÃO JORGE — «A Cigana Vermelha».
IMPERIO — «Os dez mandamentos.
EDEN — «Monpti».
POLITEAMA — «Ordens para matar».
ALVALADE — «Os irmãos Karamazov».
MONUMENTAL — «Lágrimas da ribalta».
ROMA — «A rapariga das violetas».
ODEON — «A rainha do cuplé».
CONDES — «Amor... e conversa».
AVIS — «A rapariga das violetas».
CAPITOLIO — «Madalena e o legionário».
RESTELO — «Amar não é pecado».
OLIMPIA — «Vidas turbulentas».
IDEAL — Suprema ambição».
PROMOTORA — «O espírito e a carne».

Exposição de pintura no Museu Regional de Evora

EVORA, 4 — (Pelo telefone) — Inaugurou-se esta tarde, no Museu Regional desta cidade, uma exposição dos trabalhos dos artistas que participaram na I Missão Internacional de Arte, promovida pelo Grupo Pró-Evora.

Ao acto inaugural, presidiu o subsecretário de Estado da Educação Nacional, dr. Baltasar Rebelo de Sousa, que veio de Lisboa acompanhado pelos srs. drs. João de Almeida, director-geral do Ensino Superior de Belas-Artes, e dr. José Rebelo de Magalhães, secretário-geral da Fundação Gulbenkian. Estavam também presentes o governador civil do distrito, o presidente da Camara local e o bispo auxiliar da diocese.

Após a inauguração, o dr. António Gromicho, presidente da direcção do Grupo Pró-Evora saudou o referido membro do Governo, o por sua vez, exprimiu a sua admiração por tão feliz iniciativa.

Novo ano escolar

Aberturas das aulas na Escola Técnica de Tomar

TOMAR, 4 — Efectua-se, hoje, no novo edifício da Escola Industrial e Comercial de Tomar, a cerimónia de abertura das aulas.

A's 16 e 30, haverá sessão solene, presidida pelo director-geral do Ensino Técnico Profissional e seguir-se-á a distribuição de prémios aos alunos mais classificados no ano lectivo de 1957-58.

Rádio C. de Moçambique

O Rádio Clube de Moçambique recomeçou as suas emissões diárias para a Metrópole em 15.156 kcs., banda de 19 metros, das 15.30 ás 18.30, hora local.

VIDA MUSICAL

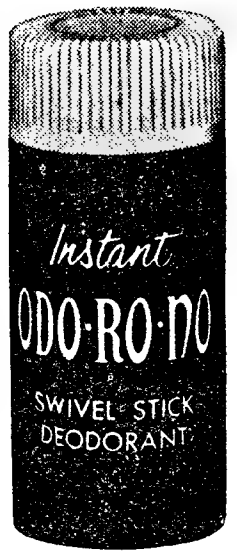
Academia de Amadores de Musica

Estão abertas na sede da Academia de Amadores de Musica, Rua Nova da Trindade, 18, 2.º, as inscrições para todos os seus cursos, começando as aulas a funcionar na próxima segunda-feira, dia 6.

O seu melhor guarda-costas...

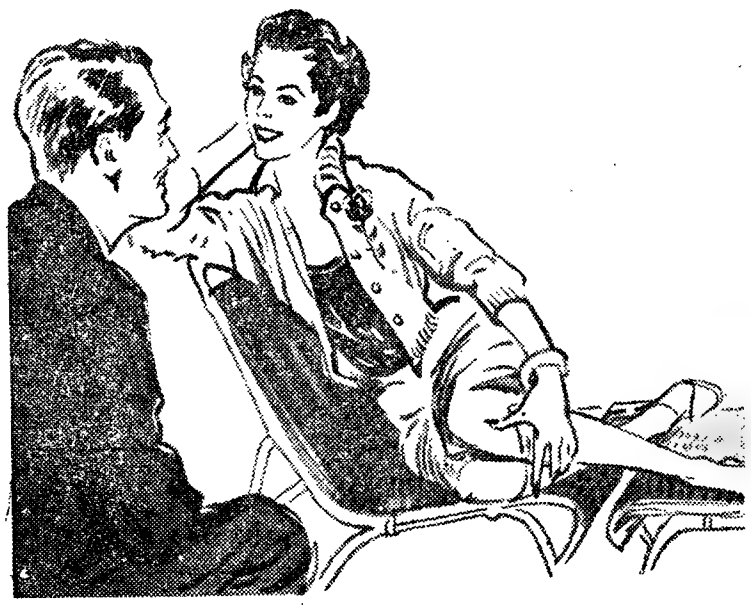
ODO·RO·NO

STICK DESODORIZANTE INSTANTÂNEO



- Protege instantâneamente contra a transpiração
- Basta dar um geito
- aplicar

É rápido, eficiente, de uso fácil. É o novo ODO-RO-NO Instantâneo. Só o ODO-RO-NO STICK se aplica tão depressa... acaba com o mau cheiro, evita a humidade. Dá uma sensação de bem-estar, de frescura, logo que se aplica. Nenhum desperdício, nenhuma sujidade. Não admira que os homens elegantes, em toda a parte, usem o novo «ODO-RO-NO STICK» diàriamente. (Naturalmente «ela» já sabe que este stick é superior... e escolhe o novo ODO-RO-NO Instantâneo como o único desordorizante económico para toda a família).



FAÇA DO ODO·RO·NO O SEU MELHOR HÁBITO DIÁRIO

A nova estrutura dos serviços

da Secretaria de Estado do Comércio

(Continuação da 1.ª página)

to a cabeça funções predominantemente executivas para além da participação que os seus representantes venham a ter, como vogais da C. C. E. ou das suas sub-comissões, no estabelecimento das linhas de actuação económica do Governo.

A justificação das remodelações empreendidas — e a medida da sua inegável urgência — residem na conjugação de condicionalismos internos e internacionais, avultando no primeiro caso a conveniência de não demorar certas intervenções disciplinadoras, e no segundo, a circunstância de se estar precisamente aproximándo uma fase decisiva das negociações para o estabelecimento de uma zona de comércio livre, entre os países da O. E. C. E.

As modificações consignadas no despacho em referência não implicam, contudo, e desde já, a revisão dos estatutos legais, de todos os organismos integrados na Secretaria de Estado do Comércio. Assim, conforme se anuncia, estão previstas ulteriores transformações das normas de funcionamento dos organismos corporativos e de coordenação económica dependentes daquela Secretaria de Estado, por forma a enquadrá-los no ambito das funções que normalmente se lhes devem atribuir, em face de uma clara definição da sua natureza e objectivos.

Nenhuma alteração de vulto se julgou necessário introduzir no estatuto da Comissão Técnica de Cooperação Económica Externa, que transitou da Presidência do Conselho por ocasião da ultima remodelação ministerial. Apenas o presidente da C. T. C. E. E. passa a ser membro da Comissão de Coordenação Económica e o presidente desta vogal da Comissão Técnica. Além disso, deixam de ser executados na Comissão de Coordenação Económica, ficando directamente a cargo da C. T. C. E. E., os serviços destinados a assegurar a continuidade da participação portuguesa em organismos internacionais, na parte que se refere aos problemas respeitántes ao sector da economia.

Serão reforçadas as disposições que conferem á Direcção-Geral do Comércio o encargo de execução das directrizes formuladas em matéria de comércio externo, ao mesmo tempo que lhe serão retiradas as funções directivas que, neste aspecto, a prática lhe tem vindo a conferir. Nesse sentido, a Direcção-Geral do Comércio deverá promover a melhoria dos seus serviços de registo e licenciamento, nomeadamente por via da redução do tempo despendido com a consulta a outros organismos.

Todavia, atendendo a que a experiência executiva pode ser util no capítulo da definição de medidas gerais orientadoras do comércio externo, é reconhecida ao Director-Geral do Comércio a qualidade de membro da Comissão de Coordenação Económica.

Da mesma forma — e com vista a estabelecer uma ligação íntima entre a entidade encarregada de definir a política oficial de preços e abastecimento (a C. C. E.) e o organismo ao qual incumbirá a respectiva execução (a Intendência-Geral dos Abastecimentos) — o Intendente-Geral dos Abastecimentos será também vogal da Comissão de Coordenação Económica

A decisão, antes mencionada, de conferir á C. C. E. ampla capacidade definidora de medidas de política económica implica, no caso do Fundo de Fomento de Exportação, visível limitação das respectivas atribuições, com o consequente ajustamento da sua actual estrutura. Assim, terá de ser reduzido o Conselho Administrativo e remodelados os respectivos quadros de pessoal, parte do qual deverá transitar para a Comissão de Coordenação Económica, onde já hoje se estudam os problemas que igualmente preocupam o Fundo de Fomento de Exportação.

A mais importante transformação, decorrente da doutrina contida no despacho que temos vindo a referir, deverá ser entretanto determinada na organica do Fundo de Abastecimento, cujas presentes atribuições serão quase por completo absorvidas por uma das sub-comissões da C. C. E., a que foram cometidos os problemas ligados a preços e abastecimento.

Os organismos de coordenação económica que laboram no sector comercial, verão reforçadas as suas prerrogativas intervencionistas e serão chamados a participar na determinação dos princípios orientadores da política a seguir nos ramos de actividade a seu cargo. Para esse fim, fica assegurada a representação daquelas entidades nas sub-comissões especializadas, a criar na C. C. E.

Finalmente, porque á orientação a seguir no domínio comercial não podem ficar indiferentes os órgãos representativos dos interesses privados do respectivo sector, foi concedido, a representantes das Corporações, assento nas sub-comissões da C. C. E.. Além disso, ficou ainda previsto que — quando estejam em causa problemas ligados ás respectivas actividades — possam ser igualmente ouvidos dirigentes de organismos corporativos ou das entidades privadas a que directamente dizem respeito os assuntos discutidos numa qualquer das quatro sub-comissões constituídas.

*

Como se deduz das observações anteriores, a Comissão de Coordenação Económica passará a constituir, na Secretaria de Estado do Comércio, o principal organismo de estudo e informação e o mais directo colaborador respectivo do Secretário na elaboração dos esquemas gerais ou sectoriais da política comercial do Governo.

Para levar a bom termo as obrigações que lhe estão cominadas disporá a C. C. E. de uma comissão plenária — a que principalmente incumbe o debate de questões de ordem geral — e de quatro sub-comissões especializadas, que se afigura deverão situar-se em plano de maior tecnicidade. A cada uma das citadas sub-comissões ficou reservado o estudo das seguintes ordens de problemas:

1.º—Comércio com o estrangeiro;
2.º—Comércio com o Ultramar;
3.º—Abastecimento e preços;
4.º—Organização económica.

Salta á vista a extrema complexidade dos assuntos contidos nas atribuições destes quatro agrupamentos e a importancia das soluções que — sobre cada um dos pontos em análise — venham a ser propostas superiormente. O trabalho a desenvolver pelas sub-comissões da C. C. E. está, de resto, na base da política económica a seguir pela Secretaria de Estado do Comércio, delas dependendo, portanto, em boa medida, o sucesso da futura orientação oficial a aplicar no domínio do comércio.

Certamente por esse motivo, o despacho do sr. secretário de Estado do Comércio, a que nos estamos reportando, contém igualmente uma vasta explanação das ideias mestras que deverão presidir á acção do Governo, em cada uma das matérias que constituem objecto de estudo das novas sub-comissões instituidas na C. C. E.

Assim, pelo que respeita ao comércio com o estrangeiro, afirma-se no referido despacho constituir preocupação dominante da Secretaria de Estado do Comércio a redução do profundo desequilíbrio da balança comercial metropolitana

Posta de lado a eventual solução de um regresso puro e simples ao bilateralismo das trocas comerciais e dado que qualquer tentativa de compressão drástica das importações não deixaria de afectar o normal desenvolvimento da produção nacional, fica apenas de pé a possibilidade de um aumento da exportação. Nesse sentido se esquematizam, desde já, algumas medidas de fomento das vendas ao estrangeiro, incluindo as de prospecção dos mercados externos, onde o Fundo de Fomento de Exportação assume papel preponderante, «pondo ao serviço da actividade exportadora os meios técnicos e financeiros de que a maioria das empresas isoladamente nunca poderia dispor».

Mas um tal esforço de conquista dos mercados externos corre o risco de não dar lugar a um frutuoso aumento da exportação, se entretanto não tiverem sido sanadas certas deficiências da nossa organização comercial, actualmente demasiado dispersa e desunida e não dispondo dos meios financeiros indispensáveis para concorrer com organizações similares estrangeiras. Antes de mais há, por isso, que «pôr cobro á desorganização interna da produção e do comércio que vive da exportação», para o que se conta com a colaboração voluntária dos próprios interessados, sem todavia pôr inteiramente de parte a possibilidade de recurso a medidas coercivas.

Isto não quer evidentemente dizer que sejam nulas as possibilidades existentes no domínio da importação, para desencorajar o excessivo crescimento das compras de bens não essenciais ao progresso económico do País. Alguns processos de contenção das importações foram enunciados no despacho do senhor secretário de Estado do Orçamento e só há que aplaudir as intenções que nortearam uma tal decisão.

Em primeiro lugar, projecta-se reduzir a «procura interna de certos produtos pelo lançamento sobre eles de impostos de consumo». O sistema vigora já no caso das vendas de automóveis e apenas haverá que alargá-lo, por forma a compreender mais alguns artigos.

Outro dos meios de acção a pôr em prática, neste domínio, consistirá no «completamento ou acabamento em Portugal de muitos dos bens actualmente importados». Também, neste aspecto, a Secretaria de Estado do Comércio manifesta a sua natural relutancia pelo recurso a disposições coercivas: «espera, antes, que as actividades importadoras acorram á chamada que os serviços competentes lhes vão fazer e com eles estudem as condições em que a medida se possa concretizar no mais curto prazo». O assunto será objecto de estudo pelas sub-comissões do comércio com o estrangeiro e com o Ultramar, da C. C. E., estando desde já decidido que o início da experiência se fará com a importação de viaturas-automóveis.

Finalmente pensa-se ainda lançar uma vasta campanha de preferência pelos artigos de produção nacional, campanha em que o Estado, na sua qualidade de grande consumidor terá papel de particular relevo. Ao mesmo tempo, será mantido um estreito contacto entre a Comissão de Coordenação Económica e os organismos representativos do comércio nacional, com vista a conseguir, deste ultimo sector, uma actuação de duplo efeito: «junto da sua clientela, criando-lhe o gosto de comprar artigos portugueses e junto da produção em ordem a levá-la a fabricar segundo os desejos e as necessidades do consumo».

No capítulo das relações comerciais com o Ultramar, a remoção das dificuldades presentemente encontradas no comércio com Angola situa-se na primeira linha das preocupações da Secretaria de Estado do Comércio.

Para além deste problema particular, a questão fulcral da criação de um mercado único entre a Metrópole e o Ultramar assume carácter preponderante, muito embora se tenha presente a natureza — necessáriamente lenta — dos passos a dar nesse sentido e a complexidade das soluções requeridas, cuja definição transcende as atribuições da Secretaria de Estado do Comércio.

Pensa-se, neste aspecto, que «uma instantanea fusão dos mercados metropolitano e ultramarino poderia comprometer a possibilidade de adequada industrialização do Ultramar», motivo por que se afigura mais prudente encetar o processo de criação de um mercado comum pela via de uma gradual coordenação dos dois mercados nacionais, «coordenação declaradamente feita em vista de uma unificação que se deseja atingir».

Pelo que se refere a abastecimentos e preços — de cujo estudo ficou, como vimos, encarregada a 3.ª subcomissão da Comissão de Coordenação Económica — a política a seguir pela Secretaria de Estado do Comércio deverá assegurar a manutenção da estabilidade dos preços internos e o regular aproveitamento dos mercados.

O principal órgão de execução desta política tem sido, até agora, o Fundo de Abastecimento. A orientação adoptada tem permitido uma satisfatória estabilidade dos preços, resultado que todavia só foi possível alcançar á custa de pesados encargos financeiros, determinantes da actual posição devedora do referido Fundo.

Nestas condições, o despacho do sr. secretário de Estado do Comércio determina uma ampla revisão dos métodos que vêm sendo aplicados nesse domínio, prescrevendo um mais intenso recurso á fiscalização directa das altas verificadas e estabelecendo os programas de intervencionismos anti-oficiais em função das disponibilidades financeiras existentes. Pretende-se assim conseguir o regresso gradual a níveis de preços mais naturais, sem esquecer a possibilidade de conter altas especulativas, por via do recurso a um mais completo abastecimento dos mercados.

Algumas anomalias verificadas no circuito da distribuição, resultantes de se terem mantido processos de abastecimento criados em conjecturas anormais, deverão igualmente ser corrigidas. No despacho em apreciação aponta-se, como exemplo de casos deste tipo, a posição de alguns armazenistas que, «comprando onde lhes mandam vendendo a quem lhes ordena e vivendo das taxas, fixadas por via de autoridade, acabam por surgir no circuito económico como um ónus cuja justificação se não vê».

Para todos estes problemas deverá ser solicitada a cuidadosa atenção da 3.ª subcomissão da C. C. E., á qual incumbirá propor uma orientação capaz de permitir que «ao comércio, fortalecido e responsabilizado, venham a entregar-se as funções que á organização de coordenação económica — como serviço do Estado que o é — não pertencem e que esta, numa espécie de círculo vicioso, só tem exercido por impotência do próprio comércio».

Em matéria de organização económica — assunto a que se dedicam as páginas finais do despacho do sr. secretário de Estado do Comércio — as principais dificuldades parecem residir na ausência de um perfeito conhecimento da verdadeira esfera de acção dos organismos de coordenação económica. Considerados, a princípio, como entidades de tipo pré-corporativo, o que parecia ligá-los á organização corporativa, a própria natureza prática das suas funções acabou por conceder-lhe características de autênticos institutos publicos, qualidade essa que se afigura conveniente preservar.

Os organismos de coordenação económica deverão, portanto, prosseguir no desempenho das suas funções principais, que consistem em assegurar o normal funcionamento dos mercados. Ao mesmo tempo, porém, certas tarefas que presentemente desempenham, em substituição da iniciativa privada, deverão ser devolvidas ao sector comercial, promovendo-se igualmente a simplificação de algumas regulamentações excessivas e o alargamento da disciplina económica a ramos de actividade que, até ao presente, se têm mantido fora do ambito de actuação dos organismos de coordenação económica.

TERMAS DE MONTE REAL
ESTANCIA DOS HEPATICOS E INTESTINAIS
A DE MAIOR MOVIMENTO TERMAL EM PORTUGAL
BALNEARIOS ABERTOS ATE' 30 DE NOVEMBRO
HOTEL MONTE REAL
AQUECIMENTO — ASCENSOR — O MELHOR AMBIENTE
BOA MESA
FICA ABERTO TODO O ANO
CONDIÇOES ESPECIAIS PARA O/INVERNO
LEIA HOJE O «SEMPRE FIXE»

Dizem-os leitores...

O Bairro de Queluz

Sob o título «O problema das habitações continua a alarmar a população», publicámos no dia 7 do passado mês, a carta de um leitor que se referia ás condições de construção do novo agrupamento de casas económicas de Queluz. Por intermédio do S. N. I. foi-nos enviada dos organismos oficiais competentes a resposta ás observações do leitor que se nos dirigiu, na qual se diz:

«1.º — a) A fixação do montante das prestações mensais é da competência do Ministério das Corporações e Previdência Social;

b) Não existe o tipo 1 porque reconheceu o Ministério das Corporações e Previdência Social maior urgência em alojar as famílias numerosas, dando assim preferência á construção dos tipos mais elevados que o permitem.

2.º — O Bairro e todas as suas moradias dispõem de certos esgotos ligados á rêde geral. Possívelmente foram confundidas com fossas as caixas de visita.

3.º — a) As construções estão acabadas;

b) Não têm armários de cozinha porque tal não foi possível considerar;

c) Só não têm corrimãos na escada, as casas que deles não necessitam;

d) Os fechos das portas não são de lata, são de ferro zincado que foram os julgados melhores para o nível das casas, que têm de ser económicas;

e) Não tendo gelosias, dispõem porém as janelas de portadas de madeira, que muitas vezes são preferidas pelos moradores;

f) Não dispõem de gás distribuido pelas C. R. G. E. que só têm contracto de fornecimento na área da cidade de Lisboa

4.º — a) O apeadeiro junto ao Bairro está previsto;

b) Está prevista a construção da escola primária;

c) Dispõe o Bairro de espaços livres para a construção de recreios, além de que todas as moradias dispõem de logradouro próprio, existindo bem próximo zonas arborizadas que beneficiam este aglomerado».

Uma carta da União Zoófila

Em resposta á carta do sr. J. O. Godinho, que publicamos, na qual volta a referir-se ao caso, a que demos publicidade no passado dia 19, a União Zoófila envia-nos hoje um ofício em que se diz:

«Não desejaria abusar da hospitalidade de V. se não fôsse a necessidade de fazer um breve reparo á nova carta do sr. J. O. Godinho.

«Uma vez que, na primeira carta, o respectivo signatário afirmou — e não curamos de saber a intenção com que o terá feito — que também se tinha dirigido á «União Zoófila», a fim de ali ser tratado o cão sinistrado a que se referiu, não indicando a hora a que o teria feito — só agora dando a entender ter sido fora das horas regulamentares do expediente daquela Associação — e tornando-se evidente que tal afirmação, sem mais esclarecimentos, seria susceptível de induzir o publico em erro, natural seria que se lhe opusesse um formal desmentido.

«Este foi, portanto, não só oportuno, como necessário, como aliás o facto novo desta segunda carta do sr. Godinho também o comprova porquanto nela não mantém que se tenha dirigido á «União Zoófila» dentro das horas regulamentares em que funcionam os seus serviços.

«Quanto ao resto, abstemo-nos de quaisquer comentários».

Um restaurante típico

em Águeda

AGUEDA, 3 — Antes das festas do fim de ano, será inaugurado o restaurante típico «Estrada», situado á entrada desta risonha vila, junto á ponte, na estrada Porto-Lisboa, num trecho de paisagem admirável, de vasta e imponente cenografia, que tem por fundo a mancha verdejante de pinheirais e exuberantes verduras.

Projectado pelo arquitecto Carlos Veiga Pinto Camelo e construido pelo engenheiro Manuel Santos Pato, obedece a todos os requisitos modernos de conforto e elegancia, salientando-se o bom gosto e o requinte artístico das instalações, onde se combinam as cores e os jogos de luz num conjunto harmonioso e sugestivo. Além de verdadeiro atractivo, com um ambiente aliciante para forasteiros, representa um grande melhoramento valorizador do turismo local.

DIARIO DE LISBOA

PROGRAMAS DE RADIO

EMISSORA — Ás 18, noticiário e danças; 18 e 40, operetas; 19, desdobramento; 21, noticiário; 21 e 15, desdobramento; 23 e 45, noticiário, boletim meteorológico e fecho.

Programa «A» — Ás 19, emissão infantil; 19 e 30, trechos em piano; 19 e 45, aguarela brasileira; 20, jornal sonoro; 20 e 15, musica ligeira sinfónica; 20 e 30, que quer ouvir?; 21, junção dos emissores; 21 e 15, trechos em viôla espanhola; 21 e 30, comentário político; 21 e 45, serão para trabalhadores. No intervalo: «Vozes do Mundo»; 23 e 30, danças; 23 e 45, junção dos emissores.

Programa «B» — Ás 19, aspectos da musica moderna; 19 e 50, noticiário regional; 20, concerto de camara, em que colaboram as cantoras Catarina Orvalho, Dulce Cabrita e Maria Fernanda Cruz; 20 e 23, paisagem portuguesa, por Maria de Carvalho; 20 e 33, musica de tecla; 21, junção dos emissores; 21 e 15, 2.º acto de «Tristão e Isolda», de Wagner, por solistas, orquestra filarmónica, sob a direcção de Furtwaengler; 22 e 45, que quer ouvir? «Os Planetas», suite sinfónica de Holst, pela Orq. Fil. Promenade, coro de Londres, sob a direcção de Adrian Boult; «Passacaglia», da ópera «Peter Crimmes», de Britten, pela orq. do Concertgebouw de Amesterdão, dirigida por Van Beinum; 23 e 45, junção dos emissores.

RADIO CLUBE — Ás 17 e 30, variedades; 18, ritmos de baile; 18 e 30, fados e guitarradas; 19, quer um conselho?; 19 e 15, Doris Day; 20 e 15, apontamento do dia; 20 e 20, solistas; 20 e 30, onda desportiva; 21, imagens por musica; 21 e 30, língua portuguesa; 21 e 45, Brasil; 22, trechos recreativos; 22 e 30, cultura espanhola; 22 e 45, cançonetas; 23, concerto; 23 e 30, ritmos de baile do Casino Estoril; 23 e 45, agenda; 23 e 50, conjuntos; 0 e 30, noticiário; 0 e 40, ritmos de baile.

Estação de Miramar — Ás 18, paisagem infantil; 18 e 30, cançonetas; 18 e 45, recital de Cruz e Sousa; 19, palestra de língua portuguesa; 19 e 15, motivos portugueses; 19 e 30, Isto é Portugal; 20, boletim informativo; 20 e 10, conjuntos vocais e instrumentais; 20 e 30, vida desportiva; 21, noticiário; 21 e 15, canta Eddie Fisher; 21 e 30, orquestras ligeiras; 22, programa para a mulher; 22 e 5, Brasil; 22 e 30, conjuntos instrumentais; 22 e 45, melodias; 23, trechos de operetas; 23 e 30, artistas portugueses; 0, ritmos de baile.

RADIO RENASCENÇA — Ás 18 e 30, terço e bênção; 19 e 25, boletim do S. C. R.; 19 e 30, França, horizonte do Mundo; 19 e 45, solistas modernos; 20, musica para o seu jantar; 20 e 30, noticiário; 20 e 55, meditando; 21 e 5, as ultimas novidades; 21 e 30, musica portuguesa; 21 e 50, melodias; 22, no reino das musas; 22 e 20, composições escolhidas; 22 e 45, noticiário; 22 e 57, boletim religioso; 23, serão familiar.

POSTOS CENTRALIZADOS — Das 14 e 30 ás 19 e 30, Rádio Peninsular; 19 e 30 ás 22, Voz de Lisboa; 22 á 1, Clube Radiofónico de Portugal.

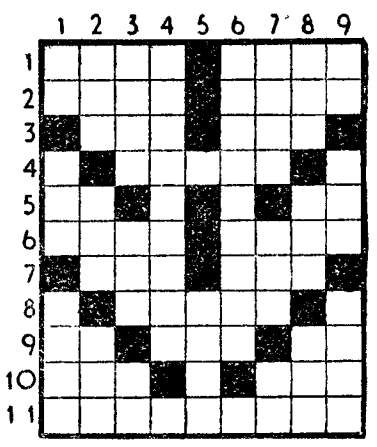
PALAVRAS CRUZADAS

Problema n.º 1379
(COM PROVERBIO)

HORIZONTAIS: 1 — Castelo português que era residência de Verão da família real. Tombais. 2 — Terra nova e arroteada de fresco. Lugar em que. 3 — Acrescentei. Negativa. 4 — Que tem um sabor azedo. 5 — Artigo definido. Deus dos pastores. 6 — Estampilha. Edace. 7 — Grande quantidade. Corrente de água natural e abundante. 8 — Farelo miudo. 9—O sono das crianças. Preposição. Virtude teologal. 10 — Piedosa. Ribeira do distrito de Portalegre. 11 — Combinação de cartas em determinada ordem.

VERTICAIS: 1 — Utensílio de lavoura. Ilha do mar Egeu onde nasceu Hipócrates. Linguista alemão autor de «Gramática Comparativa das Línguas Indo-Europeias».

Conjuntos de malha
Nacionais
Ingleses
TORRE EIFFEL
104—Rua do Carmo—106



2 — Data. Preposição. Freguesia do concelho de Oliveira do Bairro. 3 — Zero. Pêlos de certos animais. Antes de Cristo. 4 — Subornares. 5 — Introduz. 6 — Compadecerem-se. 7 — Enano. Espaço de 24 horas. Símbolo químico do escandio. 8 — Passado. Sustento. Esteve. 9 — Pronome reflexo. Realiza. Constelação do hemisfério austral.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

Solução do problema n.º 1379

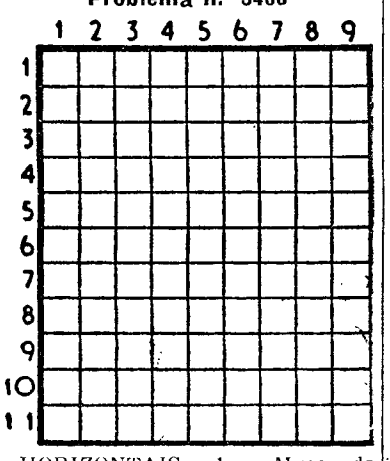
HORIZONTAIS: 1 — Aipo. Caim. 2 — CC. Sardão. 3 — Coa. Ria. 4 — Aura. Ag. 5 — O. Gil. Cré. 6 — Noa. Fão. 7 — Mas. Gap. 8 — Ob. Zune. 9 — HÁBITO. VI. 10 — Aria. Soa.

VERTICAIS: 1 — Acção. Molha. 2 — Içou. NÃO. Ar. 3 — Argos. Obi. 4 — Os. Aia. Unia. 5 — Ar. Int. 6 — Cria. FAZ. Os. 7 — Ada. Capuz. O. 8 — Ia. Aro. Nova. 9 — MONGE. Reais.

Provérbio: O HÁBITO NÃO FAZ O MONGE.

NOVA MODALIDADE

Problema n.º 3466



HORIZONTAIS: 1 — Musa da História. Departamento francês cuja capital é Nimes. 2 — Dama encarregada da educação de filhos de reis. Circunscrição da provincia da Guiné. 3 — Símbolo químico do rubídio. Partes mais baixas no interior dos navios. 4 — Espécie de peça teatral hoje quase posta de parte. Pronome pessoal. 5 — Agora. Rio do Estado de Mato Grosso na fronteira com o Paraguai. 6 — Gemidos. Apelido. 7 — Uma das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Águeda. Eia! 8 — Batráquio. Grande pintor italiano, um dos grandes génios do Renascimento. 9 — Indiferença. Letra grega. 10 — Parelhas. Letra grega. 11 — Altares. Certas.

VERTICAIS: 1 — Largo de Lisboa. Abadia da Ordem de Císter cujos frades observam uma regra muito severa. 2 — Bebera. Mamífero desdentado espécie de tatu. 3 — Seguia. Jovial. Medida para secos usada em Damão. 4 — Letra grega. Nome de um golfo na costa de Tunes. 5 — Bioco. Partes. 6 — Sumo da cana de açucar. Nota musical. 7 — Amarro. Espaço. Preposição. 8 — Gracejam. Incapaz. 9 — Porções. Ou pôr outra.

Solução do problema n.º 3465

HORIZONTAIS: 1 — Gaia. Avis. 2 — Lotaria. 3 — Norma. 4 — Cd. Loa. Cã. 5 — Arse. Içar. 6 — Lai. Rir. 7 — MMCD. Mira. 8 — Ia. Upa. Oc. 9 — Arara. 10 — Almiara. 11 — Alia. Ouro.

VERTICAIS: 1 — Acalmia. 2 — Al. Drama. Al. 3 — Ion. Sic. Ali. 4 — Atole. Durma. 5 — Aro. Pai. 6 — Armai. Marão. 7 — Via. Cri. Aru. 8 — Ia. Cairo. Ar. 9 — Carraca.

SEMANA DO CONTRIBUINTE

AGENDA

CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS — Estão a pagamento durante o corrente mês as seguintes:

Contribuição Industrial — A terceira e quarta prestações trimestrais pagando a terceira juros da mora.

Contribuição Predial — A terceira e quarta prestações trimestrais pagando a terceira juros da mora.

Imposto Profissional — Profissões Liberais e Assalariados — A terceira e quarta prestações trimestrais, pagando a terceira juros da mora.

Imposto Complementar — A primeira e segunda prestações das colectas iguais ou superiores a 2.000$00, pagando a primeira prestação juros da mora.

TAXA MILITAR — A anuidade do ano corrente que não foi paga até ao fim do mês de Maio com taxa simples, isto é, sessenta escudos, pode ser paga este mês e até ao fim do corrente ano com a taxa elevada ao dobro, posto o que relaxará, sendo, então, paga com custas e selos do processo.

IMPOSTO DE INCENDIOS — Pode ser pago até ao dia 30 de Outubro com juros da mora, posto o que, findo este prazo, relaxará.

IMPOSTO SOBRE A APLICAÇÃO DE CAPITAIS — SECÇÃO A — *Certidões de estado da causa* — Até ao dia 15 de Outubro corrente deverão os interessados, que sejam credores de capitais litigiosos manifestados nas secções de finanças provisóriamente, apresentar uma certidão de estado da causa que será averbada no manifesto mediante pedido verbal ou por escrito. A falta de apresentação deste documento implica a aplicação de uma multa igual ao imposto devido acrescido da taxa de compensação.

CONTRIBUIÇÃO INDUSTRIAL — GRUPO B — *Declarações* — As sociedades anónimas e comanditas por acções deverão apresentar, até ao dia 15 de Outubro corrente, na secção de finanças da área da sua sede, os seguintes documentos:

1. Uma declaração do modelo oficial;
2. Um exemplar dos estatutos com todas as alterações que lhes tenham sido introduzidas; (a)
3. Certidão da cotação média das suas acções no ultimo ano civil, passada pela respectiva camara de correctores;
4. Um exemplar do ultimo relatório e contas aprovado pela assembleia geral; e
5. Requerimento acompanhado de certidões comprovativas do pagamento das importancias de contribuição predial, industrial e impostos correspondentes, a que as respectivas sociedades estejam sujeitas, para lhe serem deduzidos na colecta industrial a pagar em 1959. (b)

Observações — (a) Se não houver alterações não é obrigatória a entrega. (b) A contribuição predial a deduzir na colecta do ano de 1959 é a do ano de 1958.

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE — Em Portugal continental o vento era fraco de Oeste e o ceu estava geralmente pouco nublado por acção duma massa de ar transportada na circulação conjunta duma depressão centrada sobre a Irlanda e dum anticiclone centrado a Oeste dos Açores.

Temperaturas ás 9 horas: Porto, 17°; Lisboa e Faro, 19° e Funchal, 22°.

— Temperaturas observadas ás 10 horas na Costa do Sol: na atmosfera, 17°; na água do mar, 16°,9.

PREVISÃO ATÉ ÀS 24 HORAS (T. M. G.) DE AMANHÃ — Ceu geralmente muito nublado, vento moderado de Norte, aguaceiros especialmente nas regiões montanhosas.

VIDA MUNDANA

MAXIME VAULTIER

Após demorada estadia no estrangeiro, regressou a Lisboa, com sua família, o sr. Maxime Vaultier.

Peregrinação a Fátima
12 a 13 de Outubro
Excelentes auto-pullman
CONSORCIO ORBIS, LDA.
R. do Telhal, 4—Telef. 23066
LISBOA

— Não, não, minha senhora! Uma pneumonia vulgar são duzentos escudos, mas uma pneumonia dupla são quatrocentos!

EFEMÉRIDES

No dia 4 de Outubro de 1824 foi pelo México adoptada a forma da Republica Federal.

TELEVISAO

Hoje, ás 21, abertura da emissão; 21 e 2, noticiário do País e do estrangeiro; 21 e 10, Tele-desporto; 21 e 40, jornal de actualidades internacionais; 21 e 55, «S. Francisco de Assis — o santo que beijou a terra»; 22 e 10, Café-Concerto; 23, actualidades nacionais e ultimas notícias; 23 e 10, «Na rua e na estrada»; e 23 e 35, fecho da emissão.

FARMACIAS DE SERVIÇO

HOJE

TURNO C — União — Estrada de Benfica, 592-594, Tel. 780092; Vitex—Estrada de Benfica, 373-B, Tel. 780548; Curie—Avenida Madame Curie, 15-A, Tel. 778439; Leal de Matos—Rua Neves Costa, 33-35 Carnide, Tel. 780181; Laranjeiras (Das)—Rua Filipe da Mata, 160-162, Tel. 761035; Central do Lumiar, 77, Tel 779480; Brasil—Avenida Rio de Janeiro, 66-66-A, Tel. 722368; Sanex—Avenida da Igreja 31-C, Tel 776905; Belmar—Avenida de Roma, 53-A, Tel. 776314; Algarve — Avenida de Roma, 7-B Tel. 777478; Garantia — Avenida Padre Manuel da Nóbrega, 5-A-B á Praça do Areeiro, Tel. 727309; Onilda—Avenida João XXI, 13-A Tel. 726348; Campo Pequeno (Do) Avenida da Republica, 58-D-E, Tel 771661; Vale—Avenida Marquês de Tomar, 45-49, Tel. 773043; Universal—Rua Actor Taborda, 5-7, Tel 44158—A— Novais—Avenida Luis Bivar, 11-13, Tel. 44324; Ascenso—Rua 27, 41, Bairro da Encarnação Tel. 389216; Olivais (Dos) — Rua Alves Gouveia, 19, Tel. 389237; Conceição—Calçada D. Gastão, 30-32, Tel 381279; Pereira, Suc. — R. do Paraiso, 98-100, Tel. 863224; Silva—Calçada de Santo André, 16, Tel. 862074; Branquinho—Rua dos Sapadores, 87, Tel. 842725; Luzmar — Rua 2, 16, Bairro de Santa Engrácia, Tel. 728395; Iberia —Rua Barão de Sabrosa, 235-A, á Alameda, Tel 728277; Bastos — R. Morais Soares, 91-D, Tel. 814350; Castro—Avenida Almirante Reis 76-A-B, Tel 44373; Peninsular — Campo dos Mártires da Pátria 117-118, Tel. 53308; Vicente de Jesus — Largo do Rato, 3-C-D, Tel 681947; Salutar — Rua B, 75-A-B Bairro da Liberdade, Tel. 683694; Júdice de Oliveira—Rua de Campolide, 54-A, Tel 684424; Pinheiro —Rua de Campo de Ourique 131-133, Tel. 663640; Janeiro—Avenida Alvares Cabral, 100, ao lado do Liceu Pedro Nunes, Tel. 661453; Tagus—Praceta Possidónio da Silva, lote 3, Tel. 669485; Ocidental—Rua D. Jerónimo Osório, JPM, 3 Tel. 610256; Gomes, Suc. (Gonçalves)—Rua da Junqueira, 326, Tel 638193; Costa—Rua dos Lusiadas 32 Tel. 636704; A. César — Rua Prior do Crato, 74, Tel. 660187; Guerreiro da Costa—Rua das Janelas Verdes 90, Tel. 662327; Mota Capitão—Rua de S. Félix, 45-A-B Tel. 660720; Fénix—Rua da Cruz dos Polais, 52, Tel. 21031; Sanitas —Praça Luis de Camões, 24, Tel. 22798— A — Liberal—Avenida da Liberdade, 217-219, Telef. 43641; Ferrão—Rua da Mouraria, 12, Tel. 860464; Portugal — Rua Augusta, 216-218, Tel. 22073 — A —.

AMANHÃ

TURNO D — Benfica — Estrada de Benfica, 678-E, Tel. 782532; Vicente — Estrada de Benfica, 466-A, Tel. 782606; Alegria — Estrada de Benfica, 180-A-B, Tel. 780511; Canto—Estrada das Laranjeiras, 202-B, Tel. 780841; Berne (De)—Avenida de Berne, 44-A, Tel. 773568; Patuleia Herdeiros — Rua do Lumiar, 122-124, Tel. 779332; Neoterápia—Campo Grande 138, Tel. 774682; Libia — Avenida da Igreja, 4-B-C, Tel. 776681; Lusitana—Avenida de Roma, 18-A, Tel 725443; S Miguel — Praça Francisco de Morais, 1, Tel. 771469; Imperial — Avenida Guerra Junqueiro, 30-B Tel. 726860; Cruz Nunes—Praça Duque de Saldanha, 14 Tel. 41845; Ascensos, Ld.ª—Rua J, lote 48, Bairro da Encarnação, Tel. 388172; Marvila (De) Rua Direita de Marvila, 25, Tel. 381612; Mariuz—Calçada da Picheleira 140-B-C, Tel. 720703; Cruz de Malta—Largo do Chafariz de Dentro, 36, Tel. 23326; Almeida Dias L. da Graça, 38-A-39, Tel. 862909; Dalton—Av. Mousinho de Albuquerque, RSV, Tel. 843571; Lusa—Avenida Almirante Reis, 199-A, Tel. 41269; Romano Baptista—Rua Passos Manuel, 6-10, Tel. 50593; Guerra—Rua Andrade, 32-36, Tel. 345513; Ronil — Rua Rodrigo da Fonseca, 153, Tel. 683439; Salutar —Rua B, 75-A-B, Bairro da Liberdade, Tel. 683694; Confiança—Praça das Flores, 59 Tel 27901; Gouveia—Rua D. Maria Pia, 514, Tel. 364949; Linalda — Rua Ferreira Borges 30, Tel. 660955; Alb—Rua Santana, á Lapa, 156, Tel. 663562; Higilux—Rua de Pedrouços, 50-52, Tel. 610280; Mendes Gomes—Calçada da Ajuda, 222, Tel. 638256; Botanico-Química, Ld.ª — Rua da Junqueira, 38-40 Tel 638132; Ester Nogueira—R. de Alcantara, 5-A, Tel. 677563; Moderna—R. Garcia da Orta 24, Tel 663117; Neves — R. do Poço dos Negros, 36-38, Tel. 25636; Luis Magalhães—R. de Santa Marta, 15-A-B, Tel. 46490 Tavares—Rua Palma, 194, Tel. 863350; Silva Carvalho—Rua dos Fanqueiros, 126, Tel. 26575; Instituto Pasteur de Lisboa (D.)—Rua Nova do Almada 71, Tel. 30521 —A—. Estados Unidos — Avenida Estados Unidos da América, Lote 373, loja, Telefone 725859.

As explicações de Dulles

sobre a posição dos Estados Unidos foram aceites por Chang Kai Chek

mas subsistem motivos para novos atritos

TAIPEH, 4. — Funcionários do Ministério dos Negócios Estrangeiros anunciaram hoje á Imprensa que as explicações enviadas por Foster Dulles ao presidente Chang Kai Cheque foram compreendidas e aceites.

Dulles instruiu o embaixador norte-americano, Everett Drumright, no sentido de assegurar ao Governo de Taipeh que os Estados Unidos não abandonarão a defesa das ilhas do litoral chinês sujeitas á ameaça comunista.

Fora anunciado, anteriormente, que, na conferência de Imprensa, concedida na terça-feira, por Foster Dulles, dera a entender que os Estados Unidos estariam dispostos a retirar do Estreito da Formosa.

Comentando a recente entrevista de Chang Kai Cheque com Drumright, um dos funcionários do Ministério dos Negócios Estrangeiros declarou: «Compreendemos agora melhor a posição dos Estados Unidos e estamos convencidos de que nos compreendem melhor».

O Governo de Taipeh não publicou qualquer comunicado sobre as conversações entre o presidente e o embaixador Drumright, mas o informador do Ministério dos Negócios Estrangeiros, Kiang Yi-Seng, disse que estão dissipados os receios de que as ilhas da Formosa venham a ser um novo Munique.

Nos círculos diplomáticos norte-americanos também se afirma que as explicações norte-americanas dissiparam o mal-entendido entre a Formosa e os Estados Unidos. Contudo, dois pontos permanecem por definir nas relações entre os dois Governos, o que poderá originar novo mal-entendido. Trata-se da sugestão norte-americana para a retirada parcial das tropas da Formosa estacionadas nas Quemoy, no caso de se chegar a um acordo de tréguas com os comunistas e a afirmação, feita por Dulles, de que difícilmente Chang Kai Cheque voltará a ter soberania sobre o continente. — (ANI).

A opinião de um senador republicano

BLOOMINGTON (Indiana), 4 — O senador republicano John Sherman Cooper, falando numa reunião das Universidades desta cidade, declarou, nomeadamente:

«A posição dos Estados Unidos, quanto á Formosa, é muito firme e a China não tem ali nenhuns direitos. Necessitamos daquela ilha para a nossa segurança e para a do Japão, das Filipinas, da Austrália e da Nova Zelandia. A defesa da Formosa está assente num princípio que pode ser defendido perante a opinião publica mundial. O mesmo não se poderá dizer sobre as ilhas Quemoy e Matsu». — (F. P.).

Pequim recusa o salvo-conduto para a saida das tropas nacionalistas das ilhas de Quemoy

LONDRES, 4 — A China continental recusou um salvo-conduto para as tropas da Formosa abandonarem as ilhas de Quemoy e Masu — segundo revelaram hoje círculos diplomáticos.

Esta decisão — segundo os mesmos círculos — foi anunciada pelo embaixador Ping-Nan, em Varsóvia, ao embaixador norte-americano, Jacob Beam.

Este salvo-conduto é uma das principais condições impostas pelos Estados Unidos para um acordo de tréguas que envolva a retirada parcial das forças nacionalistas. A atitude de Pequim é encarada nos meios diplomáticos como uma tentativa para encurralar as tropas de Chang Kai Chek — que ascendem a 100.000 homens — ou impedir a sua retirada ordenada.

Ao mesmo tempo, o embaixador comunista fez saber que o seu país se opõe á proposta norte-americana de retirada parcial, o que parece indicar que a China continental só concordará com a retirada incondicional. — (A. N. I.).

✠

TAIPEH, 4 — O Ministério da Defesa da Formosa informa que os comunistas dispararam 1.278 granadas contra a Pequena Quemoy, a Tatan, a Ertan e a Tung Ting, nas doze horas entre a meia-noite e o meio-dia. — (A. N. I.).

Era um e ficaram dois

STRATFORD (Connecticut), 4 — David Griffins, que com grande espanto, descobriu que a mulher dera á luz uma criança no curto espaço de tempo que ele levou a ir buscar o automóvel para a transportar á maternidade, teve a segunda surpresa ao voltar da cozinha, onde fora pôr uma panela com água ao lume, pois, desta vez, encontrou duas crianças ao colo da mãe, que as contemplava enternecida. — (A. N. I.).

A influência portuguesa na obra colonizadora das Américas

NOVA YORK, 4. — Na sua intervenção perante a Assembleia Geral das Nações Unidas, o chefe da delegação espanhola, José Felix Lequerica, referiu-se ao papel da Espanha e de Portugal na colonização das Américas e disse:

«Se olharmos o Mundo, é impossível deixar de nos encontrarmos lo lado da América, com quase uma vintena de nações de origem nitidamente espanhola, com as quais temos de comum a língua a religião, mil reacções espirituais e modos de viver e, provàvelmente, muitos propósitos universais. Refiro-me ás Américas do Centro e do Sul» — sublinhou — «e não excluo, antes saliento, a América de origem portuguesa.

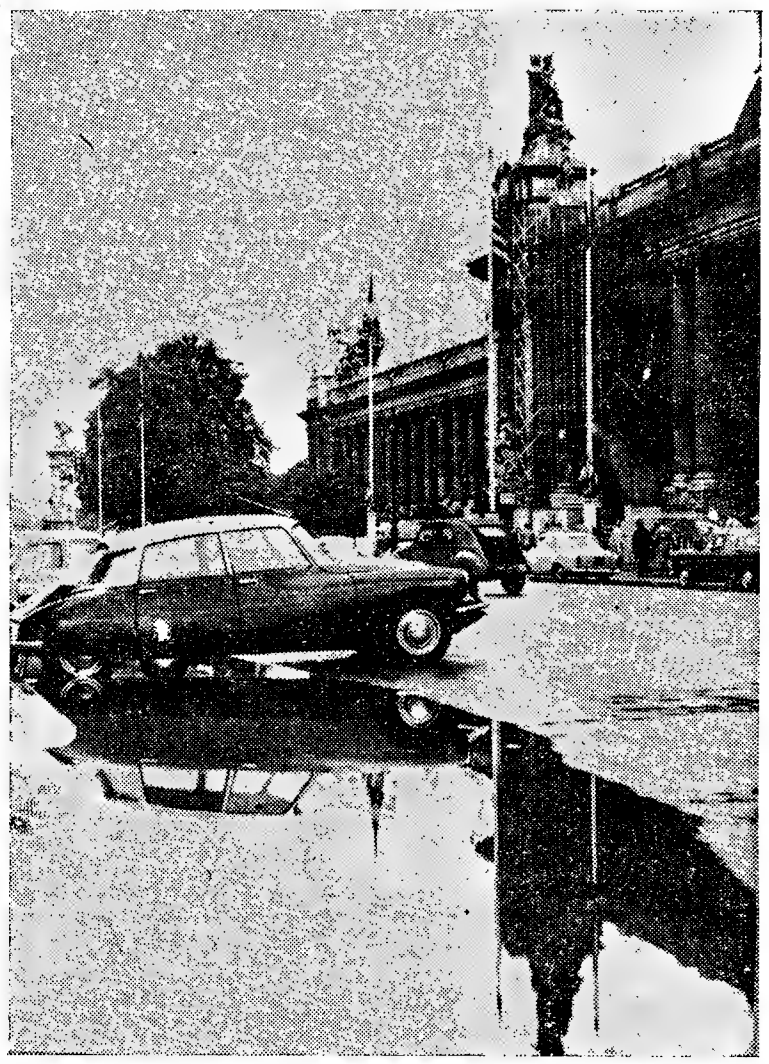
«A grande nação brasileira, por motivo do seu descobrimento da nossa estreita ligação com o país irmão da Península Ibérica, Portugal, chega, também, essa coincidencia nas principais finalidades do viver anterior».—(A.N.I.).

NOVE MORTOS

na catrástrofe do Etel

LORIENT, 4 — O balanço definitivo da catástrofe do Etel (Morbihan), ocorrida quando o dr. Alain Bombard experimentava um novo tipo de barco pneumático, dá 9 mortos, todos eles afogados.

Até agora, só foram encontrados três cadáveres. — (F. P.).



A chuva caiu sobre Paris. Várias ruas da capital francesa ficaram inundadas. Em cada canto há um charco de água, como este, em frente do «Grand Palais», onde se reflectem os contornos das viaturas que não figuram no salão automóvel parisiense

E' assim que se criam os fantasmas!

BOXLEY (Indiana), 4 — Parece solucionado o mistério da casa em que as pratas andavam pelos ares e as peças de mobília não paravam quietas. Depois de terem desistido de continuar na casa, onde várias noites passadas em claro permitiram que a Polícia verificasse os estranhos fenómenos, a família de Buckingham recebeu um telefonema e um conselho: mandar ver a chaminé, pois os estranhos fenómenos deveriam ser provocados por correntes de ar quente, visto não se fazer convenientemente a tiragem.

O conselho foi seguido, acabaram-se os «fantasmas» e a família já dorme sossegada. — (A. N. I.).

Luta sangrenta

na capital do Líbano

onde a situação se agrava

BEIRUTE, 4 — Uma vaga de raptos sucedeu-se, durante a noite, ao recomeçar a luta das facções rivais, nas ruas da cidade, tendo havido, pelo menos, 5 mortos e 15 feridos. A situação parece piorar gradualmente com a partida das tropas norte-americanas.

Torna-se impossível averiguar o numero de pessoas raptadas. Sabe-se, porém, que partidários da Falange pró-Chamun e antigos rebeldes de Saeb Salem desapareceram misteriosamente.

O presidente Cheab, antigo comandante do Exército, adoptou medidas extraordinárias para reprimir a violência, de ambos os lados, e impedir a continuação dos recontros e dos raptos que mantêm tensa a situação libanesa, apesar de haver sido anunciado oficialmente o fim da rebelião. — (A. N. I.).

AS TEMPERATURAS DE HOJE

Temperaturas extremas registadas hoje em Lisboa, até ás 16 horas: máxima, 21°,7; mínima, 14°. No mesmo dia do ano passado: máxima, 23°,2; mínima, 13°,1.

Chuvas torrenciais ameaçam provocar novas cheias no Sul da França

NIMES, 4 — Voltou a chover torrencialmente, durante a noite, e os rios que descem das Cévennes para o Vale do Ródano correm, novamente, em furia e ameaçam as regiões do departamento do Gard, já devastadas pelas inundações do começo desta semana.

Certos pontos alagados em 30 de Setembro estão outra vez debaixo de água e foram tomadas, imediatamente, medidas para a retirada dos habitantes. O prefeito do Gard pediu aos automobilistas que não utilizem as estradas consideradas perigosas. — (F. P.).

Tempestades devastadoras na Grã-Bretanha

LONDRES, 4 — Violentas tempestades assolaram, ontem, várias regiões de Inglaterra.

No Devonshire, há muitas estradas cortadas e em diversas localidades houve grandes inundações. A cidade de Exeter, no Yorkshire, esteve várias horas inundada. — (F. P.).

Oito afogados num autocarro

CIDADE DO MEXICO, 4 — Um autocarro com 14 pessoas, que tentava atravessar, durante a noite, o rio da Pedricena, entre Torreón e da nos recentes temporais.—(F. P.).

A ponte sobre o rio ficou destruí-Guadalajara, foi arrastado pela cheia. Afogaram-se 8 homens, incluindo o motorista.

Ultimas notícias

Há divergências

no Governo grego sobre o caso de Chipre

ATENAS, 4 — Há grande actividade nos círculos governamentais, onde as conferências a respeito de Chipre se sucedem entre os principais ministros, em muitos casos com a participação do arcebispo Makários.

Crê-se que se manifestam tendências diversas, quanto ao problema, na equipa ministerial. Alguns membros do Governo são partidários da recusa total de qualquer plataforma baseada no plano de MacMillan e da retirada pura e simples da N. A. T. O., enquanto outros estariam dispostos a ir mais longe no sentido da conciliação, para evitar o rompimento com a Organização Atlantica.

Os círculos políticos não excluem que tais divergências venham a reflectir-se no plano da política interna. — (F. P.).

■

A retirada

dos Americanos do Líbano

BEIRUTE, 4 — Um novo contingente de 1.000 soldados americanos começou a embarcar esta manhã num transporte de tropas que seguirá para Bremen. Fica, agora, reduzido a uns 5.900 homens o total das forças americanas ainda no Líbano. — (F. P.).

■

As conversações em Varsóvia

VARSÓVIA, 4. — Recomeçaram esta tarde, as conversações sino-americanas sobre a crise do Estreito da Formosa.

O embaixador, Jacob Beam, e o enviado de Pequim, Wang Ping-Nan, encontraram-se ás 14 horas, para a reunião, a sexta da presente série. — (A. N. I).

■

Primeira explosão atómica subterrânea

TERRENOS DE ENSAIOS NUCLEARES (Nevada), 4 — A terceira explosão aérea da série actual de ensaios nucleares está marcada para o dia 12. Já foi adiada por duas vezes.

A Comissão de Energia Atómica anunciou, também, para quarta-feira, uma explosão subterranea, a primeira de uma série de dez. Desconhece-se a potência destas explosões. — (F. P.).

■

O general Salan tem a confiança de de Gaulle

ARGEL, 4 — O general de Gaulle exprimiu a sua inteira confiança ao general Raul Salan — declarou um informador oficial, que, assim, desmentiu os boatos da próxima transferência do comandante militar francês na Argélia.

Disse que o general de Gaulle reiterara a sua plena confiança ao general Raul Salan, ao enviar-lhe, mal chegou á Argélia, uma carta pessoal em que lhe é confirmada a sua presente situação. — (ANI).

■

Representação diplomática da Suécia

ESTOCOLMO, 4. — Knut Richard Thyberg, embaixador da Suécia em Lisboa, acaba, de ser nomeado para o cargo de ministro plenipotenciário em Monrávia (Libéria) e representará, de futuro, o seu país nas duas capitais.— (F. P.).

HOJE-ESTREIA
MAUREEN FRANKS
e o seu trompete de Ouro
acompanhada pela sua pianista
MARIE LOUISE BERMANN
Em grande êxito
MARIA del SOL
CHA DANÇANTE AS 18 HORAS
(Para adultos maiores de 17 anos)
Donaccio
Boite de Nuit
Rua da Misericórdia, 12
Telefs. 36 86 49
3 56 34

RIBATEJANO
Salvaterra de Magos — Tel. 14
• TODOS OS DIAS •
Aos Almoços — Chás e Jantares
Exibições: Ranchos Folclóricos
Cozinha Portuguesa
(6 anos)

MÓVEIS
Temos em exposição grande sortido em móveis de grande classe e executamos qualquer modelo c/ a máxima perfeição e com madeiras bem secas
MÁRIO RIBEIRO, LDA.
RUA DOS NAVEGANTES, 46

magazine

N.º 12

SUMÁRIO

Um homem sorri á morte com meia cara
J. RODRIGUES MIGUÉIS

Através do Mundo
JACQUES VILLEMINOT

O julgamento de D. Juan Tenório
ALFREDO BRAS

Robin dos Bosques
KURT SINGER

Bilhetes paulistanos
MIG. URBANO RODRIGUES

Fim de semana feliz
CICERONE

Apontamentos para os tempos futuros
DIÓGENES

Ganhe 100$00 com um sorriso nos lábios

Chegaram as naus da India!
AUGUSTO DA COSTA DIAS

Ouvindo bater o coração do Mundo
WILLIAM SIMPSON

Postal ilustrado
MANUEL AGRA

Saiba comer
M.ª CAROLINA FREITAS

Eduquemos o nosso filho
M.ª LÚCIA DA SILVA ROSA

Comentário humorístico ilustrado
PILATUS

Página da Mulher

FIM DE SEMANA FELIZ

Para onde vai amanhã?

No parque onde escrevo reina um silêncio absoluto. O céu está baixo. Nuvens m o r t a n c e i r a s acumulam-se perto. Imóveis de quando em quando, folhas ainda vivas de acácia tombam-me na cabeça, resvalam na brita miuda com um sussurro quebrado de soluço...

Outono, não há que fugir-lhe. E nem sei se vale a pena aconselhar os passeios fora de portas. Começa a arrefecer e o tempo, encoberto e cinzento, invade-nos de uma secreta melancolia. Não tardarão aí os aguaceiros de envolta com ataques soalheiros — a lucidez precária a seguir ao estrebuchar da febre... E os nossos próprios nervos se ressentem — e vibram, explodem ao menor pretexto, ou mesmo sem pretexto. Nessas condições — dirão vocês — o melhor é ficar em casa, entre quatro paredes, a ouvir musica e a ler o que restou por ler deste *Magazine*...

Nana, nada disso. Leitor amigo, guarde as quatro paredes que lhe vão ser muito uteis para as férias eternas... Agora, que anda ao cimo da terra um breve instante, venha cá fora admirar o milagre do Sol, da Natureza — venha sentir-se parte do milagre, por que não!

Combinado?

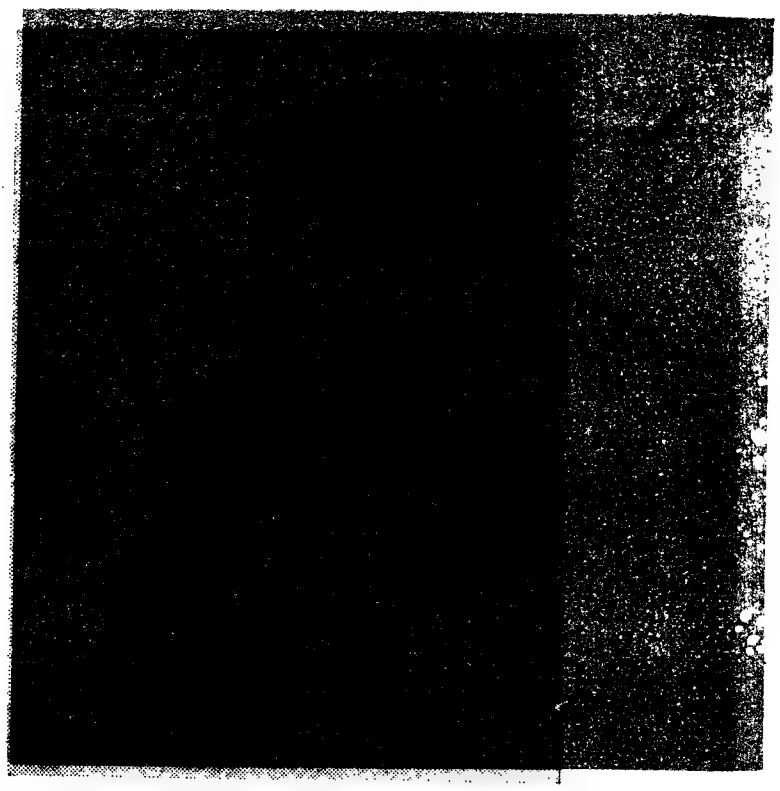
Hoje, princípios de Outono, um Outono ainda a atirar para Verão, continuo na politica de sugerir, para o vosso Fim de Samana Feliz um passeio fora de portas, numa tentativa de alargar o conhecimento da terra portuguesa entre os Portugueses. Sim, porque em geral o Portugal que conhecemos é limitado pelas mesmas casas, pessoas, árvores, mar de todos os dias. De quando em vez, há necessidade de alargar o horizonte, caçar, de um golpe, o imprevisto. Fique-se com esta, leitor amigo: na vida, como em literatura, surpreender é a melhor maneira de impressionar...

E, por isso, para agora lhe aconselho que visite

Peniche

Acredite. Peniche, para melhor o impressionar, vai usar a táctica do

(Continua na página seguinte)



Hotel... para cães e gatos

Eis aqui o que nos conta um viajante no estado de Alabama, nos Estados Unidos:

«Seguia pela estrada que vai de Nova Iorque para Flórida. Estava um sol abrasador. Os gelados e refrescos tomados em cada botequim não conseguiam apasiguar-me totalmente. Ah!, quem pudesse estar, alguns segundos que fosse, debaixo de um bom chuveiro! Mal acabava de formular mentalmente este desejo quando vi num grande letreiro diante de um palacete estas palavras:

GRANDE HOTEL PARA CÃES E GATOS

Premi a campainha. Veio abrir-me um negro, irrepreensivelmente fardado.

—Desejava uma refeição ligeira — disse-lhe E especialmente que me preparasse um banho... Não tenho cães nem gatos, mas isso julgo que não tem importancia.

—Está equivócado, senhor — respondeu o criado. —Neste hotel só os cães e os gatos podem ficar hospedados.

Abri a boca, de espanto. Hotel para tarecos e fieis! Simplesmente inacreditável. Dispus-me a visitar o estranho estabelecimento, no que fui prontamente atendido.

Para cão pequeno ou médio, a diária era de 2 dólares; para cães grandes ou gatos (mais exigentes em matéria de alimentação...) 2 dólares e meio. A alimentação inclui, pelo menos uma vez cada dia, frango assado e... gelados. Além disso, o Hotel possui ar condicionado, jardins de óptimas sombras, postes com profusão (para serviço dos hóspedes caninos...) uma bela piscina, com prancha.

Os animais são tratados e servidos por negros, cumpridores escrupulosos das determinações superiores. Os donos dos bichos podem continuar, descansadamente, a sua digressão pelo estrangeiro ou pelo continente: os tarecos e os mondegos estão bem entregues...»

E o viajante termina com este comentário:

«Sou de uma região onde as crianças e os velhos se encontram quase totalmente abandonados, desprotegidos. Compreende-se assim que a visita ao «estabelecimento modelar» me tenha causado uma tão profunda sensação de desgosto e de revolta ..»

Julgamento de D. Juan Tenório

A notícia de que os estudantes brasileiros, no decorrer do seu 1.º Festival Nacional de Teatro, organizaram com retumbante êxito o julgamento do príncipe Hamlet, levou-nos a idealizar outros possíveis julgamentos sensacionais e, confessamo-lo sem pejo, chegámos a gastar horas de ocioso devaneio a «ver» desfilar por tribunais imaginários as mais célebres personagens. Assistimos, maravilhados, ao interrogatório de D. Quixote, acusado de desrespeito ás autoridades; vimos o padre Amaro a aguardar lívido e trémulo a leitura da sentença; escutámos ansiosos as declarações de Antoine Thibault, acusado de eutanásia na pessoa do seu próprio pai; ouvimos a eloquente defesa de Othelo, réu dum célebre crime passional. Mas o julgamento que mais vivamente nos impressionou foi o do galante conquistador D. Juan Tenório, acusado de inumeros crimes de sedução, e dele vamos transmitir aos leitores algumas das passagens mais curiosas.

Interrogatório de D. Juan

Presidente do tribunal — Como se chama o réu?

Réu — Tenho dado até hoje pelo nome de D. Juan Tenório. Também já me chamaram D. Miguel de Mañara e Casanova, mas deve ter sido confusão com algumas pessoas muito parecidas comigo. Calcule V. Ex.ª que a Polícia chegou mesmo a supor que eu fosse o sr. conde de Villamediana e encobrisse essa identidade com um nome falso...

Por ALFREDO BRAS

Presidente — Peço ao réu que seja breve nas suas respostas e evite quaisquer comentários. Que idade tem?

Réu — Acha V. Ex.ª que seja indispensável responder publicamente a essa pergunta? Estão presentes tantas senhoras...

Presidente — Queira responder sem demoras e com a maior exactidão!

Réu — Bem... nasci, segundo dizem, em 1627 e devo ter, portanto, um pouco mais de 300 anos...

Presidente — Onde nasceu?

Réu — Talvez em Sevilha, mas já não me recordo bem.

Presidente — Qual o nome de seu pai?

Réu — Dizem que foi o sr. Tirso de Molina. Pelo menos parece ter sido ele o primeiro... Mas há certamente outros...

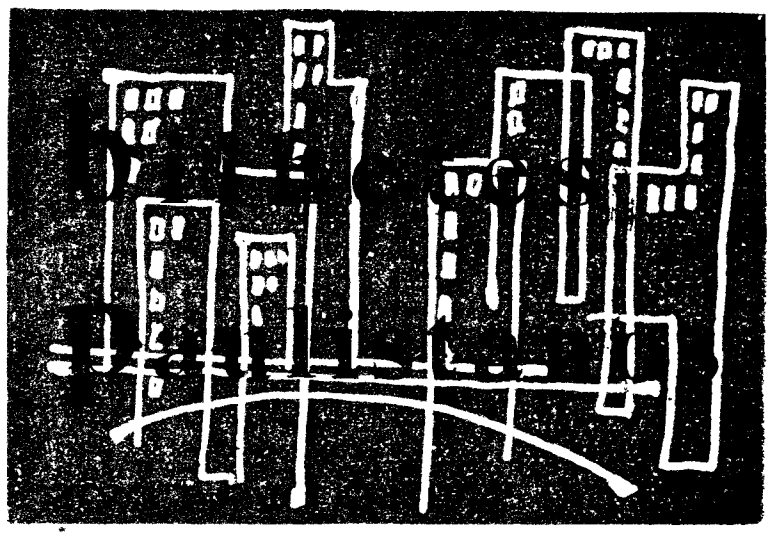
Presidente — Essas conversas não são para este tribunal! Mudemos de assunto. Sabe o réu de que é acusado?

Réu — Francamente, não estou lá muito certo. Acusam-me segundo parece, de ter seduzido algumas senhoras das minhas relações, mas, que me conste, elas não se queixaram, antes pelo contrário...

Presidente — Basta! O réu parece não ter na devida conta o respeito devido a este tribunal...

E neste tom sóbrio e austero

(Continua na página central)



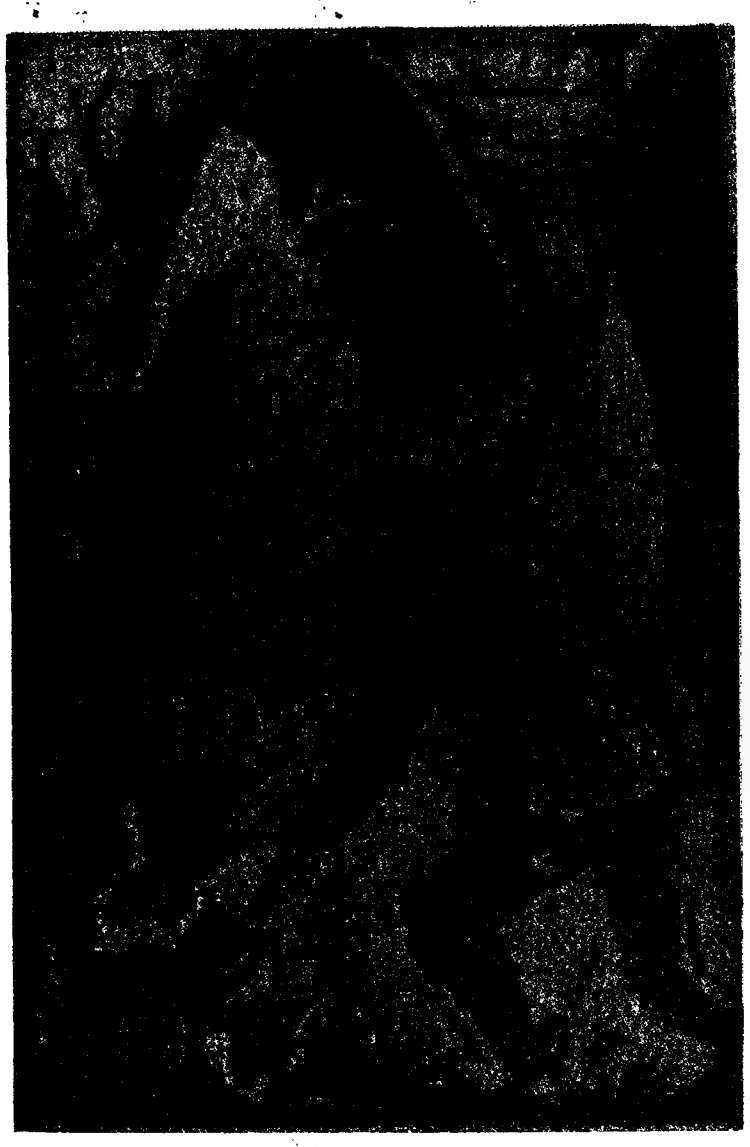
Meditação nos céus do Brasil

Por MIGUEL URBANO RODRIGUES

SÃO PAULO *(Setembro)* — O Brasil é grande, quase metade de um continente. Sabemo-lo desde os bancos da escola, quando aprendemos que a sua superficie é de 8.500.000 km2, isto é, noventa e quatro vezes a área de Portugal. Mas a noção é vaga, a ideia de grandeza, algo de abstracto que pouco nos diz. Hoje, vai-se de São Paulo ao Rio em pouco mais de uma hora, viaja-se no mesmo dia para cidades perdidas nas selvas da Amazónia ou nas planuras desérticas do Mato Grosso.

Trinta quilómetros a pé entre Moura e Serpa deixar-nos-iam a recordação subconsciente de uma imensidão geográfica; transpor num modesto bimotor a distancia que separa São Paulo de Curitiba é o suficiente para criarmos a ilusão de uma proximidade que sabemos não existir. O velho lugar comum de que o Mundo encurtou exprime bem a fantástica transformação dos hábitos e das atitudes que a aviação introduziu no planeta ao equacionar em novas bases o binómio tempo-distancia. Toda uma filosofia da existência, toda uma revisão de conceitos políticos, económicos e sociológicos encontram

(Continua na página central)



CASOS CÉLEBRES DAS POLÍCIAS DE TODO O MUNDO

Voltaram a encontrar o rasto de Perri no campo de refugiados Ramat Hasharon, onde ele chegara ao sol-posto. Souberam que estivera ali sentado, no meio de um grupo de emigrados do Yemen e a cada um distribuíra uma nota de dez libras; feito isto, dissera-lhes, com voz pausada que prevenissem todos os amigos e parentes, se acaso quisessem dinheiro, pois ele pouco se demoraria; dirigia-se a outro campo de refugiados, onde deveria fazer outro tanto.

Apressados, quase todos tinham partido nas mais diversas direcções, deixando Perri sentado junto de alguns poucos que haviam ficado. A estes disse ser necessário que todos se unissem para derribar o governo — o inimigo comum — organizando uma revolta cujo chefe, Beigin, era o unico a compreender o calvário dos pobres emigrantes. Depressa a presença deste estrangeiro extraordinário havia sido assinalada e toda uma multidão se apertou compacta em volta dele, recebendo o dinheiro que ele distribuia. Depois, pusera o saco ás costas e partira, em direcção á estrada, onde um «jeep» o recebeu, como por encanto. Partira para Haifa, seguido das orações agradecidas dos presentes, que viam nele um enviado do Céu.

Precisamente, a Polícia chegou momentos depois desta partida apressada, a custo compreendendo o relato excitado que todos faziam ao mesmo tempo. Ningeux, porém, reparara no numero do «jeep».

Todos os postos de Polícia e até o próprio porto receberam ordem, pela rádio, para mandar parar todos os «jeeps» e interrogar os ocupantes. Tiveram então tantas descrições de Perri, quantas as pessoas interrogadas. Para umas, ele parecia uma figura arrancada da Bíblia; para outras, tratava-se de um poeta de olhos candidos e sonhadores; para outros ainda, um perfeito homem de negócios. Mas uma coisa, porém, era comum nas diversas descrições: a exaltação da bondade e doçura angélicas deste moderno Robin dos Basques.

Uma tarde, era domingo, um telefonema informou a Polícia de um acidente que se passava numa frutaria do centro de Tel-Aviv. Chegados ali, os agentes verificaram que, com efeito, acalorada discussão se travava entre o lojista e um cliente furioso que o alcunhava de oportunista. Um dos agentes, ao olhar o cliente, exclamou: «Mas é Perri!», os polícias acalmaram o cliente furibundo e levaram-no á prefeitura da polícia, a fim de declinar a sua identidade. Ali, disse chamar-se Kohler e respondeu com inteiro acerto a todas as perguntas que lhe fizeram. Meia hora depois, um inspector entrou, chegou-se a Kohler e disse-lhe á queima-roupa:

— Pois bem, Perri, que fazes aqui?

Perri olhou-o, por momentos, no fim dos quais, disse:

— Então, conhece-me?

— Claro que sim. Sabemos tudo e gostariamos que nos dissesse onde está o dinheiro.

Os olhos de Perri fuzilaram. Fixou os polícias, um após outro e gritou:

— Vocês são agentes do inimigo! O dinheiro não será para nenhum! Não lhes darei nem um chavo!

Começou então a falar, sózinho, da revolta planeada, de munições, de uniformes e bandeiras, de Beigin. Muitas vezes repetiu este nome e de todas elas se perfilava, como se se dirigisse, pessoalmente, á pessoa em questão, ao próprio Beigin, chefe do partido clandestino. Por fim, deixou-se cair num banco, segurou a cabeça entre as mãos e fechou os olhos. Parecia terrivelmente fatigado e doente. Conduzido para a cela, deitou-se no catre e depressa adormeceu.

Tratava-se, agora, de descobrir o dinheiro que Perri escondera. A Polícia bem se reunia e interrogava, mas nada conseguia apurar. Numa destas reuniões, um jovem inspector propôs que se desse fuga ao prisioneiro.

— Se, na verdade, se trata de um movimento revolucionário e se têm necessidade do dinheiro para se prepararem, ele próprio nos mostrará o seu esconderijo. Posso convencê-lo de que me introduzi aqui para lhe dar a fuga e pô-lo á cabeça da revolta, em nome de Beigin.

Convencidos todos de que, na realidade, só um processo audacioso levaria o prisioneiro á confissão, o chefe concordou. Pôs alguns homens ás ordens do inspector, assim como alguns «jeeps» camuflados.

Um pouco mais tarde, foi á cela de Perri e disse-lhe, com modos conspirativos:

— Levante-se. Não há tempo a perder. Venho da parte de Beigin e trago-lhe um fardamento. Mas despache-se, antes que seja dado o alarme.

— Mas como soube?

— Não agora! Contar-lhe-ei tudo quando estivermos longe daqui. Beigin sabe das suas ideias e mandou-me para o auxiliar na organização da revolta.

— Optimo — gritou Perri. — Era justamente o que eu sonhava! E nem me falta dinheiro!

Com mil cautelas, saíram. Tudo correu como se previra. Quando pararam num bosque, para descansar um pouco, o tenente contou que Beigin o convidava, a ele, Perri, para chefiar a revolta. Este, vivamente impressionado, concordou que a primeira coisa a fazer seria comprar fardamento e munições. Para isso seria necessário ir buscar o dinheiro escondido. Levou o inspector a um velho aqueduto romano e dele retirou um saco bem pesado que ambos transportaram para uma casa pequena, que o tenente alugara para se esconderem. Enquanto Perri dormia, a Polícia verificou que o saco não continha nem metade da fortuna roubada ao banco. Seria necessário continuar a farsa, sem que Perri sonhasse o ludíbrio. Mas ele andava muito entusiasmado, para perceber o que quer que fosse, além da sua própria satisfação. Um a um, os outros sacos apareceram, com golpes de audácia que o inspector preparava sábiamente. Organizou-se, então, com membros da Polícia, um pequeno corpo de insurrectos, com Perri á frente. Nessa mesma noite, fardados já, içaram a bandeira e cantaram o hino nacional.

O tribunal foi benévolo, pois reconheceu em Perri um louco com a mania das grandezas. Dois anos depois desta aventura, Perri saiu do hospital de alienados onde estivera e montou uma pequena loja na cidade. Uma auréola de popularidade o rodeou, pois não havia dia que ele não distribuisse sumos de frutos e bombons a quem passava, sobretudo se se tratava de crianças...

Fim de semana feliz

(Continuação da página anterior)

bom artista: surpreendê-lo... Surpreendê-lo com ruas diferentes de todas as ruas, com pessoas diferentes de todas as pessoas, com uma atmosfera diferente de todas as atmosferas...

Encontrará, estou certo disso, mulheres sentadas no degrau da porta, silenciosas, sorvendo em golos contidos e por malgas exóticas o cafézinho da tarde... Encontrará, no meio da rua, sentado no mocho rasteiro, um velho pescador assando sardinhas ao calor das cinzas, *assadas sem darem por isso* que é, segundo a velha técnica, a melhor para assar sardinhas. Um velho que deve dizer-lhe, como me disse a mim:

— Chegue-se, coma... E quando quiser mais, é pedir!

Verá, também em plena calçada, numa daquelas calçadas que descem apressadamente para o mar como se estivessem em risco de perder o batel, meninos brincando a marinheiros, fazendo de barco o velho caixote de trazer o pescado...

Verá, leitor, uma infinidade de cenas pitorescas que nos fazem meditar, nos divertem, nos deixam embevecidos...

E se quiser dar aos seus olhos uma ração especial, uma lambarice para os apreciadores da boa mesa, leve-os a admirar as paisagens do Baleal, da Praia da Consolação e de S. Bernardino... Suba com eles ao alto do Cabo Carvoeiro e pergunte-se a si próprio que mal fez a boa terra de Portugal aos burgueses endinheirados, tão conhecedores da terra alheia e tão desprezadores da sua...

Agora... eu venho confessar-lhe, á puridade, que eu, se fosse o leitor, na primeira visita que fizesse a Peniche não passaria do seu porto. Um livro de maravilhosas ilustrações, aquele! E é que não dá vontade de sair dali, tão encantados nos vão os olhos nas mil traineiras e barquitos menores que poisam na enseada. Jogo de cores e luz sabiamente composto; espectáculo sempre o mesmo e sempre novo da traineira que mete redes a bordo, dos botes que chegam carregados de safio e peixe-espada, dos batéis que levam para bordo pescadores com os cestos da merenda sobre os joelhos; poema á paz, ao trabalho sem remorso...

Esperando a idade de obter cédula, o rapazio miudo, sentado ao longo do paredão, pesca. Conto-os. São mais de trinta. Tremo de os ver com todo o corpo fora da muralha, mantidos por não sei que milagre de equilíbrio. Meninos sérios, de olhos firmemente colados á água, e com quem o leitor pode ter conversas deste género.

— Sabes nadar?

— Não.

— Então, é perigoso estares assim, podes cair...

— Não é.

— Porquê?

— Porque eu sei nadar...

Ou então:

— Foste tu quem pescou isso tudo?

— Fui.

— Então, és o campeão.

— Não sou.

— Porquê?

— Porque metade dos peixes foram pescados aqui por este...

Se for poeta, leitor, deixe a alma embeber-se profundamente da atmosfera que o rodeia. Amanhã, quando nascer um verso vigoroso, cheio de harmonia e claridade, acredite que é fácil determinar a pátria dele. E se pretender alongar a história trágico-marítima, se quiser abeirar-se da fronteira entre o real e a fantasia, entre o possível e o impossível, meta dois dedos de conversa com algum dos marinheiros que por ali encontrar. Escutará as mais fantásticas histórias narradas na mais poética das linguagens.

Terá ganho o dia, leitor...

CICERONE

Robin dos Bosques em Israel — 2

GANHE 100$00

com um sorriso nos lábios

Propõe-se um leitor que apresente no Concurso desta semana a palavra

PREGUIÇA

E eu faço-lhe a vontade. As definições devem estar em **«MAGAZINE»**, Rua Luz Soriano, 44 a 48, até ao próximo dia 6 de Outubro. Como sempre, lembramos que tais definições devem ser simples e curtas.

E agora vamos apresentar os resultados do Concurso relativo á palavra

PAZ

Primeiro, o Vencedor (aliás vencedora), Maria Orlanda Rêpas, Rua Cláudio Nunes, 42, r/c, Lisboa (4):

PAZ E' UMA JARRA DE PORCELANA EQUILIBRADA NUM BAMBU, NA PONTA DO NARIZ DE UM MANDARIM QUE ESTA' PRESTES A ESPIRRAR. (Oxalá ele esteja vacinado contra as constipações).

Por nos faltar espaço, apenas publicaremos as respostas de maior interesse, e sem qualquer comentário:

Paz é o que o marido encontra quando não veraneia. (José Miguel Santos, Fuzeta).

Paz é o intervalo de um filme de longa metragem intitulado «Guerra». (João Manuel Margot, Lisboa).

Paz—é o Eden sem Adão e Eva. (Luciano Vitorino dos Santos (Lisboa).

Paz — aquilo por que se guerreia. (Eduardo Tavares Costa, Lisboa).

Paz — Período em que há guerras pequenas, enquanto não rebentam guerras grandes. (Armando Gonçalves Rosa, Faro).

disco da semana

«Não faças ondas»

selecções da revista pelos seus interpretes originais

MILÚ — RAUL SOLNADO JOÃO VILLARET—COSTINHA

Com um certo atraso, mas ainda a propósito, dado o seu interesse, a Parlophone pôs agora á venda um «long-play» inteiramente preenchido com trechos escolhidos da revista «Não faças ondas», um dos melhores espectáculos saídos nestes ultimos anos dos teatros do Parque.

A graça constante do «libretto» e o desempenho brilhante de um óptimo elenco estiveram na base do enorme êxito desta revista que agora nos é possível recordar em disco. Os trechos escolhidos são, de facto, os melhores sob o ponto de vista auditivo, claro. O «quadro da rua», por Solnado, e o «Santo António», de Vilarret, são, quanto a nós, extraordinàriamente bons. «Rosa Araujo», pleno de fino espírito, segue esses dois apontamentos. Milú em «Boa noite, Lisboa» e «Marcha da saudade», e Costinha em «O apreciador de musica», completam com interesse absoluto este bom disco. Excelente a gravação, que nos permite a perfeitíssima audição de todo o diálogo, o que, infelizmente, é quase impossível no teatro.

Apontamentos
para os tempos futuros
Até quando ó Catilina?

Você recorda-se com certeza da tempestuosa manhã em que Figueiredo, o nosso mestre de latim, nos iniciou nos segredos oratórios de Cícero. Ao entrar na aula transportava um sorriso triunfal a que só faltava a coroa de louros. Depois destapou o vozeirão e baliu o «Quousque tandem abutere, Catilina, patientia nostra» com tal denodo que todos sentimos os tímpanos zumbir. Se trajasse de toga, nós julgaríamos piamente que o Figueiredo encarnara de subito no velho malandro romano. Estávamos esmagados! E foi nesta altura solene que o 14 — lembra-se do 14, o Carloto? — borregou com toda a placidez conspirativa dum Buda: «Mé-é-él»

O que depois se passou só encontrará semelhanças no terramoto de 1755. E em consequência foi a turma inteira para a rua, com uma falta colectiva de castigo.

Pois hoje recordei tudo isto. Não por causa do Figueiredo, nem por causa do latim, mas do Catilina. Sim, do Catilina. Quando naqueles velhos tempos, alguém nos aborrecia, nós, traduzindo fielmente o princípio do discurso do Cícero, declamavamos-lhe cara á cara: «Até quando, ó Catilina, abusarás da nossa paciência?»

Estive hoje vai não vai para dizer isto mesmo a um sujeito formado em proprietário de prédios de rendimento. Quando lhe perguntei o preço do andar que tinha de-

voluto, ele respondeu com aquela calma impudente que só cresce nos ricos terrenos da impunidade: «E' um conto e quatrocentos, mas está sujeito a oferta!». Ainda a resfolegar da indignação contei isto a um conhecido. Riu-se. Acabava de ser alvo duma prepotência ainda mais descarada. Durante meses vivera na doce ilusão de conseguir um andarzinho num daqueles prédios majestosos que se estão a erguer na Avenida dos Estados Unidos. Era fornecedor do Senhorio e este prometera-lhe um Prometera-lho várias vezes, os tempos foram rodando, o prédio foi crescendo e chegou a altura em que os sonhos se transformam ou não em realidades. Quando o pobre do candidato a inquilino se apresentou para legalizar o aluguer da nova residência, Catilina disse-lhe que a entrega da chavezinha custava trinta contos. Trinta contos, mais os dois meses adiantados, mais a renda a pagar, depois, no futuro. Um verdadeiro parafuso sem fim.

Não houve persuasão, nem perdigotar de cólera que o demovesse. No intervalo em que o interlocutor suspendia a dialética para tomar fôlego, o Senhorio introduzia o seu único, mas bastante argumento: «Meu caro senhor, isto é pegar ou largar...»

Na realidade o sujeito tem a certeza de que dia a dia se estão a construir prédios de «rendas limitadas ou condicionadas» com divisões cada vez mais limitadas, espécie de convite á esterilização da raça. E as famílias que ainda procriam no tempo em que havia maior largueza de cómodos, empilham-se agora em gaiolas sem conforto e sem dignidade, em atados de três por cada sala, as crianças estudando em cima das camas porque o espaço não chega para a cultura física e muito menos para o do espírito, prenda que, no entender dos senhorios, não engorda ninguém.

Quando as divisões são mais fo[illegible]gadas ou numerosas e a renda mais elevada, como exige a sagrada justiça, então os inquilinos agrupam-se em sociedades anónimas cujas acções se chamam «partes de casa». Talvez por esta razão me afirmava outro dia um distinto economista que o nosso país é um dos mais famosos pelo numero das suas sociedades anónimas.

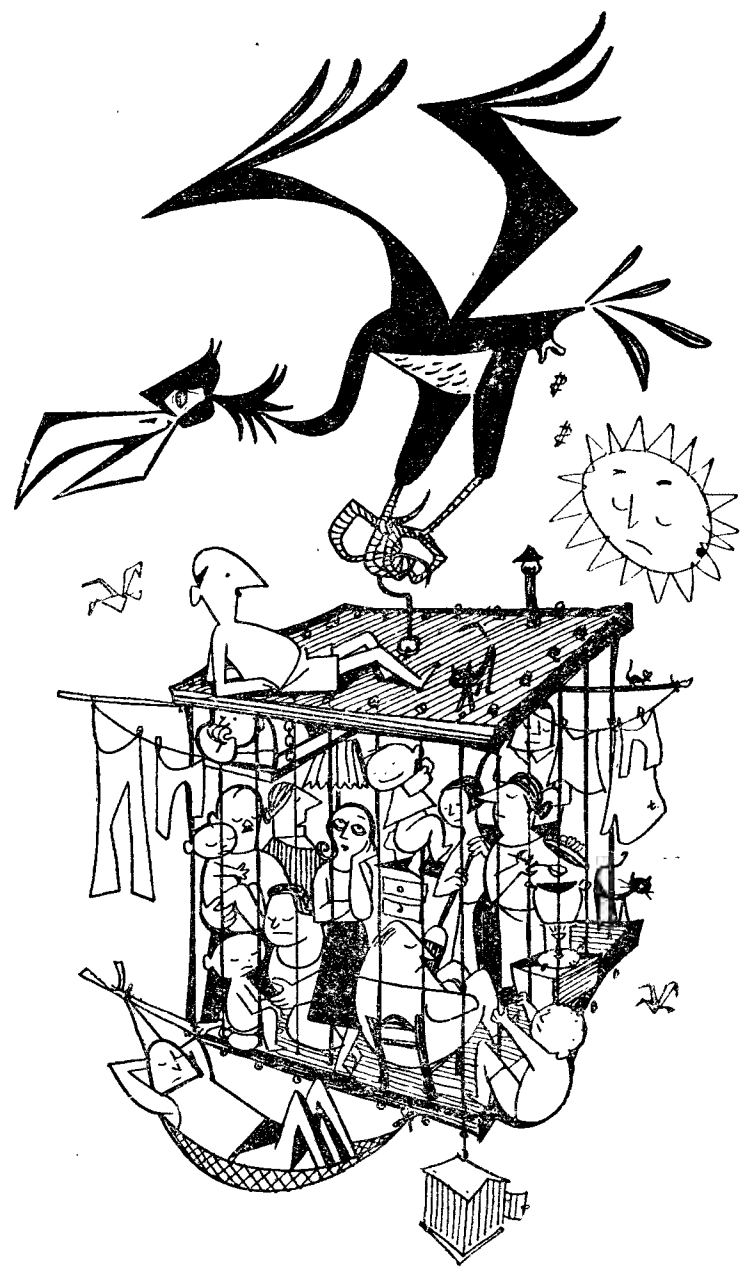
Então, dirá você, até quando, ó Catilina? Isso também eu pergunto. Mas falta-me a danada dialética do Cícero. Só tenho razões, e estas não chegam para se ter razão. Disseram aqui há anos que os prédios de habitação constituiam um «património nacional» que se tornava indispensável acautelar. Não para defesa dos seus prestimosos proprietários. Mas porque se provou que faz parte da «essência» da raça portuguesa o gostar de viver debaixo de telhas.

DIÓGENES

Van Gogh
na moda... feminina

E' geralmente sabido que, durante a sua curta viagem pela Terra, esse génio da pintura que foi Vincent Van Gogh passou despercebido. Três dos seus quadros, vendidos em leilão renderam a «fabulosa» quantia de... 10$00. Pois não há muito os costureiros franceses fizeram a descoberta de Van Gogh trazendo para os trajos femininos os amarelos violentos, vermelhos vivos, os laranjas e azuis que animaram alguns dos mais célebres quadros na história da pintura. «Exito extraordinário!» proclama um costureiro célebre. E perante a estranheza do jornalista o alto-costureiro acrescentou:

— Sei que, depois das nossas criações, o interesse pela pintura de Van Gogh aumentou numa grande escala. Senhoras que desconheciam esse nome pretendem agora admirá-lo nas galerias e museus. Sim. Talvez para se certificarem de que o ocre do pintor corresponde ao tom exacto do vestido que usam.



Os grandes temas da ciência na pista
da epilepsia

Cada dia que passa traz-nos mais descobertas do homem, em favor do próprio homem. A epilepsia, que até agora se manifestava, «apenas», por um aparato exterior que arrepia, está reconhecida como um mal organico que se manifesta como resultado de uma descarga eléctrica no cérebro. Felizmente que estas manifestações são raras — dirá o leitor. Mas não são. O electroencefalograma, permitindo o estudo das ondas cerebrais, revelou que a epilepsia é mais vulgar do que se pensa Atinge cinco pessoas em cada mil. Claro que na maior parte dos casos, as crises passam despercebidas, o que é muito pior Muitas vezes sobrevêm de noite, sem que se dê por elas Mas há outras formas, as chamadas discretas São, por exemplo, as «ausências». E' vulgar falarmos com uma pessoa que de repente se cala, leva a mão á fronte e nos diz: de que falava eu?.

Esta abolição da consciência, momentanea embora, no meio de uma frase, pode indicar um caso de epilepsia, quando nos é mais fácil chamar-lhe distracção esquecimento, etc Mais fácil mas mais perigoso, decerto. Suponha, senhor distraido, que vai ao volante e se lembra de perguntar: onde é eu? — certamente já fora da estrada..

E o que é pior, é que este «distraído» representa um perigo para os outros. E o caso de certos desastres inexplicáveis, motivados por distracção, por um sono irresistivel, ou outras desculpas igualmente longe da verdade. Também as grandes cóleras subitas, as bruscas depressões, as fugas sem explicação aparente, o sonambulismo — são manifestações do mesmo mal.

Hoje, graças á descoberta do encefalograma, este mal pode ser descoberto: e eficazmente tratado.

Podemos, pois, dizer que, pelo menos cinco pessoas em cada mil, encontraram remédio para o seu mal.

COLABORAÇÃO JUVENIL

História da Infantazinha
e da tulipa vermelha

Eu sou a Flor. Sou uma tulipa vermelha. Toda a gente me chama Flor. Gosto. Flor é mais bonito, que tulipa ou então sou eu, que estou mais habituada. Estou sempre muito quieta. Só me agito quando há vento. Isto é aborrecido e se chove não me posso abrigar debaixo dum telhado. Moro num jardim abandonado com outras flores, ervas e umas grandes árvores. Ao fundo do jardim há uma casa, onde já não mora ninguém há muitos anos. Mesmo ao pé de mim está uma estátua. Nunca fala. Como a boca é de pedra, naturalmente não a pode abrir. Dou-me pouco com as outras plantas do jardim. Não são como eu. A minha unica amiga é a Infantazinha. E' loira e usa óculos. Sempre que pode vem para o pé de mim. O palácio dela é muito grande, tem coisas lindas, mas ela gosta mais de estar aqui. Tem umas tranças muito compridas, que a Rainha-Mãe quere cortar. Eu gosto muito de a ver assim. O irmão da Infantazinha, que há-de ser rei, está a estudar noutro país. Dizem todos que a Infantazinha é tonta por vir falar comigo, mas ela não se importa. Aí vem ela. Já atravessou o portão e está quase ao pé de mim. Costuma vir mais cedo.

—Olá, Infantazinha. Até que enfim que chegou. Porque veio tão tarde?

— Sabes lá! Hoje custou-me muito a sair. O rei, meu pai, dizia que eu ainda não tinha estudado tudo. Mas depois de fazer os trabalhos da escola, lá consegui!

A Infantazinha sentou-se na relva ao pé de mim. Trazia ainda o bibe azul da escola e começou a comer uma maçã que tirou do bolso.

—Sabes, Flor, hoje houve discussão no palácio entre as pessoas crescidas — disse.

—Porquê, Infantazinha?

—Não sei. Diziam muitas coisas, que eu não percebi bem.

—Mas nós passamos aqui tanto tempo e nunca discutimos.

—Naturalmente porque somos diferentes, Flor!

—Sim, deve ser por causa disso.

—Mas nós vemos coisas que os grandes, nem reparam — a Infantazinha olhou para o Sol, mas o brilho era tão forte que a obrigou a fechar os olhos. — E' engraçado agora vêm-se quadrados de muitas cores.

—E' lindo o Sol, Infantazinha!

—Não é só o Sol, que é lindo. Tu nunca viste o mar, Flor. Mas é também tão bonito.

—E o azul do Céu... e as estrelas!

—Já se está a fazer noite. Tenho que ir, Flor.

—Volta amanhã, Infantazinha?

—Se puder, venho.

A Infantazinha levantou-se e sacudiu o bibe azul.

—Até amanhã, Infantazinha.

—Adeus, Flor.

Depressa chegou a noite. Era Inverno e apesar dos dias estarem lindos, anoitecia depressa. Resolvi dormir, Aconcheguei-me o melhor que pude e adormeci. Acordei no outro dia com um barulho que não era o que a Infantazinha costuma va fazer. Vi então um homem velho e baixinho que empurrava um carro de mão cheio de ferramentas Começou a arranjar o jardim. Dai a pouco em volta da casa já estava tudo limpo de ervas, mas também das flores. Do sítio onde eu estou á casa não é muito longe. O homem plantava no lugar das plantas antigas, outras sementes, talvez de novas flores. O homem passou toda a manhã a fazer isto. Depois arrumou as ferramentas no seu carrinho e saiu pelo portão. Naturalmente foi almoçar. Eu fiquei com medo Ele também me irá arrancar? Era tão bom que a Infantazinha viesse já Mas aí está o homem novamente Demorou-se pouco tempo. Vem para o meu lado. O que irá fazer? Tenho medo de estar sózinha. Porque é que a Infantazinha não aparece? Ela não deixava que me arrancassem. Ia dizer ao rei. O homem está quase aqui. O que irá fazer? Tenho medo.

*

Daí a pouco tempo a Infantazinha passava, cantando alegremente, o portão do jardim. Ao pé da casa vê um homem que vai entrar. Já no palácio ouvira falar, que vinha outra vez gente para a casa abandonada. Repara que o jardim está todo arranjado. As ervas, flores e folhas alinham-se em montezinhos simétricos pelo chão. A terra está remechida. A Infantazinha começa-se a inquietar. Começa a correr para onde estava a tulipa vermelha Olha. Já lá não está. Vê-a, caída num monte de plantas já murchas A Infantazinha baixa-se e agarra a com muito cuidado. Sabe que não pode fazer nada por ela. Com a flor morta nas mãos, volta para casa a chorar.

MARIA JOAO BOTELHO

O livro da semana

O moinho á beira do rio Floss era a morada de Tom e Maggie, os dois irmãos que, de mãos dadas, costumavam percorrer os campos floridos. Ele era um rapazinho orgulhoso e sensato; ela, pelo contrário, voluntarioso, portava-se sempre pior do que desejava. Todos censuravam a sua irreflexão e estouvamento, com uma impiedade que a levava a temer a própria sombra. Só Tom e o pai a desculpavam, com uma indulgência e ternura que os anos nunca lhe fizeram esquecer.

Tulliver — o pai — era um homem bom, de espírito recto, que resolvia á ponta da espada as questões com os vizinhos. Por tudo e por nada, apelava para a justiça. O dinheiro ia-se nestas demandas, sem que ele mesmo desse por isso. O que todos receavam deu-se, por fim; a justiça reduziu-o á miséria, numa disputa com o pai de Filipe, condiscípulo de Tom. A amizade que nascera nos bancos da escola foi interrompida por aquele ódio feroz e implacável que se levantou entre os dois vizinhos. Tulliver morre miseravelmente vencido; o pai de Filipe nunca perdoa. Dos três jovens, o que mais sofre é talvez Filipe, porque uma dolorosa enfermidade que o torna corcunda fá-lo de uma sensibilidade doentia: sempre se afastará de todas as crianças, sem nunca se afeiçoar. Só a turbulência indulgente, o grande coração espontaneo de Maggie o havia conquistado. Na sua vida isolada, aquela ternura nascera como uma flor na janela gradeada de uma prisão, para alegrar os olhos cansados do prisioneiro. Foi a beleza; a evasão.

Passam os anos. Tom trabalha para liquidar as dívidas do pai; Filipe parte para o estrangeiro; Maggie, agora uma linda morena, emprega-se. A recordação de Filipe nunca a deixou, mas quando voltam a encontrar-se, o coração dela não é já o mesmo. O abismo de ódio que os separara não foi ultrapassado; Tom representa-o, ainda, com o mesmo ardor da infancia, tornando impossível aquela ternura da irmã. Maggie tinha medo de confessar, a si própria, que ela já não era a mesma. Um turbilhão se apossara dela, bem contra a sua vontade. Sente o seu amor de infancia atacado por uma espécie de lepra. O dever, a generosidade, a gratidão, travam uma renhida luta no seu íntimo de mulher apaixonada. Tudo se levanta contra ela, por aparências enganadoras. A família, o irmão, a sociedade, acusam-na injustamente. Maggie sente a vida destroçada Num momento de desânimo; em que as lágrimas correm, sente nos pés um frio intenso e húmido. Levanta-se, inquieta. Por demais sabe o que aquele frio quer dizer: a cheia, a cheia tremenda do rio que tudo destroi e arrasta na voragem. Sabe o irmão isolado no moinho, onde voltou a viver. Procura salvá-lo. num barco. Quando Tom lhe prende as mãos, e a olha bem nos olhos negros e leais, descobre, enfim, que ela está inocente, imolada a um ódio selvático, vingativo e inflexível que os anos não amorteceram. O barco segue a corrente. E tal como tantas vezes andavam em crianças, de mãos dadas, vagueando pelos campos floridos, um imenso amor fraternal, Tom e Maggie lá vão... sem que a própria morte os tivesse podido separar.

Tal é, a traços muito largos, o enredo do belo romance de George Eliot — «O MOINHO A' BEIRA DO RIO» — que a Portugália Editora acaba de pôr á venda. Não deixem de ler este livro, cujas 505 páginas conseguem manter o leitor sempre vivamente interessado.

A VIDA DE TOULOUSE LAUTREC (2)

LUGNÉ POE EM «L'IMAGE»
quadro de Lautrec (1894).

A família dos condes de Toulouse especializara-se, e isto incansàvelmente, no decurso de séculos, em produzir varões de exemplar beleza. Quando, pois, um deles passava era habitual obrigar os transeuntes a voltar a cara num imperativo de admiração. Henrique provocou mais do que nenhum antepassado essa admiração. Mas por motivos totalmente opostos: era um pequeno monstro ridículo que se comprazia em acentuar seu aspecto burlesco com os apuros despropositados dum «dandi». A sua deformidade impelia-o a optar por um de dois caminhos: ou o isolamento dos envergonhados, ou a intensa vida de relação; escolheu corajosamente a segunda hipótese e temperou-a com um ar de provocante desafio, com uma atitude de constante galhofa.

A sua figura tornou-se popular em Montmartre, cujas ruas apalpava em passinhos curtos e lentos, como quem está provando uma excelente bebida, em pequeninos golos... Seus poisos certos eram os cafés. Aí passava o tempo, avesso a uma conversa séria que demorasse mais de dez minutos. Seu prazer era galhofar, descobrir os aspectos, como ele, burlescos da vida. Bebia, de permeio, cada vez mais volumosas porções de bebidas alcoólicas — proeza que fazia gala em exagerar. Tornou-se, além disso, um consumado técnico em misturas alcoólicas explosivas, com que aluia as visitas que apareciam pela sua oficina. Dava-se com Lautrec uma circunstancia curiosa: á medida que armazenava álcool, a sua lucidez crítica aguçava-se. Então, seus ditos mordazes faziam rir toda a clientela do Elysée-Montmartre. Assim esquecia o aborto que era e dava largas á feição eminentemente realista do seu carácter. No meio de copos e de garrafas havia sempre, sobre a mesa, um caderno para esboços e um lápis.

Tudo quanto produzia era marcado pela completa ausência de sentimentalismo, de piedade, de esperança. Quando os seus colegas impressionistas, tal o caso de Renoir, pintavam o publico duma sala de dança com expressões de alegria, bem tratado por cores suaves — Lautrec punha-lhes a nu o enfado, o desencanto, frustração de quem, ao distrair-se, não conseguira raspar as nódoas da angustia quotidiana.

A arte de Lautrec era, assim, uma novidade. Mas não a tomavam a sério. Para a esmagadora maioria ele não passava dum rico amador que se entretinha a pintar nos intervalos da embriaguez. O unico sinal de que se davam conta da sua existência como artista veio dum convite feito pela Société des XX, de Bruxelas, para expor no seu salão (1888). Dois anos depois (estava Van Gogh internado, após um daqueles acessos de loucura que se realizavam na obsessão do suicídio), Lautrec voltou a expor em Bruxelas. Num jantar de artistas interrompeu bruscamente o discurso dum pintor que criticava com incompreensível violência a obra de Vincent. Houve troca de insultos por sobre a mesa de gala e acabaram por aprazar um duelo que, a fazer-se, seria um espectáculo trágicamente burlesco. De Groux, o adversário, apresentou-lhe, porém, as suas desculpas, no dia seguinte.

Entretanto Lautrec continua a dissipar a fraca saude. Rodeou-se de fracas companhias — «dandis» ingleses de exportação, ou de fabrico francês, todos mais ou menos cínicos, mais ou menos profissionais, mais ou menos espectadores da vida. A um deles, contudo, deveu ele, decerto que inconscientemente, um grande serviço; fora o caso que Guibert persuadira Zidler, o dono do Moulin-Rouge, a encomendar um cartaz ao amigo. O cartaz teria como tema «La Golue» (A Glutona) — célebre bailarina de «cabaret», da época.

O Moulin-Rouge estava a tornar-se o centro das distracções de Paris; o grande cartaz de Lautrec iria, e poderosamente, contribuir, para acelerar e fixar essa celebridade. Mas o pintor encontrara neste novo género de arte um novo caminho, e frutuoso, para o seu talento. Pode-se assegurar, sem qualquer exagero, que foi Lautrec o criador do moderno desenho de publicidade. Alguns dos seus cartazes atingiram a perfeição de obra-prima. No entanto, a importancia desta fase da vida do artista está em que os cartazes o levaram a interessar-se pela litografia — campo onde o seu génio se realizaria plenamente. Ei-lo, com trinta anos incompletos e uma experiência humana do dobro, senhor dos seus destinos.

Em 93, Dégas visitou a sua exposição e no fim disse:

— Sim, senhor, vê-se que é um dos nossos, Lautrec!

Vindo do seu mestre preferido, o elogio enche-o de alegria. Nos dois anos seguintes trabalhou melhor e mais do que nunca. Seus modelos preferidos passaram a ser a culta bailarina Jane Avril e Yvette Guilbert, a cançonetista que ensinava Paris e os turistas a ouvir com prazer as maiores obscenidades. Não as pintava, porém, com complacências de amigo; antes, com a sua ausência de sentimentalidade de sempre, com a sua impiedosa crueza crítica.

Neste aspecto é brilhante o retrato que fez, em Londres, a Oscar Wilde, então já a resvalar para a dejecção. Aí se revela sem contemplações a decadência moral do «dandy» famoso. Mas porque o pintava assim? Por sadismo? Pelo prazer de pintar a decadência? Não. Lautrec pretendia atirar á sociedade cruamente a miséria moral que provocara e contra a qual acabava por se indispor, hipócritamente.

Em 1895, La Golue estava resvalando também a caminho da miséria. A estrela célebre tornara-se saltimbanca, de feira em feira. Em Abril desse ano, La Golue pediu-lhe, em lembrança dos bons tempos passados, que lhe decorasse a barraca para a Foire du Trône. Sempre generoso, Lautrec anuiu, pintando dois vastos painéis para ornamentar a entrada, um de cada lado.

Assim decorada, a barraca proporcionou a La Goulue o ultimo triunfo que conheceu.

Condensação da excelente biografia de Lawrence e Elisabeth Hanson «A Vida de Toulouse-Lautrec» — editada por Estudios Cor na sua Colecção Destinos, a que pertencem as seguintes biografias: «A Vida de Van Gogh», «A Vida de Dostoiewsky», «A Vida de Nijunsky».

«LA GOULUE»
Um dos muitos retratos da célebre bailarina, feito por Lautrec em 1894

A VIDA QUOTIDIANA NO Chegaram as

AS naus aproximam-se finalmente do ancoradouro junto da Casa da India. Rodeiam-nas, como cães de fila, os batéis do Meirinho da Corte e do Alcaide da cidade — de forma a que ninguém possa estabelecer o menor contacto com elas. A chegada das naus é sempre para os seus tripulantes um pesadelo. depois dos sacrifícios e perigos da viagem e de muitas ilusões chamuscadas na India — o ambiente de Lisboa é de pesadelo e não de libertação. Respira-se por todo o lado um ambiente de suspeitas e de violência. Ora vede como se cumprem rigorosamente as ordens del-Rei! No cais encontra-se atracada a nau de um particular. Segundo o Regimento, em tais casos ela terá de abandonar imediatamente o ancoradouro para dar lugar á Armada da India. Bem alegará o comerciante que nisso sofrerá grosso prejuízo! O unico resultado é agravar a sua situação.

Com efeito, cumprindo as ordens de D. Manuel, o Feitor manda chamar o Meirinho e o Alcaide, que entretanto já desembarcaram dos batéis e manda que se cumpram sem demora as instruções habituais: primeiro, que tal mercador seja compelido pela força a ancorar noutro poiso; segundo, que lhe apliquem e imediatamente executem a pena em dinheiro que melhor lhes parecer.

Po

AUGUSTO DA

Como sempre nos negócios em

que uma das partes é o Estado, o Meirinho e o Alcaide não são pecos em condenar. O mercador nada lucrará com o seu protesto; eles sabem-no bem e têm, por isso, as costas quentes: «D. Manuel não admite a menor apelação e estipula mesmo que nenhuma outra sua vara de justiça interfira ou demore a execução da pena. Não espanta, pois, que entre o condenar e o

O julgamento de

(Continuação da 1.ª página)

prosseguiu durante longo tempo o interrogatório de D. Juan Tenório.

Depoimento do Dr. Gregório Marañon

Dr. Marañon — Começarei por dizer que, não obstante a hábil negativa do acusado, estou firmemente convencido de que D. Juan Tenório e o conde de Villamediana são uma unica pessoa.

Presidente — Mas em que se fundamenta V. Ex.ª para fazer uma tal afirmação?

Dr. Marañon — Eu só afirmo a minha íntima convicção e nada mais. Repare-se em primeiro lugar na semelhança física dos dois sedutores. Infelizmente não possuímos qualquer retrato do famoso conde, mas as pessoas que o conheceram foram unanimes em reconhecer nele uma estranha e afeminada beleza, tal como a do réu aqui presente...

Advogado — Disse V. Ex.ª «afeminada beleza». No entanto, como certamente sabe, o meu constituinte é acusado de excesso de virilidade...

Dr. Marañon — Pode o senhor advogado estar tranquilo, porque é justamente esse importantissimo ponto que irei seguidamente focar. Mas, como ia dizendo; também o nome dos dois famosos conquistadores é bastante semelhante: o conde chamava-se D. Juan de Tossis, o réu chama-se D. Juan Tenório. Nasceram os dois nos começos do século XVII e ambos desfrutaram de maneira invulgar dos favores femininos. Reconhecemos, porém, a existência dum facto capital que parece destruir toda a possível identidade dos dois personagens: a morte do conde de Villamediana ordenada, segundo diz a lenda, em consequência dos seus amores com a própria rainha. A descoberta recente de certos documentos veio porém demonstrar de maneira incontestável que o famoso conde estava, na data da sua presumível morte, gravemente implicado num escandaloso processo por «crime nefando», processo esse que levou á forca os culpados mais humildes e ao exílio os mais poderosos. Não poderá ter sido o anuncio da morte do conde a melhor forma de salvar a honra dum grande de Espanha? Recorde-se que há uma piedosa ordem do próprio rei também só recentemente descoberta, mandando que «por estar el conde ya muerto, se guarde el secreto de lo que contra él hay, para no infamar su memoria».

Advogado—V. Ex.ª, sr. dr. Gregório Marañon, começou por manifestar a sua íntima convicção de que o meu constituinte e o conde de Villamediana são uma unica pessoa. Depois V. Ex.ª revelou a existência de documentos comprovativos da implicação do referido conde num processo do que então se chamava o «pecado nefando». Logo, se o meu constituinte é de facto o sr. conde de Villamediana e, por conseguinte, tem hábitos de tal na-

NO TEMPO DE D. MANUEL

...s naus da India — N.º 2

Por

...TO DA COSTA DIAS

...grosso pre- ...é agravar ...as ordens ...nanda cha- ...caide, que ...aram dos ...cumpram ...ções habi- ...mercador ...ça a anco- ...do, que lhe ...ente exe- ...ro que me- ...gócios em

receber da multa quase não medeie tempo algum.

Lá estão agora as naus a lançar ferro no ancoradouro da Casa da India. De terra alvejam-nas com uma chusma de batéis. Parece uma debandada de corvos. Cada um toma conta da sua nau, atraca a ela e os seus tripulantes trepam a bordo lestamente. Apenas no convés, dividem-se, ocupando os pontos estratégicos de maneira a que tudo possam vigiar. Depois o capitão é convidado a reunir a tripulação na coberta.

Qualquer dos leitores que assistisse a uma cena destas quase se julgaria espectador de uma abordagem...

Formada a tripulação, o comandante do batel pergunta se algum dos presentes resgatou e trouxe consigo algum ouro, pedraria, pérolas, aljôfar ou quaisquer outras coisas de valia e pequeno volume que não tivessem sido manifestadas nos livros do escrivão da nau. Em caso afirmativo, que sem detença o declarem, pois os que tal fizerem serão perdoados, apenas pagando os direitos da lei. Não o fazendo prestamente receberão o castigo conveniente.

As respostas são registadas, uma a uma, num livro e assinadas pelo declarante e pelos guardas do batel como testemunhas. A vigilancia desce a estes requintes. El-Rei quer ter a certeza de como as coisas se passam.

Seguidamente o capitão mais os fidalgos que vierem a bordo são obrigados a jurar pelos Evangelhos que nada levarão para terra que esteja sujeito a direitos. E também o seu juramento é lavrado no Livro de registos! Só Capitão-Mor da Armada está livre de todo este cerimonial inquisitorio: a ele basta que declare «em sua verdade», fórmula que hoje traduzimos por «por sua honra».

Terminadas tão «agradáveis» diligências, os Escrivães e Feitores das naus entregarão os seus livros e as cartas escritas pelos Feitores da India, com notícia sobre as mercadorias embarcadas, o estado dos negócios e o mais que convier á fazenda del-Rei.

Depois todas as arcas, camaras, paiois, escotilhas serão encerrados, apenas se deixando na coberta o indispensável para a manutenção dos tripulantes enquanto estiverem a bordo. As arcas para maior segurança (há chaves falsas para tudo...) serão pregadas e seladas e seguirão para a Casa da India, aguardando o respectivo despacho. Pobres marcantes! Muito lhes tarda descansar das agruras da viagem! Até o desembarque tem regras infamantes a que só escapam os capitães e os fidalgos. Na verdade, antes de abandonarem as naus serão apalpados. No caso de não haver tempo para isso, ficarão a bordo o que ainda não passaram pelas mãos dos vigilantes de El-Rei Venturoso. Só desembarcarão no dia seguinte.

Mas enfim: a comédia do monopólio da exploração das terras de além-mar terminou um dos actos. Os tripulantes estão em terra. Abraçam os seus. Só lhes é necessario ter paciência até que suas bagagens consigam ser despachadas e, depois de pagos quaisquer direitos, ainda restem alguns reais no bolso com que presentear a família.

A gente de hoje julga as coisas passadas com olhos idiais. Quando se fala nos tempos das Descobertas imaginamos coisas belas, uma Lisboa rica e uma população feliz. Mas digam-me agora: alguma vez suspeitaram da existência de tudo quanto lhes acabo de contar?

---

bilhetes

por *Manuel Agra*

1 Sim, senhor, linda vista é ela. Aponte aqui, se quer ver como é. A povoação toda, o hotel, a piscina. Sim senhor. Os turistas volta não volta estão aí caídos. Gostam do moinho, pois. O senhor padre Moreira das Neves até já fez uns versos a ele. Disseram-mo, que eu não li. Sim, senhor lá isso. Respirar, respira-se. Aí o pinhal e tudo. O pior são as contribuições e na roda do ano haver pouco trabalho. Agora ainda aparece, mas chegando a Janeiro e Fevereiro, cruzes na boca, o povo já não tem para mandar moer. É o diabo. Os filhos, tenho três, olhe, ricos filhos, os filhos querem comer às vezes e uma aflição! Lá para Janeiro. Só a vista sim, senhor, e o que se vê. Pois venha sempre. Cala-te, Emilio, não peças mais tostões. O senhor já deu á tua irmã. Sim, senhor...

2 Sim senhor. Boa tarde. Pode. Ora essa, pode passar á vontade. Cuidado aí que está sujo de massa. Lá em riba, mesmo em riba de tudo, um reservatório para a água da chuva, pertence á «Hidráulica» não sei se já ouviu falar. Pois eu ando aqui morto. Parti um pé, tanto quanto diz de aqui até aqui. O médico, que não era nada, que não era nada, pois não, que não era! Era o pé desmanchado. Depois já não foi ao seu lugar, o osso não encosta bem, não sei se o senhor entende. As dores é cada uma que fico a suar. E ter de alancar com a serventia até lá acima, por essa rocha fora... Mas que remédio, tenho lá quatro bocas. Já pedi a um primo meu a ver se me arranja um empregozinho sentado. Até hoje nada e se chalar nunca. A sorte de um homem é assim... Lá vai! Não podem ver um homem fumar um cigarrinho.

3 Um cigarrinho, patrão? Um cigarrinho cá para o velhote? Muito obrigado, já agora lume. Está cá a passar as férias, pelo que vejo. Ah, não conhecia? Pois isto tem muito que ver. Há por esses rochedos adiante gente de todas as nações. E moços e moças. Não sei se me entende... Pois é. E atravessando os rochedos encontra a outra praia. Coisa boa. Esta agora é o que o senhor vê... Mas já teve barcos aí que era o fim do mundo. O meu era um deles, o «Andorinha». O porto de pesca, não sei se já ouviu falar «Porto Novo» vem daí. Depois não sei que vento foi o que se levantou — de um dia para o outro ficou tudo raso. Os barcos vão deixar o pescado a Peniche, isto aqui não dava nem para a linha. O meu «Andorinha» também já anda, agora com outro nome já se vê. Eu, estando velho, fiquei a apodrecer como esses cascos. Você é novo, não conhece nada disto. Sente-se que vou contar-lhe histórias do arco da velha.

Paulistanos

(Continuação da 1.ª página)

como ponto de partido o salto maravilhoso da aviação.

Porto Alegre-Fortaleza em «Super-Constellation G». Uma nova linha interna da «Varig» em cujo voo inaugural participámos no ultimo fim-de-semana. «Quase uma banalidade»! Assim pensará o leitor a quem as conquistas do progresso, á força de repetidas, já não impressionam. Quase a distancia que vai de Oslo ao Cairo, ou de Lisboa a Varsóvia, pensamos nós, deslumbrados com a grandeza do Brasil.

Visto do alto, o mapa da pátria de Rui Barbosa é uma atracção permanente. A imensidão, a eterna imensidão brasileira cedo se impõe aos olhos e ao espírito, força-nos a ver as imagens a uma luz distinta, a situar os problemas em planos diversos. Uma viagem inaugural traz sempre á memória outra viagem inaugural. O homem não se pode eximir a certos paralelos. Neste caso, paralelos chocantes. Sobrevoar a França, a Itália, Portugal ou a Dinamarca é tão diferente de sobrevoar o Brasil... Num caso, o homem dominou há muito a Natureza, sujeitou-a á sua vontade, transformou-a; no outro, a obra apenas se iniciou. Na Europa, a mão do «homo sapiens» aparece nos mais pequenos pormenores; na grandiosidade da paisagem brasileira, a sua presença é mais rara, intermitente, nota-se aqui e ali em ilhotas que assinalam o crescendo de uma luta que se adivinha fascinante.

Porto Alegre-Fortaleza! Um país, um povo, uma língua, uma cultura! Lisboa-Varsóvia! Sensivelmente a mesma distancia, oito ou dez países a atravessar, outras tantas línguas, raças variadíssimas, ódios milenares sempre latentes, atitudes mentais e sociais não poucas vezes inconciliáveis. Entre o Rio Grande do Sul e o Ceará, a distancia parece-nos pequena, tão forte é a unidade na diversidade. Entre o Tejo e o Vistula as transições são tão bruscas, tão chocantes, ao longo do mosaico de nações a galgar, que a distancia se diria enorme, infinitamente superior. Aqui, muita coisa apenas principiada, a terra por ocupar, cidades a erguer, rios e florestas a dominar. Além Atlantico, o mapa soberto de cidades, os homens, as casas, as estradas, numerosos como formigas, a máquina da civilização material montada com rigor e precisão em grandes extensões. Mas enquanto o Brasil é o corpo unico e gigantesco que vive, pensa e trabalha em função de uma nacionalidade, o «puzzle» de nações que arrancou antes dele para a história e para o progresso, pensa e actua em completa desconexão, as várias unidades separadas por fronteiras caprichosas fixadas no lento fluir dos séculos. De um lado, uma nação com estruturas económicas e sociais ainda arcaicas, mas concebida e realizada para o tempo em que vivemos, adaptando-se ao século do átomo, vivendo no ritmo e na dimensão de uma era fabulosa, confiante, certa de que o amanhã lhe pertencerá. Do outro, oito ou dez nações, a maioria das quais tecnicamente evoluídas mas absurdas, agindo no presente mas hipotecadas ao passado, oito ou dez corpos artificiais, doentes, oito ou dez povos válidos semeados no tabuleiro de um continente em decorrência das guerras milenares de tribos e clãs bárbaros, oito ou dez culturas que brilham ainda intensamente mas estão condenadas a uma decadência inevitável ou a uma fusão dificílima...

MIGUEL URBANO RODRIGUES

...de D. Juan

...sfrutaram ...s favores ..., porém, ...apital que ...possível ...nagens: a ...ediana or- ...enda, em ...ores com ...oberta re- ...s veio to- ...ira incon- ...nde esta- ...nível mor- ...num es- ...crime re- ...e levou á ...umildes e ...osos. Não ...o da mor- ...na de sal- ...de Espa- ...ma piedo- ...ambém só ...nandando ...a muerto, ...que con- ...ar su me- ...r. Gregó- ...manifes- ...o de que ...conde de ...nica pes- ...u a exis- ...mprovati- ...rido con- ...então se ...». Logo, ...e facto o ...a e, por ...e tal na-

tureza, não pode de forma alguma ser culpado dos inumeros casos de sedução que lhe são imputados. Parece-me não haver outra conclusão a tirar do interessante depoimento de V. Ex.ª...

Dr. Marañon — Lamento muito ter de discordar das apressadas ilações do senhor advogado, sem duvida resultantes do mesmo arreigado preconceito que leva a maior parte das pessoas a verem no «don-juanismo» uma manifestação de super-virilidade. Não será elegante estar a citar-me a mim próprio, mas creio ter já suficientemente comprovado, em estudos médicos e ensaios, a teoria da débil virilidade dos homens do género «don-juanesco», cuja atitude perante o amor acusa a mesma indiferenciação dos adolescentes. A característica do varão perfeito é antes uma grande diferenciação do objecto amoroso e o seu amor fixa-se invariàvelmente num determinado tipo feminino, isto é, reduz-se a um jogo de variações limitadas sobre um mesmo tema. Não hesito em afirmar que se o D. Juan Tenório passou a vida obsessionado pelas mulheres, correndo sem detença duma para outra, não foi porque nenhuma o tivesse satisfeito, mas, pelo contrário, devido ao seu instinto rudimentar se satisfazer fácilmente com qualquer delas.

E decorreu mais ou menos assim o depoimento do dr. Gregório Marañon.

(Conclui no próximo numero)

OUVIR BATER O CORAÇÃO DO MUNDO

«... [illegible] ...»

A pouco e pouco, o seu coração renascia das cinzas... Seria aquilo amor? Marta perdera e confiança — e temia esse sentimento...

...Sim. Aqueles três anos que se seguiram ao abandono de Karl foram muito difíceis para Marta. De um momento para o outro, o Mundo ficou vazio. No entanto, o Mundo, vazio, embora, continuou a sua marcha implacável. O emprego nos escritórios da grande empresa de automóveis, o serão como secretária do romancista a estenografar-lhe os improvisos, primeiro, e a dactilografá-los depois, até às tantas, deitar-se tardíssimo, levantar-se ao romper do dia para ajudar a mãe na preparação do almoço que levaria depois na lancheira minuscula.

...Karl deixou de vir esperá-la, á saída da fábrica mandou um bilhete lacónico. Resolvera terminar aquela ligação de quatro anos, a verdade (por muito que lhe custasse dizê-la...) é que a afeição que sentia por ela não era suficientemente forte para... fazê-la feliz...

Marta julgou-se vítima de um pesadelo. Pediu um encontro, para esclarecer a questão. Karl não julgou o encontro necessário. «Nada mais tenho a dizer-te além do que te disse por carta», respondeu ele, secamente, ao telefone.

Karl não veio esperá-la mais... E esse pequeno pormenor, quase insignificante, transtornou toda a sua vida — a sua alma, mesmo. Perdeu a confiança nas pessoas, tornou-se bicho do mato... Surgiram os primeiros cabelos brancos...

Sim, foram bem difíceis, aqueles anos, para Marta...

...A pouco e pouco, porém, o seu coração renascia das cinzas... A luz do sol começou, aqui e ali, a romper a espessa camada de nuvens em que a moça vivia sepultada. Ele, o Ludwig, era seu companheiro de fábrica, na secção de oficina. Principiou a acompanhá-la apenas porque morava para os mesmos lados. A pouco e pouco, as conversas banais entre duas pessoas quase indiferentes, foram ganhando novos interesses. Ludwig frequentava uma aula nocturna de engenharia. Começou a entusiasmar a rapariga, a mostrar-lhe a vantagem de tirar um curso nas aulas nocturnas.

—Tenho o meu serão...

—A band one-o. Não precisa de trabalhar tanto. Não me disse que gostava de ser professora?...

E, Marta seguiu o conselho do companheiro. Este ia levá-la á Escola e buscá-la, sempre que podia. Nunca falaram de amor. Ludwig sabia como a jovem sofrera com o rompimento de Karl — e temia ir acordar feridas mal saradas... Até que, certo dia, Ludwig não levou almoço. Despedaçara, na véspera, a lancheira ao tombar com ela quando descia do autobus em andamento.

—Não se preocupe — sugeriu Marta. — Almoçará comigo.

Olharam-se em silêncio que Marta quebrou com uma voz que se esforçou em vão por tornar severa:

—Mas tem de prometer que nunca mais desce com os carros em andamento... Prometido?

Um sentimento bom inundava o coração de Marta. Um sentimento calmo, pacificador. «Amor? — interrogava-se ela — talvez não. Talvez amizade...» Intimamente, sabia que o amava. Mas procurava dar a esse sentimento outro nome — como se isso a furtasse a possíveis desilusões... Além disso, não era ainda com indiferença que se lembrava de Karl e temia que «também isso» ainda fosse amor. Marta ignorava que «isso» era apenas (e este «apenas» representa tanto na vossa vida...) a cicatriz do amor.

A fábrica foi sobressaltada por um desastre na oficina de montagem. Karl ficou ferido. Operado de urgência, o médico achou indispensável uma transfusão de sangue.

—O meu sangue e o de Karl são do mesmo grupo — disse Marta, a Ludwig. — Há anos, sujeitámo-nos a «tests» no hospital... Que te parece?...

Ludwig fitou-a, calmamente:

—Sabes o que há a fazer — e eu estou de acordo contigo.

Essa transfusão representou para Karl, a vida. Enquanto o sangue passava do seu braço para o de Karl, a jovem sentia-se mais leve, mais feliz, como se libertasse a alma de penosas algemas.

...Nessa noite, faltou á escola. Estava muito fatigada. Telefonou a Ludwig para que não deixasse, de ir vê-la. Ludwig aparentava uma calma que a si própria se denunciava. Sentou-se á beira do leito de Marta, quis saber pormenores da operação... Esforçava-se por descortinar no rosto dela a «verdade» dos seus sentimentos, depois de tamanha prova. Marta puxou-lhe a mão que ele pousara na coberta e beijou-lhe levemente, um por cada vez, os nós dos dedos...

... ...

O «happy end» não é exclusivo dos filmes baratos nem dos romances cor-de-rosa. A vida, quando lhe apetece, tem o segredo da felicidade depois do desespero — da bonança, depois da tempestade.

Marta e Ludwig que o digam.

Sim ou não?

A OBESIDADE É UMA DOENÇA?

Ainda que muitos indivíduos, a atirar para o gordo, afirmem a sua conformação física hereditária, normal na família, etc., a obesidade, caros leitores, é uma doença e como tal deve ser encarada. A que se deve a obesidade?

A insuficiência dos processos de digestão e assimilação explica, quase sempre, os depósitos adiposos que se formaram nos tecidos superficiais. Estes depósitos de gordura influem sobre o equilíbrio físico e moral; podem provocar disturbios cardíacos ou circulares, diabetes, gota, arteriosclerose, etc.

Certamente, o facto de comer demasiado contribui para a génese da obesidade; mas, na maioria dos casos ela explica-se por uma rotura do equilíbrio metabólico. O obeso torna-se um doente, pouco resistente aos traumatismos operatórios e ás infecções.

Há casos, embora mais raros, em que as perturbações psíquicas podem conduzir á obesidade, por um aumento de apetite compensador dos bens que desapareceram ao indivíduo (é o caso de um homem que, preso, sabe a mulher adultera, e sai da prisão, cheio de desgosto mas... com bastantes quilos a mais!).

Quase sempre o obeso é portador de um excelente apetite, cuja satisfação, ainda que o neguem, é a causa da formação desses depósitos adiposos.

Não há um tratamento «standard» para tal mal — mas uma coisa é importante para o tratamento, qualquer que ele seja: o regime alimentar. Com efeito, todos sabemos que certos alimentos engordam, como a batata, o arroz, o pão, as farinhas, as gorduras. E sobretudo, os líquidos durante as refeições.

O dr. Ernesto Roma preconiza o método das restrições suaves, de forma a conseguir-se uma reeducação do apetite descontrolado.

Assim, um indivíduo pode consumir, diàriamente:

Pequeno almoço:

Café ou chá	o que quiser
Leite	2 decilitros
Pão torrado	40 gramas

A meio da manhã, fruta com 5 a 10 % de hidratos de carbono (laranjas, tangerinas, limas, fambroesas, limões, melão, anaás, morangos, marmelos, amoras e groselhas), 100 gramas.

Almoço:

Carne ou peixe sem gorduras	100 gramas
Manteiga ou azeite	5 »
Vegetais	150 »
Batata	150 »
Fruta	100 »

Ao lanche:

Um ovo quente ou cozido ou 2 decilitros de leite.

Ao jantar:

Um prato de sopa de hortaliça

Carne ou peixe sem gordura	100 gramas
Manteiga ou azeite	5 »

Vegetais e fruta, as mesmas quantidades do almoço.

Este regime dietético deverá ser apoiado por recursos terapêuticos, apenas da competência do clínico; ou, nos casos comuns, por medicamentos d pressores do apetite.

A redução de peso e a desidratação dos tecidos são verdadeiras benfeitorias para o coração e a circulação sanguínea, pois a mínima perda de peso excessivo alivia um e outra.

Compreende-se, portanto, que a cura de emagrecimento esteja indicada nos casos de perturbações cardíacas e circulatórias — doenças concomitantes á obesidade.

SAIBA COMER

Alergias alimentares

uma doença da civilização

Por MARIA CAROLINA FREITAS

O ritmo trepidante da vida actual; a ingestão apressada das refeições e a consequente mastigação deficiente; o uso dos excitantes como os picantes e o álcool; o tratamento das águas das cidades pelo cloro; o abuso das adubos químicos nas hortaliças aumentando assim os sais minerais que ingerimos; os «estimulantes» como o café e o chá, dando uma falsa euforia; o exagero dos medicamentos chamados «enérgicos», como as sulfamidas, aureomicina, terramicina, etc.; alimentos correntes como o leite e os ovos (Verzan atribui á clara crua uma deficiente secreção gástrica), o peixe, a carne de porco, os mariscos, os legumes, as bananas, os morangos, as laranjas e o chocolate — são a causa dos fenómenos alérgicos nos nossos dias, cada vez mais vulgares. Com efeito, o quadro dos sintomas de alergia tem, hoje, uma desusada vastidão. Vai desde a enxaqueca, á urticária, ao eczema, á asma e á coriza alérgica; vai desde os falsamente diagnosticados «dispépticos», ás inflamações intestinais, á hipo-secreção gástrica e ás perturbações da secreção biliar.

Mas não é apenas a qualidade dos alimentos, mas a quantidade e a forma como os ingerimos que interessa. A frugalidade em cada refeição é da máxima importancia, embora o alérgico as possa multiplicar diáriamente — o alimento responsável pelos fenómenos alérgicos actua, como é fácil de calcular, mais restritamente se for utilizado em pequena quantidade. Também o alérgico «nunca» deve abster-se, por completo, do alimento que lhe faz mal; os sintomas são muito mais enérgicos após uma temporada de astinência — e o hábito das refeições fora de casa nada lhes garante que nunca os comerá.

A forma como comemos os alimentos tem, igualmente, muita importancia nos fenómenos alérgicos digestivos. Assim os ovos e o ite não devem ser ingeridos crus, mas sempre cozinhados. De todos os alimentos perigosos, os ovos são os de maior e mais rápida sensibilização, mas podem bem tolerar-se em pequenas doses. O excesso das gorduras na comida, também não é favorável — as gorduras excitam a secreção biliar anormalmente, o que diminui a tensão superficial do intestino e o torna mais permeável á passagem de albuminas estranhas. Os mariscos em conserva são piores do que os crus.

Mas há mais: as preocupações quotidianas, a pressa em que vivemos, a tensão perante os constantes e multiplos problemas da nossa vida de relação favorecem, em alto grau, os disturbios vegetativos; estes, por sua vez, desencandeiam uma tempestade sobre a fenomenologia alérgica em geral. Todos nós conhecemos o efeito das funções neuro-vegetativas sobre o mecanismo da digestão. Todos nós sentimos já, como as preocupações, o susto, a angustia provocam transtornos dessa espécie. Daqui o dizermos que os fenómenos alérgicos são a doença própria da civilização...

PUDIM DE ATUM

Pele batatas cozidas e corte em bocados; abra duas latas de atum e misture. Faça um molho de «mayonaise» bem temperado e misture com as batatas e o atum, reservando um resto de molho. Ponha a salada numa forma demolhada e volte sobre um prato grande. Enfeite com o resto do molho, com rodelas de ovos cozidos, folhas de alface e rodelas de tomate bem maduro. Espete-lhe azeitonas pretas.

TIJELADAS DE PEIXE (bom para aproveitar restos de peixe)

Esmague os restos de peixe e misture com uma boa porção de molho Bechamel um pouco espesso. Deite uma colherada bem cheia deste molho em cada tijela untada com manteiga. Polvilhe com queijo e pão ralado e meta em forno bem quente. Silva com salada de alface ou agriões e rabanetes.

MAÇÃS DISFARÇADAS

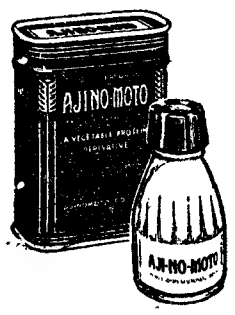
Cozer algumas maçãs com casca e abri-las. Enchê-las com um mistura de frutos esmagados, sejam de compota ou frescos ou mesmo misturados ou simplesmente uma boa compota. Pôr num prato de ir ao forno, cobrir com dois ou três ovos batidos com açucar e meter no forno bem quente, durante cerca de 15 minutos.

Não

MASCARE o verdadeiro sabor
da COMIDA
com temperos picantes!

Exija

uma alimentação sadia e saborosa



AJI-NO-MOTO®

produto purissimo extraído do trigo
não é um tempero
não ilude o paladar
antes o desperta, estimulando as nossas papilas gostativas.

Experimente

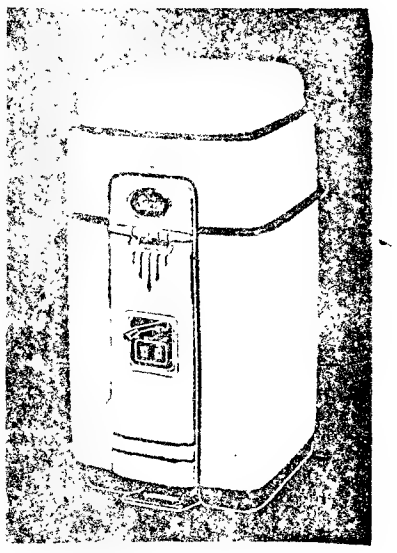
uma pequena pitada na sopa, no peixe, na carne, nas saladas.

Eis a ECONOMIA
que encontrei na máquina
SERVIS

1.ª **ECONOMIA DE DINHEIRO :** o agitador não molesta a roupa, imprimindo à água um movimento de turbilhão em todos os sentidos.

2.ª **ECONOMIA DE TEMPO :** a lavagem pelo sistema de de turbilhão compensado é rapidissima.

3.ª **ECONOMIA DE ESFORÇOS :** espremedor eléctrico, aquecimento e despejo de água automáticos.

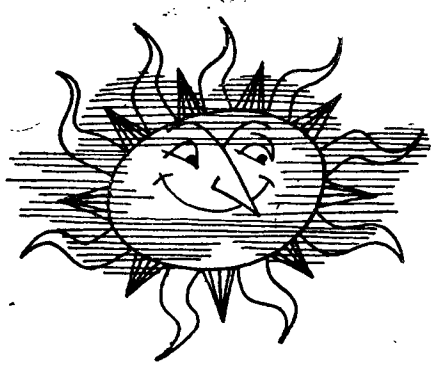


Comprei, claro, a **minha SERVIS** na

Agência Comercial Sueca

Av.ª Fontes Pereira de Melo, 45

a preço fixo

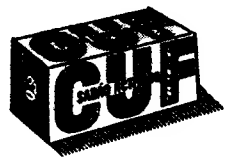


Acabaram-se os desperdícios de tempo!

Não perca tempo à espera do sol para a corar

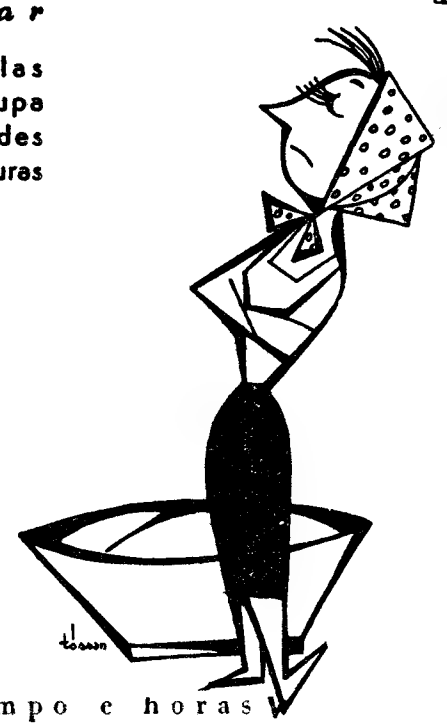
Não perca tempo a fazer barrelas
Não perca tempo a esfregar a roupa
Não perca tempo a adoçar com grandes doses de sabões vulgares as águas duras

COM O **SABÃO ACTIVADO CUF**



Não há barrelas
Não precisa de pôr a roupa a corar
Basta esfregar levemente a roupa
E não há águas duras, pois para ele todas as águas são boas

E A SUA ROUPA FICA RIGOROSAMENTE LIMPA E NOVA E A CHEIRAR AGRADAVELMENTE A LAVADO



PONTO

Tenha a sua roupa sempre pronta a tempo e horas

UM SÉCULO DE EXPERIÊNCIA NO FABRICO DE SABÃO

SORVETE EM PÓ

SAUDÁVEL • NUTRITIVO • PASTEURIZADO

LEDANO

O PRAZER E A SAUDE DOS SEUS FILHOS

prepara-se em casa, a qualquer hora, sem leite nem sorveteira.

E UM ALTO PRODUTO DINAMARQUÊS

A vida tinha para mim um sabor novo, de coisa reconquistada ou reaprendida. Queria viver agora não só pelo gosto de estar vivo, mas para realizar ou completar quanto me fosse possível do que até então fora quase só promessa. O temor da morte, se o tinha, transformou-se no receio de não viver o suficiente ou de não ter a energia bastante para compensar todo o tempo perdido.

Perto dos noventa anos, a dois passos do tumulo, minha mãe, sentada um dia ao pé duma janela, voltou-se para mim e disse: «Não é a morte que me assusta: tenho pena de deixar isto tudo, este céu azul, estas árvores tão verdes!» Tinha lágrimas nos olhos. Como é bela esta teimosia em persistir, este elementar, instintivo desejo de permanecer vivo e consciente, esta rebelião contra o aniquilamento, mesmo através do cansaço, da dor e da desilusão! A Vida tem em si mesma um mérito, e se alguma finalidade nela podemos lobrigar é apenas esta — perpetuar-se, expandir-se, multiplicar-se.

Regressei a Portugal por algum tempo, viajei mais, tornei a viver com as ilusões, crenças e erros de sempre, e transpus novas crises. Acompanhei com ansiedade a longa doença final do dr. Foster Kennedy, cuja morte me deixou enlutado. Atrás dele foi-se o dr. Friedman, e mais tarde o dr. Isaacs, o cirurgião filho de pobres do Lower East Side. É curioso como pode afectar-nos a morte daqueles a quem devemos a salvação: há nisso alguma coisa de semelhante ao sentimento duma orfandade.

* * *

Mas deixem-me voltar um pouco atrás.

Meses depois da doença fui uma noite a um cinema, prova a mais dura para os musculos oculares, que pareciam recusar-se aos mil movimentos mínimos de ajustamento ás imagens rápidas. Ao voltar a casa, já tarde, ao longo da minha rua, a Dezassete, a essa hora deserta, notei que uma pesada nuvem de fumo pairava, imóvel, sobre a vizinhança. Alarmei-me: á uma da manhã o aquecimento não funcionava, e o «janitor» não estava com certeza a alimentar a fornalha. Disse a minha mulher: «E' capaz de ser um incêndio!» e deitei a correr, coxeando, apoiado á bengala, até chegar em frente da casa onde morava. Do outro lado da rua, percebi que o fumo provinha do prédio vizinho, de cujos cinco andares só o primeiro estava ocupado pelo consultório de um radiologista.

Parei a olhar o espectáculo: ao alto da escadaria exterior, e através das vidraças «bisautées» das altas portas de entrada, de estilo antigo, avistei um fogaréu tremendo: os elaborados madeiramentos de parte do vestíbulo e do começo da escada ardiam como archotes, dando da rua a impressão de um imenso altar iluminado e em chamas.

Não há nada mais empolgante do que um incêndio no escuro e silêncio da noite. Eu tinha assistido a muitos e famosos incêndios lisboetas, e mesmo ao do Hotel Grand Bourse, de Bruxelas, que me inspirou uma novela. Mas tendo vivido então onze anos em New York onde os fogos são frequentes e espectaculares, e onde as bombas correm a cada momento as ruas e avenidas com um estrépito de fim de mundo, eu nunca tinha visto arder um prédio.

Voltou ao anfiteatro, e ouvi então a voz do dr. Bigby, a expor a minha história pregressa, com algumas inexactidões de pormenor; e depois falou o Mestre, a meia-voz, não pude entender o que dizia. Por fim, dei entrada em cena, e o «chefe», sorrindo, interrogou-me, fez-me um sumário exame. Havia talvez uns cem médicos nas bancadas, escutando atentamente. Para todos eles eu era apenas a «infecção do angulo ponto-cerebeloso»... E Kennedy rematou: «Como se sente agora?» — «Muito melhor. Mas ainda tenho dores na cabeça...» Ele sorriu: «As suas dores de cabeça, agora, são apenas as do intelectual...» Apertou-me a mão, a sessão findou, e eu voltei á enfermaria escura, aos gemidos e brados angustiosos da noite neurológica. Mas a cabeça doia-me realmente, e ia doer-me por muito tempo ainda.

* * *

Na véspera de Natal o Mestre apareceu-me, acompanhado do dr. Galen somente. A sala estava desusadamente tranquila. Sentou-se na caixa dos radiadores, junto ás janelas, e sorriu-me:

«Vamos suspender hoje o tratamento. Conto mesmo mandá-lo para casa, bem agasalhado, para passar o Natal em família». Depois duma pausa, acrescentou: «Sabe, o senhor é um homem muito afortunado: é o primeiro doente do seu tipo que eu vejo «vivo» e «consciente». Deve orgulhar-se disso, como eu me orgulho. Mas não esqueça que o deve ao grande Flemming! Sem ele...» e teve um gesto evasivo. Voltou-se para o assistente: «Sou neurologista há quarenta anos, e desde que ele aqui está, tenho espremido o cérebro e vasculhado todos os meus arquivos e livros, sem encontrar um só caso semelhante: todos nos chegavam moribundos!»

Quis sentar-me na cama, comovido, e perdi o equilíbrio: «Cuidado, — disse ele — não vá cair agora da cama abaixo e complicar-nos as coisas!» Disse-lhe então as minhas duvidas: Não iria a doença deixar-me afectado intelectualmente? Poderia eu voltar ao trabalho, á actividade de outro tempo? «Vai ser o mesmo homem, — respondeu. E depois duma curta e grave reflexão: — Noventa por cento o mesmo!»

Mentalmente eu descontei: «setenta e cinco por cento», se for... a «facial» tinha quase desaparecido, outros sintomas se tinham atenuado; mas o nistagmo persistia, e a minha marcha era atabalhoada.

«Volta esta mesma tarde para casa. Repouse, eu quero vê-lo uma vez por semana». Deixou-me, e eu fiquei banhado em emoção. Nesse dia fizemos os preparativos, despedi-me dos meus companheiros de enfermaria. Paul teve lágrimas nos olhos: o pobre afazia-se aos «camaradas», e custava-lhe vê-los partir, para ficar, ele, ali á espera da fatal resolução. Um amigo português veio buscar-me no seu carro. Não pude dizer adeus ás enfermeirinhas, que já tinham batido as asas para outros céus da dor.

Quando pisei a rua, amparado dos dois lados e titubeante, tive um gesto de recuo: as formas, as cores, o movimento, tudo me pareceu monstruoso e irreconhecível. Andar na superfície irregular da neve era uma tortura. Perdia o equilíbrio, descaía para a esquerda, estava incapaz de focar devidamente os olhos, perdia a visão das coisas. O mundo tinha perdido para mim as perspectivas habituais. Era para aquilo que eu voltava? Tive o

Os seres mais primitivos da Terra (1)

As nascentes vitais

Quando em 1788, a primeira leva de deportados vindos da Inglaterra e chefiados pelo capitão Philipp chegou à Austrália, os indígenas encontravam-se repartidos por toda a ilha gigantesca. Os primeiros contactos entre os homens brancos e os negros foram cordiais — ou indiferentes. Não tardou, porém, que essas relações se modificassem radicalmente. Os deportados tinham necessidade de terras, de pastagens cada vez mais extensas para alimentar os rebanhos. E, principalmente, tinham necessidade de água - sem a qual o gado vacum e cavalar não pode passar...

Ora, ainda hoje a falta de precios líquido é, sem dúvida, um grave problema para o continente australiano e que entravava o seu desenvolvimento. As regiões do litoral são férteis e bem irrigadas — e, por esse motivo, a população branca se concentra quase exclusivamente no interior. No interior, porém, os rios mencionados nos mapas são verdadeiros rios fantasmas. Existem só durante alguns dias em cada ano por ocasião das grandes chuvas. O indígena vê-se, deste modo, coagido a poupar a água, a ter por ela um respeito sagrado.

Imagine-se, pois a sua estupefacção ao ver os animais dos colonos e deportados — cavalos, bois carneiros — transformarem em atoleiros as nascentes para ele vitais... E desencadeou-se uma luta desigual e sem perdão em que os indígenas foram trágicamente dizimados. Hoje, no interior, lá onde os brancos não tiveram a coragem de os perseguir, existem apenas 47.000 indígenas de raça pura e 27.000 mestiços.

Idade Atómica e Idade de Pedra

Ainda hoje, a muitos dias de viagem de Alice Spring, subsistem tribos que vivem tal como os nossos antepassados de há milhares de anos. A idade atómica e a idade da pedra lado a lado...

A minha expedição tinha por objectivo estudar o centro da Austrália e, em especial, a região conhecida pelo nome de Aranda ou Aranta.

O interior da Austrália é principalmente constituído por vastos desertos, muitos dos quais práticamente ainda por explorar (Deserto de Gibson, Grande Deserto de Areia, Deserto de Simpson, Grande Deserto Vitória. No meio exacto do continente é que se encontra a região de Aranda, que contrasta, pela sua vegetação, com a aridez dos desertos que temos de atravessar para a atingirmos.

No entanto, vegetação nem sempre representa frescura. Pode haver árvores e não haver oásis. Isso mesmo acontece com Aranda. A atmosfera é particularmente seca. O vento sopra, com frequência, á velocidade de autênticos furacões. A temperatura oscila, diáriamente, entre os 38 e 50 graus centígrados. De noite, porém, atinge valores negativos de certa amplitude. A chuva abençoa Aranda apenas durante alguns dias por ano — e há anos em que nem esses breves dias existem. Apesar disso, a média das chuvas é de 26 centímetros.

Quando o céu se resolve a abrir as largas comportas, a chuva cai com uma violência inaudtia Os leitos dos rios, geralmente sem água e duros como o cimento, transformam-se em verdadeiras feras que tudo levam de vencida na sua passagem. Os desconhecedores da região eram tentados a servirem-se do leito seco desses rios como pista. Muitos deles desapareceram misteriosamente. Sabe-se hoje qual foi o destino que tiveram; o rio nasceu em alguns segundos, não deu tempo sequer a esboçar um gesto de defesa...

Espectáculo inesquecível

Vejam: o solo de Aranda parecia morto, coberto apenas por uma penugem rala, cinzenta. E de repente dá-se o milagre: um dia após o diluvio aparecem no solo morto de Aranda uma infinidade de flores selvagens, de uma estranha beleza da qual os nossos olhos não querem arredar-se um instante só. Plantas e ervas surgem no meio delas. E crescem á velocidade de muitos centímetros por hora...

Assiste-se então a um espectáculo que nunca mais se esquecerá. De todos os lados, prevenidos por não se sabe que mensagem telepático, acorrem os cangurus. Constantemente subalimentados, oferecem o triste espectáculo de animais pré-históricos de estrutura imperfeita, extenuados pela longa viagem durante a qual não repousaram um momento. «Não parem! Não parem — dizia-lhes o seu instinto. — Não porem! O paraíso que vos espera dura pouco, há que aproveitá-lo bem!» Eles obedecem. Chegam ao Eden extenuados. Lançam-se ávidamente aos brotos macios. E nem se lembram de lamber as patas anteriores — coisa que eles fazem sempre após uma caminhada, mesmo breve. Alheios a tudo, nada mais existe no Mundo do que a possibilidade de saciar a fome milenária. Tornam-se assim presa fácil dos indígenas que os abatem usando o terrível «woomora».

Mais infelizes do que os cangurus são as emas. Menos resistentes, queimaram na longa marcha as ultimas energias. Muitas delas não chegam a atingir Aranda. E trebucham e rolam no chão, como enormes bolas de penas coloridas, ás portas do Eden...

A terra engole num abrir e fechar de olhos, toda a água caída do céu, presente dos deuses. Formam-se, talvez, vastos lençóis subterraneos. A superficie torna-se de novo seca e quebradiça. As flores torcem-se, parecem sofrer nas vascas da agonia. As folhas desfazem-se em pó... Surge então o terrível «spinifex», planta espinhosa do deserto australiano, de pontas aceradas, que acorda para a vida quando precisamente a vida desaparece...

Imperturbáveis, tristes, estranhamente humanos, os eucaliptos ficam... Ficam, aguardando o fim dos tempo... Existem trezentas e cinquenta espécies de encaliptos na Austrália. Estes de Aranda, chamados «Eucaliptos Fantasmas», atiram para o céu os gigantescos braços descarnados, broncos... Verdadeiros fantasmas que sublinham o estranho ambiente onde vivem os seres mais primitivos do nosso planeta.

JACQUES VILLEMINOT
(Chefe da expedição francesa ao interior do continente austríaco)

Não deixe de ler
"BAGACEIRA"
edição de LIVROS do BRASIL
a bela obra de
JOSÉ AMÉRICO DE ALMEIDA
que iniciou a poderosa escola do romance brasileiro moderno

desejo de correr e refugiar-me na enfermaria, que era o meu lugar, e onde não se exigia aos homens senão a passividade e a inércia.

Os meus amigos, Keil do Amaral tinham ornamentado a casa, que estava acolhedora e quente. Voltei ao meu quadro normal. No dia seguinte sentei-me para tentar escrever um bilhete postal: o esforço fez-me perder os sentidos. Quanto tempo iria durar o meu regresso aos «setenta e cinco por cento» que esperava?... Ia ser o mesmo homem? Era preciso fazer frente ás minhas limitações arrancar-me á escuridão, reeducar-me, voltar a aceitar a luta de todos os dias, projectar-me para diante encandeado e trôpego, viver (como diria o Dubreuilh dos «Mandarins») como se a morte não existisse .. Entre os homens que lutam e sofrem.

De vez em quando tinha impulsos de regressar ao hospital. Quando conversava, a febre subia-me. A humidade afectava-me, a sinusite intensificou-se, fiz bronquites sucessivas, passeava grande parte do tempo deitado, ou de perna esquerda estendida, imóvel, a ouvir a rádio. Tinha desenvolvido uma ponta de artritismo cervical, depois das refeições o nistagmo parecia agravar-se. Quando o disse a Kennedy, ele sorriu: «Bom, não lhe aconselho que deixe de comer por causa disso!». E franziu a testa: «Quem é que lhe disse que tinha nistagmo?» Mas todos o repetiam diante de mim! Desde a cena da Clínica de ouvidos... O Mestre abanou a cabeça: mas quem é que ia agora procurar os indiscretos. tinham sido tantos! E eu sentia-me tão grato a todos eles! Era bom saber aquilo, e mais. (Os médicos americanos são em geral muito menos explícitos do que os nossos: não classificam as coisas para benefício do doente predisposto á ansiedade).

Tinha agora que habituar-me, como milhares ou milhões de doentes antes de mim, a viver com as sequelas, os pequenos sofrimentos cotodianos, as limitações próprias do meu estado. E isso é que era o difícil, nisso é que está — se existe — o «heroísmo»: e não na passividade resignada diante da morte. Mas será preciso, ou possível, viver sempre ao óptimo da saude ou da disposição? A saude perfeita não existe, ou não chega nunca, e a vida é um declínio indefinido... O queixume é o refugio dos impotentes. dos indolentes, que tiram partido de tudo para não fazer esforços nem atiurar responsabilidades. Há sempre alguém que sofre mais do que nós, e no entanto vive. Olhava as árvores centenárias do meu parque: cobertas de líquenes e fungos, roídas de vermes e parasitas, rachadas pelo raio, açoitadas de neves e vendavais: e vivem, resistem, cobrem-se de folhagem nova todos os anos, dão flor! Nem devemos, tão-pouco, esperar o «momento de génio» para criar e produzir: o momento é este, é agora, como dizia o Stendhal. O génio e a criação são produtos do esforço, e não da iluminação ou revelação. Um processo contínuo, uma luta incessante, um avanço indefinido, uma conquista, como a liberdade, de todos os dias: do homem sobre si mesmo e sobre a natureza de que ele é parte.

* * *

Semanas depois, voltaram a confiar-me pequenas tarefas. O nistagmo atenuou-se, ficou-me um quase imperceptível estrabismo, e cada dia fui lendo um pouco mais. Um dia ataquei com fervor a história que tinha concebido e que, durante as noites do Hospital de Bellevue, fora apurando

em mente até os ultimos detalhes: escrevi-a em dois dias. O seu estilo, eufórico e excitado, traduz talvez o meu estado físico e mental da época: mas era fruto dum impulso em que havia a ardência duma prece de leigo, e a esperança imensa de voltar.

Caminhava como um ébrio, rodando e descaindo para a esquerda. Se, ao andar, levantava os olhos ou virava a cabeça, perdia o equilíbrio. Para olhar uma janela ou a lua (que para mim continuava a dançar no céu) tinha de parar e fixá-la com firmeza. Conservava certa medida de diplopia na visão lateral; um toque de surdez, o estonteamento, a visão como que subaquática, as dores, o golpe de vista diminuído, uma susceptibilidade maior, tudo isso estava comigo. À mais ligeira constipação tudo se agravava. Submeti-me a repetidos e variados tratamentos da sinusite. Registava frequentes subidas de temperatura e uma excitação suspeita. Alternava as poucas horas de trabalho com longas horas de repouso forçado. Disciplinei-me a ter paciência, a esperar — numa cama, em silêncio e quietação, quando todo o meu ser se projectava de redobrada ansiedade para o mundo dos vivos... Então, para vencer o temor da recaída, o desalento da imobilidade, e a ideia abrumadora de que me tornara um estropiado ou meio inválido, repetia de olhos fechados: «Já me senti muito pior, e melhorei. Isto passa. E' preciso ter calma e paciência!» Às vezes era difícil... E quando a crise passava (ainda hoje assim é) sentia-me possuído duma imensa e comovida gratidão á vida e á Ciência.

Através da inquietação, do sofrimento e da diminuição de certas faculdades, aprendi a dominar os acessos de revolta inutil e a viver conformado com os meus recursos e possibilidades. Não seria talvez «noventa por cento o mesmo homem», como dissera o Mestre, mas os meus setenta e cinco por cento pareciam-me mais do que suficientes para os propósitos, agora mais modestos, a que se reduzia a minha ambição. A fantasia, os dons de observação e evocação, o humor, a capacidade de expressão estavam intactos, talvez até mais apurados.

Tinha-me isolado um pouco: aproveitei a solidão para ler mais, tornei-me de novo um leitor insaciável; mas voltei pouco a pouco á actividade e ao convívio, embora mais limitado na minha vida de relação.

Durante um ano ou mais vi-me forçado a usar uma bengala com ponteira de borracha, para corrigir o desequilíbrio. Ora a bengala é um acessório que caiu em desuso, e além disso uma insígnia de comando que irrita muito boa gente: ouvi comentários e remoques de pessoas rudes que, vendo-me andar com agilidade, e não podendo adivinhar o que o meu vigor físico aparente escondia, me supunham «dandy» ou parasita. Houve também quem imaginasse que eu me escondia atrás da bengala, ou exagerava, para me fazer passar por enfermo. O mais difícil, nestas situações, é sempre fazer compreender aos outros que nos é preciso viver segundo uma técnica diferente, de via reduzida, embora entre eles e dando-lhes a ilusão duma vitalidade e energia intactas. Habituei-me a compreender e a sorrir.

Com que intensidade e alegria me exercitava a ser ou a parecer normal! Fazia intermináveis caminhadas — a primeira delas, ainda em New York, na companhia do dr. Manuel de Azevedo Gomes, que então fazia um estágio brilhante no Hospital para Doenças das Articulações. Hábilmente, sem mo dizer, com um tacto perfeito, forçou-me á primeira prova da recuperação física.

ABERTURA DA CAÇA

O sorriso é o maior tesouro do homém!
Goze-o e conserve-o com a PASTA
DENTIFRICE

A raínha Dona Leonor veio ao Liceu

Pelo prof. dr. **Ivolino de Vasconcelos**
(Rio de Janeiro)

Engalanou-se o venerando Liceu para ouvir, em solenidade que transcorreu das mais expressivas, o dr. Troncho de Mello — médico, historiador e homem de Letras, dos de melhor cepa, em Portugal — que discorreu, durante sessenta brevíssimos minutos, sobre a Rainha dos Humildes, a Imaculada Flor da Caridade. D. Leonor de Lencastre.

Dos mais selectos, o grupo que se reuniu para este acto — em que a «Casa de José Rainho», representada pelo seu fidalgo filho, Octacílio, viveu noite de efusiva e emocionante vibração espiritual.

A' presidência da mesa, o sr. embaixador de Portugal, representado pelo sr. João Marçal de Almeida, ilustre secretário da Embaixada, que ao seu lado cedeu lugares — feita a excepção de quem escreve estas linhas — a eminentes personalidades dos nossos meios culturais e representativas de diversas associações lusitanas.

Com a palavra — após os cumprimentos que lhe endereçou o dr. Octacílio Rainho — Troncho de Mello, um cavalheiro, saudou aquela Mansão Ilustre da Inteligência Luso-Brasira, enaltecendo, sob aplausos, a obra de seus pioneiros e consolidantes da proficuidade e prestígio.

Empós, ei-lo, o excelente orador que ele é, a desfiar, em voz bem timbrada e colorida, essa que é uma das mais belas histórias já' vividas em Portugal— a história enternecedora e comovente daquela Rainha que fez do trono o Altar da Caridade, daquela Mulher que fez do coração a hóstia dos humildes...

Estava presente, entre nós, a ouvir Troncho de Mello, a Rainha, que nos mirava, com seu luminoso e suavissimo olhar, debruçada sobre a madeira do formoso quadro em que a emolduraram, para a eternidade...

Mestre Troncho de Mello, qual um pintor de emoções, manejando, com o pincel dos sentimentos, as tintas subtis da ternura humana, modelava, no branco mural daquela hora de amável conferência, os personagens — de tão antigos, quase legendários, de tão altos, quase celestiais — desse que foi, a partir do século XV, no divino tema da criação das Irmandades das Misericórdias, no mundo lusiada, um dos mais belos romances até hoje vividos pela humanidade.

Eis vai surgindo, aos poucos, em pinceladas suavissimas, a efigie, nobre e severa, encantadora e terna, da sublime Rainha, Senhora dos Aflitos, Mãe dos Desamparados...

D. Leonor de Lencastre assiste — iluminando o salão com seu meiguissimo olhar — ao acto da própria ressuscitação histórica... Fitamo-la, na aura que lhe envolve a rediviva efigie e sentimo-la, a viver, quase a chorar...

Divina Mulher, que soube transformar as lágrimas em sementes de Caridade, lágrimas que se espalharam pelo Mundo, sementes de que brotaram, nos quatro cantos do orbe lusiada, as inefáveis Misericórdias...

O paisagista afinava, aos poucos, o pincel, apurava as linhas do retrato, recortava, na delicadeza de cores inconsúteis, o perfil da Rainha... E a tela oral de Troncho de Mello libertava a Senhora dos Humildes de sua moldura, para o convívio nosso, comovedora e enternecidamente...

Assim foi. A Rainha D. Leonor veio ao Liceu, presidiu, do seu invisivel trono, de quem foi, na mais imperial das rainhas, a mais encantadora das Mulheres, aquele acto, que teve, em Troncho de Mello, o seu magnífico intérprete.

Entre outras presenças ilustres, a essa constelada noite espiritual — o sr. Frederico Maria Cabral de Sampaio, a quem se deve, no Brasil, inestimável serviço, para a glória maior da Soberana dos Pobres, a edição do notabilissimo trabalho «V Centenário do Nascimento da Rainha D. Leonor», da autoria do nosso excelso e carissimo amigo dr. Fernando da Silva Correia, benemérito director do Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge.

Bem haja, Frederico Sampaio, pela sua benemérita iniciativa, de patrocinar, talqualmente o fez, uma edição brasileira do trabalho de Fernando da Siva Correia! Nobilissima iniciativa, essa, que faz, de seu autor, um dos mais lidimos «Cavaleiros da Rainha», nas linhas de frente destas celebrações quintocentenarinas!

Os aplausos que envolveram a conferência de Troncho de Mello — aos quais, efusivamente, pudemos juntar os nossos — vieram trazer-nos á realidade do século XX, após aquela hora de enternecida emoção, vivida há cinco longas e férteis centúrias.

Ao conferencista — a quem de há muito, no renome, conheciamos — pudemos levar o nosso amplexo, de veraz estima e admiração, pelo seu proficiente e elegante estudo, digno, por todos os títulos, da memória da Rainha dos Oprimidos.

E a esse grande Crisóstomo Cruz — que, ao nosso lado, para honra nossa, seguia, connosco, os lances da conferência, pudemos transmitir-lhe que viveriamos, nós, também, em breves dias, um sonho: o de voar a Lisboa, para levar, ao IV Congresso das Misericórdias, com a nossa humilima presença, o desvalioso ofertório de nossa adoração á Sublime Rainha D. Leonor de Lencastre.

PAGINA D

Pergunte para saber

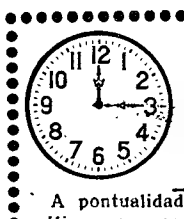
COZINHEIRA INEXPERIENTE — O molho de vilão não vai ao lume. E' preparado da seguinte maneira: deita-se numa tijela uma colher de vinagre, duas colheres de azeite, uma cebola picada, salsa também picada, sal e pimenta. Mexe-se bem e serve-se na molheira ou cobrindo a iguaria que acompanha. Essa iguaria pode ser peixe frito, grelhado ou cozido; carne cozida ou assada cortada em fatias fininhas ou dividida em bocadinhos.

E' muito usado este molho para cobrir restos de perdizes, coelhos ou lebres que tenham sido cozidos, guisados ou assados de qualquer modo, isto é: no espeto ou no forno. Neste caso, a carne e separada dos ossos e dividida em bocadinhos.

ROSA MARIA — Os seus insucessos em culinária são devidos ao mau fogão que possui. Com um forno a meter chamas e fumarada não pode fazer bolos com boa apresentação. Mande consertar o fogão e, entretanto, pode cozer os seus bolos na forma que agora se vende em todas as lojas de utilidades, funileiros, drogarias e mercearias, a qual tem, na tampa, uma pequena rodela de vidro. Deverá cozer esses bolos sobre um lume brandíssimo no seu fogareiro de petróleo. Antes de colocar a forma no fogareiro, deverá pôr uma peça de metal consistente que faz parte dela e á qual dão o nome de chaminé. Essa peça fica em contacto directo com o lume.

DESENHO PARA ROUPA DE CAMA

A pedido de «Uma bordadora», publicamos este desenho para roupa de cama que deverá bordar-se a ponto cheio, ponto pé-de-flor, ponto de matiz e ponto de crivo sem fios tirados, com linha Ancora branca, cinzenta e azul-clara. O desenho no tamanho natural para metade do lençol e almofada, importa em 12$00 e a amostra de qualquer dos pontos empregados, em 6$00. O pagamento póde ser feito com selos. A' cobrança, mais 1$00. Pedidos á Página da Mulher, «Diário de Lisboa», Rua da Rosa, 57, 2.º, Lisboa.


PRISÃO DE VENTRE
***
A pontualidade intestinal sem cólicas nem acostumação.
Rectónus
Supositórios
A venda nas Farmácias.

Máquina de TRICOTAR BUSCH
APENAS POR 115$ MENSAIS
CHEGOU NOVA REMESSA DA MAIS SIMPLES, ECONÓMICA E SENSACIONAL MÁQUINA DE FAZER "TRICOT"
REPRESENTANTES:
AGÊNCIA COMERCIAL SUECA, Lda.
Avenida Fontes Pereira de Melo, 37
Telefs 59181-2-3 - LISBOA

A MULHER

CULINÁRIA

«Gaspacho»

Para o capítulo das sopas típicas vamos apresentar o célebre «gaspacho» espanhol, que também é muito usado no Sul de Portugal.

Esta sopa, só pode ser apresentada no Verão, não só pela qualidade dos seus componentes como, ainda, por se tratar de uma sopa fria.

O «gaspacho» prepara-se da seguinte forma: juntam-se, dentro de uma saladeira funda: um pouco de tomate fresco, picado, sem peles nem sementes; um bocado de pepino em quadradinhos miudos, e o miolo de um pão espanhol, que não tenha sido cozido no próprio dia (este pão vende-se em quase todas as boas padarias).

A' parte, pisam-se num pequeno almofariz de madeira, três dentes de alho e o sal suficiente para temperar a sopa. Quando os alhos ficam completamente desfeitos com o sal, junta-se esta massa ao resto dos ingredientes, temperando o «gaspacho» com bom azeite e vinagre.

Por ultimo, acrescenta-se água fresca.

Salpica-se no fim, com uma pitada de oregãos. Esta erva cheirosa do mato é que dá o verdadeiro sabor característico ao «gaspacho» e vende-se em todos os ervanários.

Lingua às camadas

Escalda-se a língua de vitela, raspa-se e põe-se a cozer em água temperada com sal grosso, uma cebola, uma cenoura, dois troncos de aipo, duas colheres de vinagre e seis bagos de pimenta em grão. Depois de a língua estar cozida escorre-se, deixa-se esfriar e corta-se em rodelas.

Unta-se com bastante margarina um tabuleiro «Pyrex» e acomodam-se as rodelas de língua em camadas, alternadas com pedaços de margarina, algumas colheres de nata e queijo gruiere ralado. A ultima camada deve ser de queijo. Por fim, polvilha-se ligeiramente com pão ralado e mete-se em forno até tostar levemente a parte de cima. Serve-se regada com manteiga derretida em banho-maria.

Rosetas

Amassam-se duzentos e trinta gramas de farinha com oitenta gramas de manteiga, um ovo, uma pitada de sal refinado, uma colher — das de chá — de água de flor de laranja e a água que seja necessária para se poder amassar. Bate-se bem a massa e deixa-se descansar uma hora; estende-se com o rolo, deixando-a com a altura de uma moeda grossa e corta-se com corta-massas do feitio que se quiser. Fritam-se em bastante óleo fervente e, á medida que saem da fritura, colocam-se sobre papéis pardos para lhes absorver a gordura.

Servem-se quentes ou frias, polvilhadas com açucar refinado ou regando-as com calda doce. Esta calda faz-se fervendo água com açucar, uma casca de laranja, e um pau de canela. Retira-se do lume quando começa a ficar na consistência de xarope.

OS CRIADORES DA MODA

Lanvin Castillo adoptou o estilo «Coulisse»

A colecção de Lanvin Castillo tem várias inspirações, firmando-se, no entanto, nas cinturas bastante subidas, o que dá novidade aos seus modelos e graciosidade a quem os vestir. Os seus vestidos parece terem sido desenhados especialmente para as mulheres latinas que sempre ficam beneficiadas por tudo que, embora por ilusões de óptica, possa fazê-las parecer mais altas.

Lanvin Castillo dá-nos a saber quanto importa para a beleza de um casaco a gola muito subida, sem qualquer costura.

Nos vestidos da «Série noir» — aliás muito numerosos nesta sua colecção — adoptou o estilo «Coulisse», escolhendo para sua confecção a seda pura. Alguns modelos rematam em grande laçada do mesmo tecido na parte inferior.

Casacos ovoides com golas altas drapeadas que lhes dão imponência.

Os casacos dos «tailleurs» são muito curtos na colecção de Lanvin Castillo, mais evocando o «canezou» do que o «bolero».

Para a noite, vestidos muito curtos na frente e um pouco mais compridos atrás.

Um dos seus vestidos de fazenda «tweed» com gola virada e golpeada, tem as mangas um pouco largas e terminando acima dos cotovelos. Apresenta-se com um chapéu do mesmo tecido.

Da colecção de Lanvin Castillo pode dizer-se que todos os modelos são graciosos.

GRADA-LHE ESTE CASACO?

Deve-se este modelo á imaginação de Yves Saint Laurent que apresentou na ultima colecção da casa Christian Dior. E' de «tweed» «Maison de Paris», com gola ampla de corte clássico e com seis botões grandes de fantasia. O chapeu que o acompanha é formado com penas de cisne.

Quando o Verão nos abandona voltamos a nossa atenção para as peças de «tricot» que nos dão muito conforto. Eis um modelo bonito na sua grande simplicidade e que se executa facilmente com lã branca e cor de ciclamen

Para este Outono, que promete desde já ser chuvoso, os agasalhos leves são sempre aconselháveis. Damos este modelo de blusa de «tricot» num tom claro que se harmoniza com os conjuntos de «toilette» de cada leitora. Lembra um casaquinho, com tira que se suspende na altura da cinta

Variedades

Tolstoi recebeu na sua sepultura a mais terna e poética homenagem de um modesto «mujik». Sabendo que o grande escritor russo era muito amigo das aves, ia, de noite, espalhar alpista em volta da sua sepultura. Ao amanhecer as aves procuravam o alimento em grande chilreada e depois do banquete voavam para as árvores mais próximas onde permaneciam.

*

D. Fernando foi o primeiro rei de Portugal que fez a barba. Muitos fidalgos portugueses o imitaram então, pelo que o rei de Castela lhes deu, com desprezo, a alcunha de «Chamorros», que quer dizer «Tosquiados».

tuba Espuma Seca

Centenas de escudos de economia! Limpeza a seco de Carpetes e Passadeiras. Estofos de Automóveis e de Móveis. Pelas suas mãos e na sua casa! Rapidez e simplicidade de aplicação! Em menos de uma hora, sem nódoas, sem sujidade e completamente seco. Ficando com aspecto novo e brilhante! Sensacional produto da Química Alemã.

A venda em todo o Mundo, e em PORTUGAL em todos os bons estabelecimentos.

Representantes: **SCHROETER & ALMEIDA**
Rua da Madalena, 128, 2.º — LISBOA

Eduquemos os nossos filhos

O que devemos fazer para não «estragar» os nossos filhos?

Devemos fazer todas as vontades ás crianças, satisfazer-lhes todos os caprichos, pemitir-lhes tudo que lhes venha á cabeça e que tomem atitudes desagradáveis e agrestes? Não. Não é esse o caminho a seguir nem é isso o que se pretende fazer ver com os exemplos apontados na nossa página anterior.

Os pais que se consideram modernos e procuram defender os filhos de medos e malogros, mas não têm em conta a sensibilidade infantil — podem «estragá-los», da mesma forma que os pais que empregam os antigos processos de castigar e bater. Mas se os pais souberem incutir em seus filhos a certeza de que os amam profundamente, de que sentem com eles o mal e o bem, e procuram dar-lhes alegria; se conseguirem pôr-se a cada passo no lugar dos filhos — compreenderão claramente o que, por exemplo, a Mariazinha sentiu quando lhe recusaram um vestido novo para a festa do colégio, sabendo como isso era importante para ela, ou o que o Rui se magoou quando a mãe, na pressa de sair á noite para o teatro, se esqueceu de o ir beijar á cama, como era costume. Então, talvez se corrigissem desses erros e compreendessem melhor que é preciso contar com a sensibilidade das crianças.

Esse beijo tão desejado pelo Rui representava para ele qualquer coisa de muito importante. Talvez depois daquela rabinice que ele havia tido ao jantar precisasse absolutamente desse beijo para lhe trazer a paz ao seu coraçãozinho, a certeza de que a mãe não ficara zangada com ele, para adormecer tranquilamente.

Quantos pais, para fazerem seus filhos valentes e corajosos, não os deixam, por exemplo, acender a luz á noite, no corredor ou na escada, obrigando-os a caminhar no escuro. Já pensaram, quando dão essa ordem, no que podem sentir se tiverem de atravessar, sozinhos, uma estrada á noite, em plena serra? Tudo é relativo; e, para a criança, a luz no corredor ou na escada representa a segurança, um sinal amigo de que nada há a temer.

E' preciso não esquecer também que o ambiente influi sempre no carácter da criança que se está a desenvolver. Não a deixemos crescer no meio de questões e discórdias azedas. Rodeemo-la de carinho e ternura para que ela se considere feliz e não sinta incompreensão e isolamento no próprio lar. Em vez de ralhar por qualquer coisa, façamos-lhe ver o erro de uma forma construtiva. Isto é possível se concedermos á criança maior compreensão. A criança que é compreendida sabe-o perfeitamente e não precisa de se fazer lembrar por meio de birras, não querendo comer ou exigindo demasiado. Tem a certeza de que é tudo para os pais, e, nessa convicção, procura, também, dar-lhes alegria. Por que é que o Joãozinho se fez arrumado e tem o cuidado de deixar todas as noites os brinquedos em ordem? Porque a mãe nunca se esquece de o louvar e de se mostrar satisfeita por isso. Também a Lídia sabe que, se fizer a construção até ao fim, o pai manifestará grande alegria, e isso é o bastante para a não deixar em meio.

São assim as crianças. E devem ser assim os pais.

Sempre que o tempo o permita, as crianças devem passar ao ar livre a maior parte do dia.

Eis a «hora do conto», numa escola infantil. Quinze crianças, não mais, escutam atentamente a história que a professora lhes conta, ao mesmo tempo que mostra as gravuras do livro. Depois de ouvida a história, as crianças interpretam-na com as suas próprias atitudes e palavras.

O canto ocupa um lugar muito importante na vida das crianças. Não só contribui para a sua formação moral, como as leva a raciocinar, a concluir, e a enriquecer o seu vocabulário.

O LEITE,
espinha dorsal da Nação

Há anos realizou-se em Londres um concurso de cartazes cuja característica era o bom senso ligado ao bom humor. Entre esses cartazes, cada um dos quais ilustrava uma lição prática aplicada á vida de todos os dias, figurava este que reproduzimos, destinado ao Ministério das Subsistências da Grã-Bretanha, e da autoria do artista Fitton.

A nós, Portugueses, este cartaz de há mais de dez anos ainda hoje nos sugere três problemas:

1.º — Necessidade de fazer conhecer a todos que cuidam de crianças, e especialmente ás mães, o papel preponderante do leite na alimentação infantil.

2.º — Necessidade de abastecer todo o País de leite puro.

3.º — Necessidade de facultar a todas as crianças pré-escolares e escolares a sua dose diária de leite.

A criança vítima de discussão

Olhei a vossa gravura e meditei. No meu espírito passaram num relance caritas infelizes, medrosas ou chorosas, de crianças vítimas de discussões e ralhos familiares.

Os pais discutem, ralham, e a criança olha aflita, já amedrontada. Eles não estão de acordo, exaltam-se e gritam. E a criança, espectadora infeliz, chora, atemorizada.

E' claro que, muitas vezes, são os aborrecimentos, as preocupações que a vida dá que estão na origem das discussões entre os pais; estes, vivendo numa tensão nervosa constante, não podem, por vezes, evitar os conflitos e surgem os choques violentos.

A culpa é deles? Ou é da vida? Nem tudo é um mar de rosas, as coisas correm mal, vão a pior, isso é verdade... Mas a criança, que nada pode compreender dos problemas dos adultos, sofre sempre um choque quando acidentalmente assiste a tais factos.

Para se desenvolver normalmente, a criança precisa de um ambiente de calma. E' um facto a que todos os pais devem atender. Os sustentáculos da segurança de uma criança são sempre os seus pais. E' neles que ela se apoia e com eles que se sente protegida, e tal só é possível num ambiente de tranquilidade, de paz.

E qual é o resultado das discussões ou, também, por vezes, dos ralhos constantes de uma mãe nervosa que grita exageradamente? Tudo se vai reflectir na criança! Passado o primeiro momento, em que ela se admira ao ver em desacordo os sustentáculos de toda a sua segurança — seus pais — ela amedronta-se. Com a continuidade adquire mesmo um estado emocional de nervosismo, de medo: são essas as crianças que se assustam com um nada, que se atemorizam com tudo, até com uma brincadeira desconhecida — crianças instáveis, fácilmente irritáveis, crianças que sofrem.

Depois... crescem. E vemo-las tímidas, sempre nervosas, escondendo o seu medo debaixo de uma constante «gaucherie» que os adultos deploram e criticam. Bem diferente é o ideal que todos os pais deviam ter a fim de contribuirem para o bom desenvolvimento, quer físico quer psíquico, da criança, tão importante um como o outro.

Manter uma determinada ordem dentro da vida; criar certo numero de hábitos indispensáveis, que nunca se deixarão de cumprir; educar a criança de modo a que ela tenha sempre uma vida lógicamente ordenada. Que a calma e a continuidade lhe permitam viver tranquilamente, sentindo sempre em seus pais a protecção de que necessita, e que só eles lhe podem dar.

E quando surgem as desinteligências, os contratempos? Eles são inevitáveis muitas vezes, mas podemos e devemos evitar que a criança os presencie; devemos respeitar a sua segurança e não lhe mostrar essas fraquezas do adulto, em cuja força ela crê tanto.

TELMA

QUER QUE OS SEUS FILHOS SEJAM SAUDÁVEIS E BEM EDUCADOS?

LEIA,

no número de Setembro

da Revista

«Os nossos filhos»

— Novo ano escolar
— O mundo dos nossos filhos
— Sempre a eterna chupeta
— Dizem os mestres
— Bons hábitos higiénicos
— Bebé tem as perninhas tortas
— Crianças solitárias e insociáveis
— Livros para os seus filhos
— O que se escreve para as nossas crianças
— Notas de leitura
— Dê uma sugestão
— Musica sinfónica para crianças
— A carta do mês
— Histórias, poesias e desenhos de crianças
— O casamento e os seus problemas...
— Crianças cegas e ambliopes
— A gramática no país das formigas

e ainda:

Conselhos, sugestões, concursos, receitas práticas e de culinária, malhas, bordados, figurinos, etc.

«Os nossos filhos»

Rua de Infantaria Dezasseis, 69, 2.º — LISBOA — Tel 656460

Pequenas coisas que as mães devem saber

O quarto do menino deve conservar-se em irrepreensível estado de asseio. Por isso os móveis devem ser poucos, simples, sem enfeites complicados, e laváveis.

*

Quer que os seus filhos sejam o que se diz «belas crianças?» Vista-os convenientemente e, de dia e de noite, faça-os respirar ar puro, já mandando-os para o jardim, já mantendo as janelas abertas. As crianças tornam-se robustas com este regime. Ei-las de olhos brilhantes, carnes rijas, pulmões vigorosos, numa palavra: «respirando» saude! E, com efeito, a saude respira-se com o ar puro.

Prepare ao seu filho uma feliz entrada na escola

E', na verdade, tão detestável como impressionante o espectáculo que nos oferece a criancinha agarrada á mãe, negando-se a ir para a escola. E, exactamente, a consequência de um grande erro educativo: o erro lamentável de a mãe incutir no pobre cérebro infantil a desacertada ideia de que na escola o seu filho vai encontrar uma grande inimiga, uma carcereira, uma intransigente para todas as faltas.

Os inconvenientes destas afirmações feitas aos pequeninos são graves.

A criança cria e nela se enraiza um complexo de medo que dificilmente é vencido; uma antipatia pela professora que só uma imensa ternura poderá debelar; uma copiosa dose de timidez que, quantas vezes, é a sua inseparável e deselegante companheira de toda a vida.

Quanto mal fazem essas mães ignorantes! Nunca lhes disseram que esses amores de 7 anos são, por vezes, a razão da existência de algumas nobres almas que os esperam carinhosa e desinteressadamente?

A mãe deveria escolher palavras simples, acessíveis a mentalidade infantil, para preparar ao seu menino uma feliz e profícua entrada na escola primária, fazendo-o compreender que nela encontrará quem o educará e instruirá com paciência, amor, justiça e espírito de sacrifício.

Não se regateiem ás nossas crianças as frases animadoras, a meiguice, a delicadeza, no tão difícil momento da apresentação á escola: — seu novo e desconhecido mundo. Este primeiro contacto perdurará sempre. Convém que seja agradável e de uma leveza edificante.

Que não se fira a sua sensibilidade!

Que se capte a sua confiança e simpatia na troca do primeiro olhar e no início das boas-vindas. Que nunca tenham de dar razão ás mães, quando elas lhes metiam medo; que nunca vejam na professora uma nervosa, uma injusta, mas sim aquela mãe espiritual que as enaraja, protege, ama e prepara para uma vida digna, tanto do agrado de Deus.

TRISTE CARLA MARIA

Bebé
faz ginástica

O seu bebé também deve ter a cultura física adequada á idade.

Deite-o de costas. Estenda-lhe os seus dedos indicadores horizontalmente, para que ele os agarre bem. Logo que o bebé prenda uma mãozinha a cada indicador seu, levante-o devagarinho, até á posição de sentado. Repita este movimento lentamente, três ou quatro vezes.

Pegue-lhe, depois, nos pèzinhos, eleve-lhe os joelhos até ao ventre, num movimento suave, repetindo três ou quatro vezes.

O bebé deve estar nu, em ambiente aquecido. Os exercícios fazem-se sobre uma mesa ampla coberta com um cobertor.

A HIGIENE DAS MÃOS

E' necessário incutir na criança o gosto, o prazer de ter as mãozinhas e as unhas limpas. Devemos pô-las no hábito de lavarem sempre as mãos antes das refeições; melhor ainda seria que as lavassem logo que estivessem sujas. E dizemos «que as lavassem» porque as crianças, a partir dos três anos, podem perfeitamente lavar sózinhas as suas mãos, desde que tenham um lavatório ou mesmo uma bacia á sua altura. Assim se podem evitar muitas doenças pois as crianças têm o hábito de levar constantemente as mãos á boca.

OS JOVENS TAMBEM FAZEM A HISTÓRIA (2)

a mala

por TROTE

EMBORA a empresa fosse tão arriscada, eu era forçado a partir depois do almoço, em pleno dia, em plena luz. Não havia outro comboio. Também não havia tempo a perder. Desci, pois, a estreita Rua de l'Etoile e ao atingir o largo onde ela desaguava, parei, fiz-me muito interessado em gozar o naquele dia eão límpido o azul do Céu. Estão a perceber, não é verdade? Era a forma de verificar se existia nas redondezas qualquer soldado alemão. Não existia, felizmente. Então pus-me a assobiar baixinho, de boné á ramboia (caido para cima duma das orelhas, percebem?) e gingando o corpo como se nada tivesse que fazer neste Mundo.

Ao fundo da Rua Jean Bart ficava a estação. Que coisa terrível, meus amigos! Vocês nem calculam... Saber que o perigo nos espreita e ter de descer a rua sem defesa, ingreme como um escorregadouro e sem qualquer saída no caso de surgir um Alemão!

Tudo isto eu pensava quando duma portinha estreita assomou um miudo aí dos seus 12 anos. Olhou plácidamente para cima, ou seja para o meu lado, mirou-me um pedacito com os seus lindos olhos azuis, sacudiu a melena loura, quase branca, e começou a descer á minha frente. Levava como eu uma mala, mas era maior e bastante velha. E também bastante pesada — reparei. Coitado! O corpo, elástico, inclinava-se para aquela banda como se fosse uma vara de vime. Distraído a observá-lo o caminho e o perigo tornaram-se-me mais leves. Sem dar por isso cheguei ás grades da estação.

Junto á cancela o miudo parou, poisou a mala, olhou a palma da mão, vermelha, cuspiu-lhe e esfregou-a com muita força. Ia pegar outra vez no enorme peso que transportava quando, do outro lado da linha, surgiu o odiado capacete de aço dum soldado. Eu senti uma lufada de frio trespassar-me até aos ossos e quando vi o olhar do Alemão pousar em mim calculei que tinham chegado os meus ultimos dias. O homem, parou, porém, voltou as costas, falou para alguém que eu não via e desapareceu no seu passo de paquiderme.

Foi então que me passou pela cabeça aquela estranha ideia. Mas não seria expor o jovem a um grande perigo? Pensei uns segundos no caso, e cheguei á conclusão de que ele quando muito sofreria uma bofetada. Não sei se já repararam na enorme distancia! Pelo mesmo crime eu seria fuzilado sem julgamento... Que lhes parece? Fixei mais uma vez a vista sobre a cabeleira loura do rapazinho e senti um grande alivio, uma grande frescura. Quem, na verdade, desconfiaria daquele menino de cabelos quase brancos e de olhos inocentes? Isto decidiu-me. Estuguei o passo e antes que o moço voltasse a carregar a mala eu pus-lhe paternalmente a mão nas costas. Disse ao mesmo tempo «Bon soir, cher ami» para não o assustar. O miudo olhou-me surpreso, depois afogueou-se num sorriso de camaradagem.

— Levas um carrego muito grande — disse eu. — Estava distraído quando desciamos a rua e nem me lembrei. Deixa ver a tua mala que eu dou-te a minha que é mais leve.

— Oh! não! Eu posso com o peso, que é que julga?

— Vá lá! Não te faças valentão. Vês como esta mala é mais leve? E a tua... Chi... rapaz, que carrada boa para derrear um boi!

O moço riu-se muito com a minha linguagem e, devagar, penetrámos na estação já mesmo na altura em que o comboio se denunciava com um apito estridente. O soldado hitleriano apontou o capacete fora da janela do gabinete do chefe da estação e catou-nos com a vista de alto a baixo.

Mas por enquanto nada me aconteceria. Daí a minutos seguiamos já no comboio a alta velocidade. Então começámos a conversar. No compartimento iamos apenas os dois.

— Vai para Ruão? — perguntei eu, para arranjar um princípio de conversa.

— Não.

O rapazinho nada mais adiantou.

— Eu vou para St. Nazaire — insisti, a ver se ele me revelava o seu destino.

— Também eu! — confessou o jovem com os olhos muito abertos. Depois rimo-nos, acamaradámos e eu disse-lhe que me chamava Louis, isto é, o primeiro nome que me veio á ideia. Ele era Jean e na boa conversa, passada uma hora, tratavamo-nos por Louison e Jeannot.

Nesta familiaridade nos veio encontrar o revisor. Claro que aí nada havia a temer. Temer, só algum «boche», mas já pouco faltava para chegarmos ao nosso destino e nem sinal de um. Daí a pouco o revisor voltou e mergulhando a cabeça no compartimento disse com honrada placidez:

— Vêm aí os nazis!

Logo seguiu corredor fora a avisar todos os passageiros que vudesse. O meu olhar e o de Jeannot cruzaram-se: o do moço, calmo e talvez um bocadinho irónico; o meu não sei se revelaria a minha angustia. Sim, agora que o perigo se aproximava é que eu sentia as responsabilidades do meu acto. A mala que eu dera a Jeannot estava cheia de manifestos da Resistência, com instruções aos patriotas sobre a forma de lutarem contra os ocupantes estrangeiros, contra os nazistas. E se estes, com a sua costumada selvajaria, eram mesmo capazes de causar algum mal ao meu jovem amigo?

— Documentos! — pediu uma voz.

Eu entreguei os meus e disse que o pequeno era meu sobrinho. Enfrentando o olhar interrogador do meu amigo, pedi-lhe pressa nos documentos. O homem, depois de os ter vasculhado com minucia, lambeu todo o compartimento com a vista miuda. Estacou na minha mala e eu julguei-me em sonhos ao ouvir a fresca voz do jovem:

— Então, tio? E que fez depois Joana d'Arc?

— Ah! é verdade — declamei com o ar mais natural que pude aparentar. — Foi presa em Compiègne. Mas nessa altura já dera á França o que ela necessitava: a fé nos seus destinos.

Enquanto assim conversávamos o soldado manteve-se parado, como a ave de rapina que espera o seu momento. Inteiramente senhor de mim (quem não o estaria com um companheiro daqueles?), fitei o Alemão e perguntei se era preciso mais alguma coisa.

— Nada — foi a resposta.

A seguir vinha St. Nazaire. Descemos, na calma: eu, aguentando o tremendo peso da mala de Jeannot, ele sobraçando a minha com ar feliz. Na sala da estação havia um muro de nazistas ante o qual parámos para mostrar os documentos.

— Que leva aí? — perguntou-me o oficial, glacialmente.

— Quer que abra? — perguntei com bom modo a fim de evitar que fizessem idêntica pergunta a Jeannot. — Levo um mostruário de sapatos e o meu sobrinho também.

Tivemos ordem de seguir. Passámos aquela barreira terrível. Ao ar livre, enchi os pulmões e apressei o passo, com o pretexto de ser tarde. Jeannot seguiu-me briosamente. Chegou então a altura de nos separarmos. Era uma ruazinha estreita e discreta. Pousei a mala. Jeannot também. Hesitei um segundo, mas achei que deveria confessar tudo:

— Ouve, querido Jeannot — disse eu. — Tu fizeste-me um grande ser-

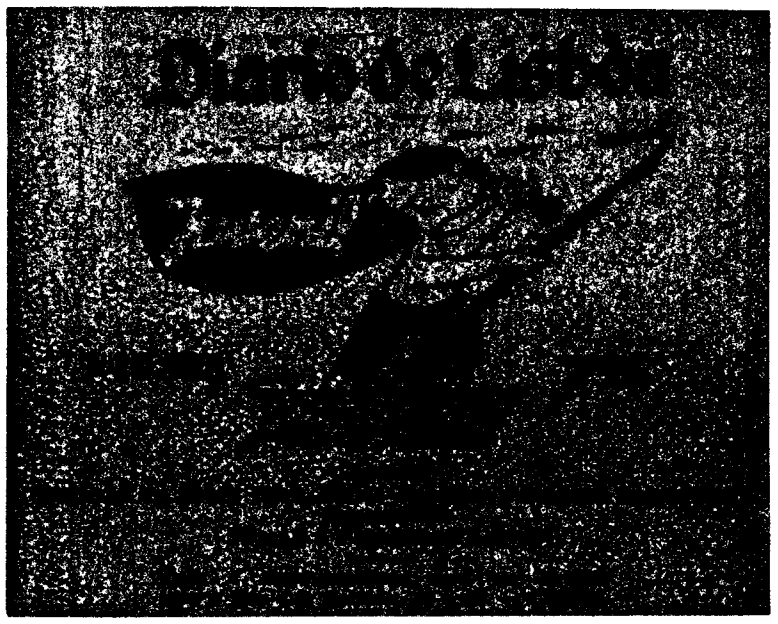
(Continua na ultima página)

ABRIRAM AS AULAS

Abriram as aulas! Ao trabalho, Amigos!

O «Diário de Lisboa Juvenil» orgulha-se muito da vossa amizade, da vossa dedicação, tantas vezes demonstradas. Mas o Juvenil quer mais — quer orgulhar-se também dos vossos êxitos. E pede a todos os seus Amigos estudantes que se lancem ao trabalho agora já, que façam como os lutadores que se entregam ao combate logo ao primeiro sinal do «gong». Isto para evitar futuras dores de cabeça.

O «gong» soou. Ao trabalho, Amigos!



O VESTIDO NOVO

Por MARIA AMÉLIA DA COSTA LIMA 15 anos

Depois de ter percorrido velozmente algumas ruas, parou numa delas, em frente dum moderno edifício, em cuja frente á altura do primeiro andar, numa grande tabuleta luminosa se lia:

MADAME COSTA
ALTA COSTURA — MODAS

O banqueiro acendeu um cigarro e ficou uns momentos a olhar a tabuleta. Não sentia grande coragem para pôr em prática o seu plano. Por duas vezes se dirigiu á porta e por outras tantas regressou ao carro, indeciso. Um feliz acaso tirou-o daquele embaraço. Do prédio acabava de sair um homenzinho fardado, transportando uma daquelas malas que as modistas utilizam para enviarem as suas obras ás clientes. Carlos saiu do carro e dirigiu-se-lhe:

— Oiça meu caro. O senhor vai a minha casa?

O homenzinho voltou-se e, ao reconhecer a pessoa que o chamava, levou a mão ao boné, numa saudação respeitosa:

— Boa noite, senhor doutor!

— Boa noite. Passei por aqui e, como o vi com essa caixa, pensei que fosse levar o vestido que sua patroa ficou de mandar hoje á minha esposa. Se assim for, como vou para casa, posso levá-lo...

— Não, senhor doutor — respondeu a casa de vossa excelência. O vestido da madame já o fui levar esta tarde, eram aí umas cinco e meia...

— Ah, sim?... Tem a certeza?

— Lá isso tenho senhor doutor! Que da casa de vossa excelência me não esqueço eu não!!! E gosto bem de lá ir, que a esposa do senhor doutor... olhe ainda hoje, a criada ao entregar-me a mala, meteu-me vinte escudos na mão, dizendo: «Tome lá, que manda a minha senhora». Ah, se fossem todas assim!!!

— Bem, obrigado — cortou Carlos que acabava de ouvir o que lhe interessava — Olhe, se vai para aqueles lados posso levá-lo.

— Por acaso vou, sim senhor...

— Então entre!

O homenzinho entrou e o carro partiu como uma flecha, em direcção á estrada que deixara.

* * *

Logo após a saída do marido, Teresa dirigiu-se ao telefone, que

(Continua na ultima página)

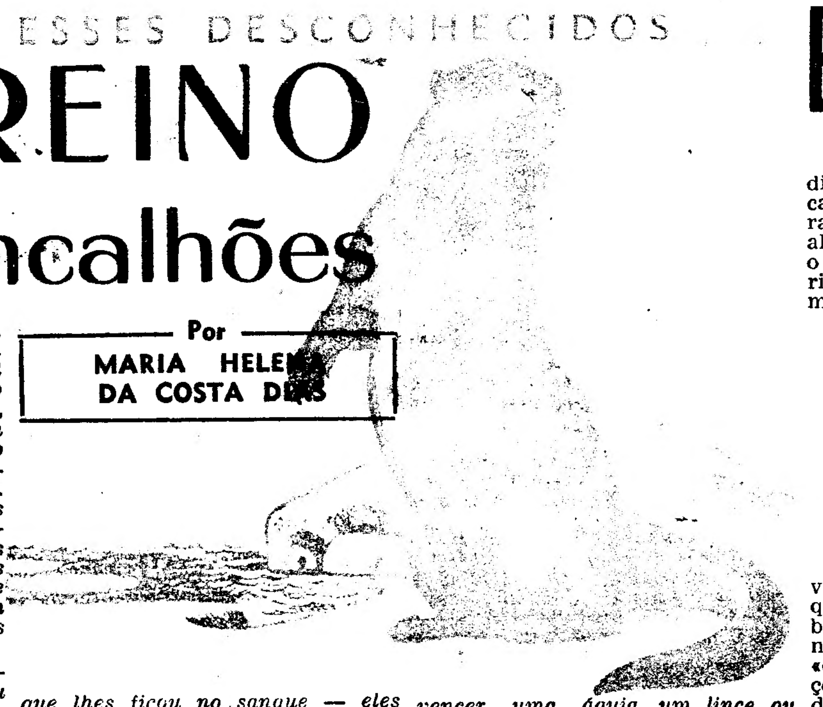
DIÁRIO DE LISBOA JUVENIL

Este homem pareceu a muitos povos da Europa, naquele dia 19 de Outubro de 1805 em que viria afinal a morrer, a verdadeira esperança da liberdade. Eram nove e meia da manhã quando ao seu navio-chefe, Victory, chegou o sinal de que o inimigo (a Armada napoleónica) estava á vista. Pelas treze horas e vinte e cinco, a vitória era completa, total. Foi então que, na ponte de comando, um projéctil o atingiu na coluna vertebral. A's 16 horas e meia, expirava o vencedor de Trafalgar, homem de corpo pequenino, zarolho, maneta — mas um gigante de coragem, o maior almirante de toda a História inglesa.

As respostas devem estar no «JUVENIL» até ao próximo dia 13 de Outubro, acompanhadas dos seguintes elementos: data do nascimento, nome completo, morada e o numero de ficheiro (no caso de estarem já inscritos como Amigos do Juvenil). Juntamente, apontem os três artigos que mais apreciaram no «JUVENIL» desta semana.

ANIMAIS ESSES DESCONHECIDOS

NO REINO dos brincalhões



Por
MARIA HELENA DA COSTA DIAS

Não sei se já viram uma lontra. Já viram, mas talvez não saibam que é, por natureza, um animal brincalhão, alegre e sociável, não apenas em relação á sua espécie, mas com outros animais. Adoptam os cães pequenos como fazendo parte do seu clã, com o mesmo espírito com que cuidam dos filhos.

A lontra é um animal de pernas curtas, cauda grossa, nariz arrebitado e bigodes façanhudos. Os olhos são negros e brilhantes, maliciosos até. O dorso é arqueado e sempre movimentando-se. Nos pés têm membranas natatórias; nas mãos garras fortes.

Vivem nas margens dos rios e lagos, em casas que os castores ou outros animais abandonaram. Excessivamente limpas, as lontras ensinam os filhos a servir-se de uma só casa de banho, distanciada do lar.

Quando atingem a idade adulta, isto é, dos dois aos três anos, as lontras têm a sua primeira ninhada. Escolhem com exigência requintada o macho; chegam a percorrer muitos quilómetros, talvez para fugir a laços consanguíneos. Cada ninhada conta umas quatro lontras de pêlo negro e luzidio, trtadas com os maiores desvelos. Durante os seis primeiros meses a mãe conserva a prole longe de qualquer contacto animal, até mesmo que se trate do próprio pai. Pelos três meses, começam as lições de natação. Não são fáceis a princípio; a mãe vê-se obrigada, muitas vezes, a empurrá-los para a água, a pegar-lhes ao colo e deitá-los nos sítios mais profundos, onde não resta aos garotos senão nadar ou ir ao fundo. Claro que, aqui, a raça mostra o que lhes ficou no sangue — eles preferem nadar.

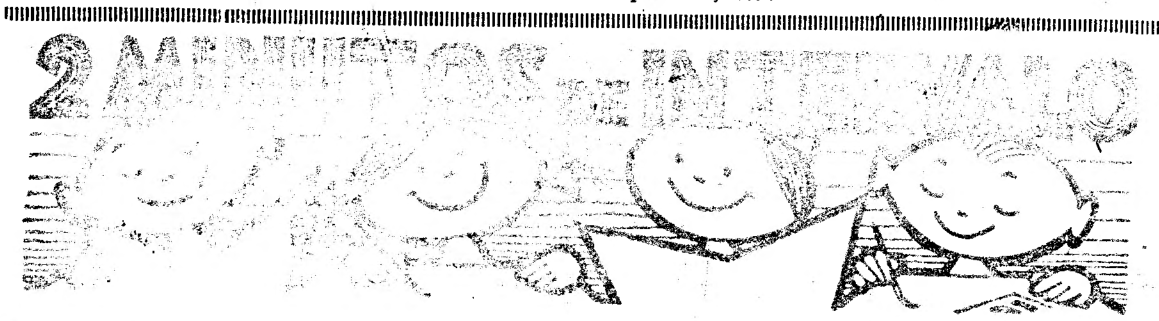
A lontra-mãe, senhora de muitos preconceitos, castiga, nos filhos, toda a tentativa de relações sociais. Enquanto dura a aprendizagem da vida, as lições de coisas, ela não lhes permite conhecimento com quem quer que seja. O próprio tratador, se estão em cativeiro, é prevenido primeiro de que não deve pôr as mãos nos filhos pequenos; a insistência pode valer-lhe umas boas dentadas.

As lições de natação são rápidas e eficientes. Depressa se tornam nadadores cheios de perícia; são grandes bailarinos aquáticos. Famílias de lontras nadam, ás vezes em fila indiana, formando uma serpente coleante de umas dezenas de metros.

Divertem-se umas com as outras, dentro ou fora de água; simulam combates, traquinam incessantemente — e raramente guerreiam entre si. Contudo têm uma força e coragem incríveis que as fazem vencer uma águia, um lince ou enormes cobras, graças á sua extrema agilidade.

O seu pior inimigo é o homem. Com ele não podem lutar. Cobiçoso das suas belas peles, arma ratoeiras, do Inverno ao início da Primavera, precisamente quando elas estão prenhes ou amamentam os filhos acabados de nascer. Desta maneira, o bicho-homem tem dizimado uma espécie animal que em nada o prejudica, antes o auxilia devorando animais daninhos aos viveiros de peixes. Mas a vaidade humana é mais forte. Por uma pele lustrosa o coração do homem fecha-se aos vagidos que deixa pelos campos, ou á morte dos pequenos seres ainda nos ventres das mães.

Pesada e duvidosa luta pela sobrevivência têm de encetar estes pequenos seres abandonados, indefesos e tão dedicados. Em muitos deles aquela imensa alegria de viver morreu antes mesmo que tivesse despontado. Assim é o Mundo...



10) Inegávelmente, teatro e cinema são artes totalmente diferenciadas. A «linguagem cinematográfica» não usa as mesmas expressões que a «linguagem teatral».

Aponta algumas diferenças entre Cinema e Teatro.

11) Será a guerra um meio legítimo de procurar resolver um problema? Porquê?

12) X... e Y... são pobres. As casas onde vivem são, evidentemente, muito modestas. X... envergonha-se de mostrar a pobreza em que vive —e não convida nunca os amigos a visitá-lo. Y..., pelo contrário, não sente o mínimo constrangimento em receber os condiscípulos no seu modesto quartinho.

Na tua opinião, qual a atitude mais correcta? Porquê?

Por acaso sabias que...

A luz do Sol leva 8 minutos a chegar á terra?

*

Se quiséssemos ir ao Sol demoraríamos 172 anos a uma velocidade de 100 quilómetros por hora?

*

A 15.000 metros de altitude a temperatura é de 70° abaixo de zero?

*

Os lagartos dormem nas suas tocas durante todo o Inverno?

*

Uma perdiz pode viver 20 anos, um leão 40, um papagaio 60 e uma tartaruga 350?

*

(Esta colaboração foi-nos remetida por Veríssimo Manuel da Luz, Amigo n.° 1.107, de Ponte de Sor).

*

A mola em espiral (o chamado «cabelo») que substituiu o pendulo nos relógios foi inventada pelo sábio holandês Huyghens, em 1673.

*

Os camelos, depois de estarem muito tempo sem matar a sede, embriagam-se se beberem água demasiada.

*

Afirma-se que o xadrez é de origem indiana, mas não se determinou ainda a data do nascimento. Sabe-se que no século VI se jogava na Pérsia e na China.

*

As regras do xadrez foram postas em verso pelo abade Vida, no reinado pontifical de Leão X. Titulo do poema: «Scachia Ludus».

*

Nalguns tumulos de faraós foram encontradas harpas, com as cordas intactas. «Ao fim de três mil anos de silêncio — diz o cronista — as harpas tocaram festivamente».

Pergunta embaraçosa

Esta passou-se em Paris, no Arco do Triunfo:

— Pai — pergunta o menino — quem está ali?

— E' o soldado desconhecido.

— Desconhecido, porquê?

— Porque não sabiam quem ele era.

E o menino, após uma curta pausa:

— Se não sabiam quem ele era, por que o mataram?

nota nota olhei nota
Virtude 51 Aveiro
5 1 mulher nota Forte
X nota o nota nota

Na relação que segue existem um escultor, um musico, um poeta, um político, um romancista, um pintor, um ensaista. Vê se os conheces:

Stravinsky
Pio Baroja
Maritain
Louis Aragon
Bevan
Teixeira Lopes
Portinari.

Mais alguns pensamentos, colhidos desta vez pelo nosso Amigo José Bandeira. Este Amigo tem, por esse motivo, direito ao prémio — um livro.

«E' mais fácil ser bom para toda a gente do que para alguém».

(DUMAS FILHO)

*

«A alegria do amor, quando existe, é capaz de fazer sentir justificada a existência».

(JEAN PAUL SARTRE)

*

«A verdade de nada se envergonha senão de estar oculta».

(LOPE DE VEGA)

*

«Que cada um dos teus actos, palavras e pensamentos seja como se tivesse nesse instante de abandonar a vida».

(MARCO AURELIO)

Quando o patrão (um fidalgo rebentado...) chegou a casa, disse-lhe o criado novo:

— Veio cá o alfaiate com a conta...

— Não lhe disseste que eu tinha ido para o Brasil?

— Disse, sim, senhor. E para ele acreditar melhor ainda acrescentei que o senhor não voltaria com certeza senão depois do almoço.

Bill não é um inútil...

— Meu filho Bill é um inutil — dizia o sr. Baker. — Só quer é brincar, nadar no rio. Quando outros rapazes se entregam ao estudo de alma e coração, passa o meu rapaz o tempo a treinar-se para imaginárias corridas de natação. Sinceramente, isso desgosta-me...

O sr. Baker despede-se dos seus vizinhos e dirige-se para casa. E' quase noite. O nevoeiro de Setembro avança irresistívelmente. O digno comerciante aperta o fecho «éclair» da camurcina até ao pescoço. Está frio. O seu Bill... A verdade é que fora injusto para com ele, apontando-o como um inutil aos vizinhos. Tinha aquele vício da natação — mas nada mais. Não se dedicava ao estudo com afinco, perdera já um ano no liceu. Em contrapartida, era a bondade em pessoa. Sempre disposto a lutar pelos mais fracos, a ajudá-los. E depois uma loucura pelos irmãozinhos mais novos e pela mãe. Nunca lhe dera os mínimos desgostos, repugnava-lhe a mentira, arcava com toda a responsabilidade que lhe coubesse. Não, não tinha nada de que se queixar do seu Bill...

— Que é do rapaz? — perguntou á mulher, quando chegou a casa.

— Ainda não veio... — respondeu ela.

Palavras não eram ditas e o mais velho a bater á porta. Cabelos encharcados...

— De onde vens tu? — perguntou o sr. Baker.

Bill demora a resposta alguns segundos:

— Do rio.

— A fazer o quê?

Pergunta desnecessária desta vez. Bill não responde. A cólera começa a apoderar-se do sr. Bacper, a queimar todas as reservas de boa vontade de que vinha possuido.

— És um inutil! — exclama no auge do furor.

Com o fim de Setembro a aproximar-se, o sr. Baker acha que é tempo de meditar no destino de Bill. O rapaz não pode continuar ali. O rio é uma permanente tentação. Nenhum castigo, nenhuma ameaça podem afastá-lo «do seu rio». O melhor será enviá-lo para um colégio interno, onde criará novos hábitos, novos interesses, um sentido mais realista da disciplina e do dever.

A mulher concorda. Com alvoroço, quase. Ama muito aquele filho. Um amor misturado com respeito. Porque Bill, apesar dos seus 12 anos, é aquilo que os Ingleses gostam de dizer de alguém: «um carácter». E atormenta-se dia-a-dia com o abismo que se vai cavando entre o marido e o rapaz, castigado por tudo e por nada.

Sim, um colégio. Pode ser que aquela mania da natação, entretanto, lhe passe...

Essa mania, sendo mais forte do que tudo em Bill, ataca também os outros rapazinhos da cidade. John, de sete anos, e Mary, de 10 anos, são outros apaixonados da natação. Um dia, Bill encontrou-os...

— Onde vão vocês?

— Nadar.

— Juizinho! Toca para casa... o rio hoje não está para brincadeiras...

— Sabichão! — e Mary engrossou a voz, a imitar a de Bill. — «O rio não está para brincadeiras!».

Riem-se e afastam-se. Bill resolve-se a acompanhá-los. São horas de almoço, horas sagradas para o sr. Baker. Mais uma sova em perspectiva... Enfim, mais uma, menos uma... Mas Bill sabe que os dois amigos caminham para o perigo. Ele conhece o rio, a sua linguagem. Basta olhá-lo para saber de que feição está. Procura ainda evitar que John e Mary se banhem naquele local, particularmente perigoso, por causa do fundo lamacento e dos turbilhões. Nada consegue...

«Meu filho Bill é um inútil, envergonha-me!» — dizia o sr. Baker. Mas não tardou muito que mudasse de opinião...

...E o que temia deu-se. As duas crianças esbracejam, arrastadas na voragem. Gritam. Bill, sem uma hesitação, atira-se á água. Salva primeiro o garoto, que lhe pareceu mais aflito; volta a mergulhar á procura de Mary, consegue trazê-la para terra...

Do cais, enorme multidão de rapazes assiste ao salvamento. Bill, extenuado, mas feliz, só pensa em voltar a casa, para evitar mais dissabores. Já passa muito da hora do almoço... Enfim, mais sova, menos sova...

O pai, é de braços abertos que o recebe, comovido. A notícia chegara primeiro do que o filho...

Depois vieram os jornalistas. A primeira página de todos os diários reservam espaço para a noticia e para o retrato de Bill que se viu justamente elevado á categoria de heroi nacional. A festa da imposição da medalha de Altos Serviços Humanitários reuniu todas as pessoas importantes da cidade e todos os amigos e colegas de Bill, mas este faltava. E o tempo a correr... Onde estará o rapaz? Meu Deus! Ter-lhe-ia acontecido alguma?...

....

A nadar no rio, esquecera-se da hora da sessão... Aparece, com os cabelos encharcados. O pai, aborrecido, já não lhe diz: «Bill, és um inutil»... Limita-se a sorrir e a exclamar:

— Bill, toda a gente á tua espera...

E ENTÃO NÓS?...

Nós, segundo nos lembra um nosso Amigo de 13 anos, não temos nenhuma indicação de leitura esta semana. Mas isso não é verdade. Falou antes do tempo. Eu vou indicar uma bela colecção de que já se tem aqui falado muitas vezes e com toda a razão. É por isso mesmo que hoje voltamos a lembrá-la. Trata-se de «Os melhores livros para crianças», colecção editada pela «Livraria Clássica Editora». Da autoria de John Pudney, podem os nossos leitores comprar esta bela série:

«Um sábado de aventuras
«Um domingo de aventuras»
«Uma segunda-feira de aventuras»
«Uma terça-feira de aventuras»
«Uma quarta-feira de aventuras»
«Uma quinta-feira de aventuras»
Quase uma semana inteira!

O preço de cada um destes volumes é apenas 20$00. Vamos comprá-los todos, um por um?

Colaboração dos leitores

Um dos grandes motivos de justificado orgulho do nosso JUVENIL é este: dar aos nossos leitores e Amigos dedicados possibilidade de verem os seus trabalhos publicados e reconhecido o seu valor literário. Neste numero, por exemplo, pode ler-se colaboração de vários Amigos que merecem, amplamente, essa honra.

Pois bem, Amigos! Ficamos aguardando poesias, contos, artigos, não ultrapassando 600, 700 palavras de vossa autoria. NÃO É NECESSÁRIO DACTILOGRAFAR. Se o merecerem, publicá-lo-emos.

Concurso

«Os problemas dos jovens vistos pelos jovens»

Classificação de Agosto

1.° PRÉMIO

Amigo n.° 1.075 — Luís Manuel Ferreira Vieira (17 anos): «Chora, terra bem amada», por Alan Paton (Colecção «SÉCULO XX»); «Adolescência», por Maurice Debesse, e «Génese da Humanidade», por C. Arambourg (Colecção «SABER»); «Fanga», por Alves Redol (Colecção «LIVROS das TRÊS ABELHAS»).

2.° PRÉMIO

Amigo n.° 362 — José Augusto de Moura Pimenta (16 anos): «Chora, terra bem amada», por Alan Paton; «Adolescência», por Maurice Debesse; «Fanga», por Alves Redol.

3.° PRÉMIO

Amigo n.° 534—Ana Maria Quintans Ferreira (17 anos): «Chora, terra bem amada», por Alan Paton; «Adolescência», por Maurice Debesse.

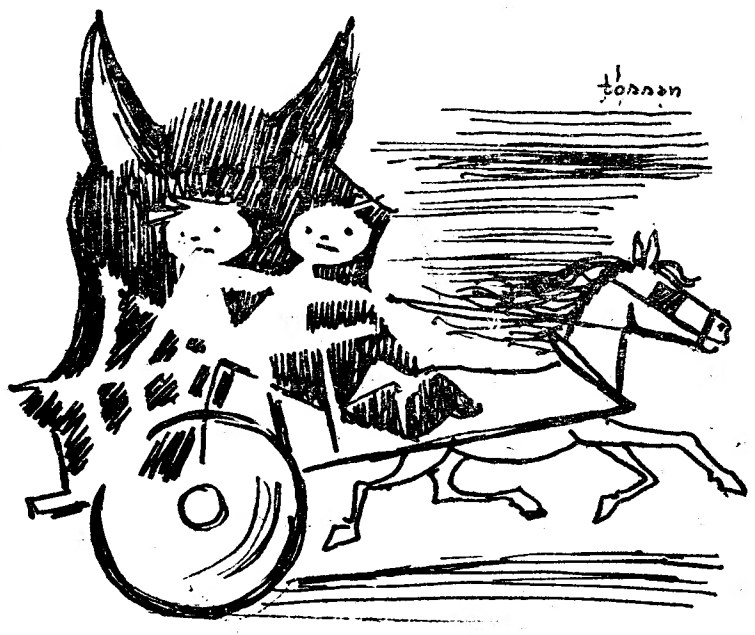
TODAS ESTAS OBRAS SÃO EDIÇÕES DE «PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA» — A PATROCINADORA DESTE ORIGINAL CONCURSO.

O ÚLTIMO CARTIXO

Em 1932, pelas férias do Natal, encontrava-me em N..., a cerca de 12 quilómetros de Amarante. Lembro?me perfeitamente de que eram esses dias os mais felizes da minha vida. Nesse breve período do ano, toda a família se encontrava reunida em volta da avó Ana, que já não tinha forças para se deslocar a Lisboa, onde morava a filha mais nova, minha mãe, ou ao Porto, onde residia a filha mais velha, a minha tia Isabel.

«Estar a família reunida» significava para mim, antes de mais nada, a presença de Abílio, meu primo. Ambos da mesma idade, eramos porém, quer fisicamente, quer nas inclinações afectivas ou culturais, muito diferentes: Abílio muito louro — eu chamava-lhe, para o ouvir o *Ruivo* com uma mecha de cabelo revoltada a cair para cima dos olhos, o que o obrigava a todo o momento ao trabalho de afastá-la com um gesto brusco da mão direita; eu, moreno — Abílio, para me arreliar, chamava-me *Sarraceno...* — sempre com o cabelo bem penteado, lustroso de brilhantina, quando a apanhava á mão...

Abílio era um barra em matemática (obtinha sempre as maiores classificações no liceu); eu também com as melhores classificações, mas em português, com



um prémio ganho em jogos florais do liceu na modalidade «Contos». Eu orgulhava-se dos seus êxitos; ele, por sua vez, quando me apresentava aos seus amigos, era sempre com palavras que me enchiam de satisfação:

— O meu primo Jaime, poeta de grande futuro!

Abílio, como já disse, morava no Porto, eu em Lisboa. Escreviamo-nos todas as semanas e essas cartas ainda hoje as guardamos religiosamente. Só estavamos juntos nas férias. Em N..., pelo Natal; em Lisboa, pela Páscoa; na Costa Nova do Prado e novamente em N..., em Julho, Agosto e Setembro. E com que ansiedade aguardávamos esses meses! Nunca nos cansavamos de estar juntos, de conversar de brincar. E naquele ano de 1932 deu-se um acontecimento que ainda mais veio fortalecer a nossa amizade, dar-lhe a força e a vitalidade dos sentimentos eternos.

O tio Alfredo, pai de Abílio, ficara retido no Porto, por motivo de afazeres. Na impossibilidade de saber quando estaria livre de compromissos, estabelecera com a mulher que, logo que isso acontecesse, enviaria telegrama. Naquele dia, 20 de Dezembro, á tardinha, o telegrama chegou. Meu pai seguiu para Amarante, de automóvel. Preparámo-nos para o acompanhar, mas ele não deixou:

— E' melhor vocês ficarem, para as mães não ficarem sózinhas. Concordam?

Concordámos, evidentemente. Corámos até de vergonha por não termos pensado naquilo antes...

Tudo corria normalmente. De subito, noite fechada, quando Abílio se encontrava a meio na explicação de um problema do primeiro grau que eu não soubéra resolver, ouviu-se um baque surdo, na sala, seguido de gritos e balburdia. Precipitámo-nos ambos e deparámos com a tia Isabel, pálida, sem dar acordo de si, caida no chão rodeada pela minha mãe, pela avó e pelas criadas...

— Deve ser a apendicite — disse o Abílio, trémulo — o médico já queria operá-la, a mãe não quis.

— Sim, deve ser isso — dizia a minha mãe, aflita — onde vamos nós agora buscar o médico?

Troquei, com Abílio, um olhar que ele percebeu imediatamente. Iriamos nós, a Amarante, buscar um médico...

Tirar da cavalariça a égua preta, a «Cigana», e atrelá-la ao carro onde o avô tantas vezes passeara connosco, foi tudo obra de um momento. Não tardou que nos lançássemos a toda a velocidade pelos caminhos incertos da montanha.

— Queira Deus que o médico chegue a tempo! — exclamava Abílio.

— Há-de chegar, verás — confortava eu — Na volta, a «charrette» fica lá e alugamos um automóvel...

A «Cigana» dava mostras de inquietação. De quando em quando levantava a cabeça, soprava ruidosamente. O seu belo corpo negro era percorrido por arrepios... E de subito percebemos, longinquamente, ruidos estranhos, gritos quase humanos, umas vezes, bestiais, outras...

— Lobos! — dissemos ao mesmo tempo.

Esses uivos tornavam-se cada vez mais próximos. A *Cigana* tinha cada vez mais dificuldades em correr. O medo prendia-lhe os movimentos. Eu, de pé empunhando o chicote, vergastava-lhe duramente os flancos, procurava dar-lhe alento.

— Vamos, *Cigana!* Para diante! Para diante, Ciganinha!

Já, na escuridão, brilhavam como carbunculos os olhos dos lobos que nos perseguiam. Era uma verdadeira alcateia.

— Estamos perdidos! — esclamava Abílio. — Não temos armas, não temos nada para nos defendermos...

— Procura bem! — murmurei eu, num sussurro.

— Nada — volveu ele — o carro estava completamente vazio... Tenho um canivete, mas isso de que serve?... Tenho aqui, espera lá... uma caixa de fósforos.

— Hem? — gritei eu — Uma caixa de fósforos? Então estamos salvos... isto é, temos uma oportunidade...

Viera-me uma ideia fantástica, uma ideia de louco! Despi o casaco e gritei para Abílio:

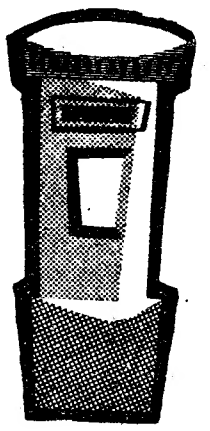
— Acende um fósforo, deita fogo a isto! Depressa. O meu primo levou tempo a acender o fósforo. Fez abrigo, com a mão esquerda... Daí a instantes, o casaco ardia alegremente, na ponta da vara... Diante do fogo, os lobos recuaram, atropelando-se. «Cigana», como se compreendesse tudo, lançou-se numa corrida furiosa. Foi a vez de queimar a samarra de Abílio; depois as camisolas; depois...

...Escusado será dizer o estado em que nos encontravamos quando deparámos com o automóvel que trazia os nossos pais, já perto de Amarante. Empalideceram os dois homens quando ouviram o nosso relato, agasalharam-nos com os sobretudos que despiram. Um médico veio connosco a N... Na manhã seguinte a tia Isabel era levada para o Porto e operada de urgência. Salvou-se...

— Só não percebo — dizia eu, mais tarde a Abílio rememorando o acontecimento — é a razão por que levaste tanto tempo a acender o fósforo...

— Explica-se perfeitamente — respondeu Abílio com o ar mais grave que já vi no rosto de alguém. — Esse fósforo, meu caro, era o ultimo...

For MARIO CASTRIM



DIÁRIO DE BORDO

Amigo n.º 365 — Maria Guilhermina Claro Lobato (Barreiro) — Tenho reparado que, ultimamente, os teus trabalhos chegam sempre atrasados. Como se explica isso? E' pena, pois eles têm vindo bastante bons; e por esse motivo não têm sido incluidos nos concursos. Vê se remedeias o facto, sim?

Amigo n.º 1.219 — Maria Amélia Costa Lima (Lisboa): Não precebo o motivo das tuas reclamações; as tuas cartas não foram recebidas, o que não é costume acontecer. Tens a certeza de que elas seguiram? Tomei nota, contudo, do que me dizes.

Amigos premiados com os livros da EUROPA-AMÉRICA: por motivos alheios á nossa vontade, os livros só podem seguir dentro de dias. Desculpem.

Amigo n.º 655 — Manuel Salles Grade (Lisboa): segue o livro que tem estado á tua espera.

Amigo n.º 1.139 — Maria Manuela Januário da Costa (Lisboa): vou de novo mandar o livro na esperança de melhor sorte.

Amigo n.º 1.175 — Maria Helena Matos da Cunha (Lugar de D. Maria): tens razão. O livro seguirá dentro de dias.

Amigo n.º 852 — João Carlos David Vieira (Murtosa): vamos procurar enviar-to o mais cedo possivel. Tens razão na tua ansiedade.

Amigo n.º 856 — Francisco José: desculpa a confusão. Vou mandar-te o jornal imediatamente.

Amigos entrados esta semana:

1.235 — Amália de Jesus Cachucho Rodrigues (Lisboa); 1.243 — Rui António Barra e Costa (S. Pedro do Estoril); 1.246 — Luís Manuel Cordeiro Rosado (Queluz); 1.333 — Luísa Maria Semião Estêvão Cabrita (Barreiro); 1.335 — António Pedroso da Costa Ferreira (Figueira da Foz); 1.336 — João Anibal Teixeira (Olhão).

OBRAS PRIMAS

Uma obra-prima de ternura, de humanidade poderiamos nós chamar ao «Livro de San Michele», da autoria do célebre médico Axel Munthe. Foi com esta obra que «Livros do Brasil, Lda.» abriu a sua grande colecção «Dois Mundos». Começo verdadeiramente feliz! «Livro de San Michele» é hoje um livro conhecido em todo o Mundo, traduzido em todas as línguas cultas e em toda a parte admirado como verdadeira mensagem de amor, de beleza por tudo quanto existe. «Livro da Vida» lhe chamaram já. E com razão.

Em nossa opinião, todos os jovens o deveriam ler (falo dos maiores de 17 anos). A sua leitura reconfortá-los-á, enchê-los-á de coragem. Aí verão que o melhor caminho, na vida, é o respeito pelos outros, é o desprezo pela violência, é a modéstia.

Aos que o lerem pedimos que nos enviem, depois, a sua opinião.

Distracção...

O senhor Periquitão chama o criado e diz-lhe:

— Onde está o meu colete, rapaz?

— Más então, o senhor tem o colete vestido...

E o senhor Periquito, caindo em si:

— E tenho, realmente! E' boa! Ainda bem que reparaste senão era capaz de ir para a rua sem ele!

*

O nosso intestino tem 10 metros de comprimento. Tudo muito bem arrumadinho para caber cá dentro.

CONCURSO SEMANA

SOLUÇÕES DOS CONCURSOS DO SUPLEMENTO N.º 73: I — AS VOGAIS ESTÃO EM FÉRIAS: Farol, Balança, Sputnik, Everest, Azenha. II — GIGANTES DA HUMANIDADE: Picard.

PRÉMIOS

1. — Amigo n.º 764 — Aida Morgado (Lisboa).
2. — Amigo n.º 966—Maria Virginia Simões Gomes (Aveiro).
3. — Amigo n.º 1.255—Ana Maria Duarte Sande e Silva (Lisboa).
4. — Amigo n.º 1.294 — Maria Eugénia Pinto dos Santos (Figueira da Foz).
5. — Amigo n.º 1.315 — Mário Seixas Louçã (Lisboa).
6. — Amigo n.º 1.337 — Rui António Barra e Costa (S. Pedro do Estoril).
7. — Amigo n.º 21 — José Gonçalves Isabelinha (Santarém).
8. — Amigo n.º 403 — José Augusto Folga da Silva (Lisboa).
9. — Amigo n.º 505 — António Bandeira de Carvalho Branco (Dafundo).
10. — Amigo n.º 856 — Francisco José Fernandes (Torres Vedras).
11. — Amigo n.º 948 — Carlos Alberto Morais (Lisboa).
12. — Amigo n.º 1.053 — Maria Teresa Ferreira Dantas Martins (Lisboa).
13. — Amigo n.º 1.221 — José Manuel Paula Antunes (Lisboa).
14. — Amigo n.º 1.235 — Amália de Jesus Cachucho Rodrigues (Lisboa).

PRÉMIO

1. — «UM SABADO DE AVENTURAS», por J. Pudney — «OS MELHORES ROMANCES PARA CRIANÇAS» — Livraria Clássica Editora.
2. — «UM DOMINGO DE AVENTURAS», por J. Pudney — «OS ROMANCES PARA CRIANÇAS».
3. — «UMA SEGUNDA-FEIRA DE AVENTURAS», — «OS MEMELHORES ROMANCES PARA CRIANÇAS».
4. — «UMA TERÇA-FEIRA DE AVENTURAS» — «OS MELHORES LIVROS PARA CRIANÇAS».
5. — «DEZ HEROIS PATRIOTAS», por A. Faria — Livraria Clássica Editora.
6 — «DEZ EXPLORADORES AUDAZES», por A. Faria — Livraria Clássica Editora.
7 a 14: «A ADOLESCÊNCIA», por Maurice Debesse — «COLECÇÃO SABER», Publicações Europa-América.

INTERVALO

por **António Freire** (18 anos)

Alongo-me num espreguiçar trému-
[lo pela estrada fora
Penduro os meus desejos nas árvo-
[res que a ensombram
Bocejando engulo o Céu.
E fico muito quieto
Na calma expectativa do resultado
[dos meus actos.

A estrada é fofa e ampla,
Nada sinto sobre mim,
Nem um rumor agita as árvores!

Arregalo os olhos e nada vejo,
Afundo ainda mais o meu corpo e
[nada sinto,
Regalo-me de nada ouvir.

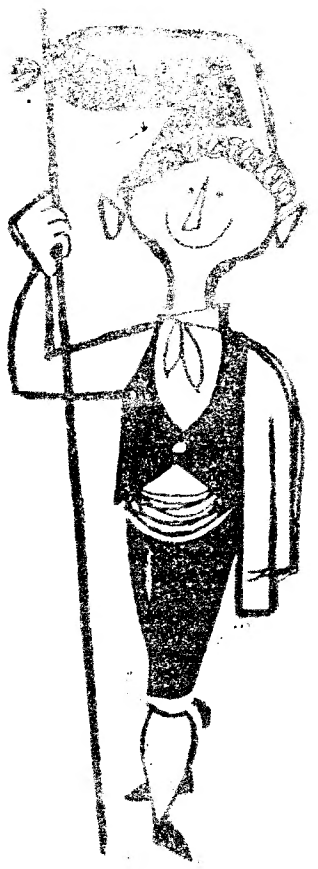
De subito nasce uma brisa no meio
[da ramaria
Que a faz estremecer.
O vento desce
E as árvores abandonam-se a uma
[agitação desvairada.

Quebra-se o enleio.

Dos ramos, os meus desejos bada-
[lam horrores;
Duma golfada vomito o Céu, que se
[espalha sobre a minha cabeça
O saibro da estrada, magoa-me as
[costas.
Sem suspiros inuteis,
Levanto-me;
Tiro os meus desejos das árvores,
[lanço-os sobre as costas
E sigo caminho.

Novo «Concurso da Semana» do *Juvenil*!

Gente nossa



Numa leziria quente
— lume, distância e ouro!
ei-los então frente a frente
o cavaleiro e o toiro.

Inquieto, o animal
escava o chão medonho
o seu olhar é sonho
de raiz infernal.

Os olhos do homem, belos
lembram dois golpes de aço.
— Impossivel sofrê-los
durante longo espaço...

O toiro baixa a vista
pois lei mais forte conta.
E dócil segue a pista
que a longa vara aponta...

Para ter direito aos prémios do nosso concurso da semana, basta responder, em carta ou postal, á seguinte perguta:

Qual a região portuguesa a que pertence a Figura que hoje publicamos?

As respostas devem estar na Redacção até ao próximo dia 13 de Outubro.

A ADOLESCÊNCIA

Acaba de ser reeditado pelas «Publicações Europa-América», na sua excelente colecção «SABER», um livro da autoria de Maurice Debesse: «A Adolescência». Como já na semana passada fizemos notar a respeito de «Génese da Humanidade», de C. Arambourg — trata-se de obra de especialista e não dum curioso que resolveu, um dia, divulgar o que não conhecia. Como os nossos jovens leitores podem verificar na menção a anteriores obras de Maurice Debesse, ele é autor de dois livros com os seguintes títulos: «A Crise da Originalidade juvenil» e «Como observar os adolescentes». Aqui têm, pois, um autor que se interessa pelos problemas juvenis, e que a eles tem dedicado parte dos seus estudos. Os concorrentes ao Concurso «Problemas dos Jovens vistos pelos Jovens» acusam quase todos a mesma deficiência da parte dos adultos: a sua incompreensão, o seu desconhecimento de que a adolescência é um período da vida com os seus problemas próprios.

Eis por que nos parece que esta excelente obra deveria ser lida pelos jovens maiores de 17 anos e... pelos pais. Recomendamo-la com grande empenho.

O VESTIDO NOVO

(Continuação da 1.ª página)

se encontrava noutra sala. Marcou um numero:

— És tu, Catarina?

— . ?...

— Sim, sou.

— ?

— Tudo arranjado. O estratagema resultou!!!

— !!!

— Estás um amor. Simplesmente adorável!..

— ?...

— Não, não me demoro nada. E' só arranjar-me e sigo logo para aí.

— ?

— Meia hora, se tanto.

— ?!!!

— Não, desta vez não foi doença ou indisposição. Foi... mas agora não quero demorar-me. Quando aí chegar, te contarei tudo.

— !...

— Oh, minha querida. Deixa-te de lisonjas e diz-me: já aí está muita gente?

— . — ...

— Óptimo! Vai ser uma noite em cheio!!!

— ?...

— Não minha amiga. O Carlos não regressa a casa antes das 4 ou 5 horas da madrugada... é o costume, quando vai ás tais reniões!...

— !

— Diz-me uma coisa: A viscondessa e a D. Sofia já chegaram?

—

— Bravo! Faz com que elas fiquem na nossa mesa.

— ?

— Ora!... São óptimas parceiras. Perdem muito e pagam bem.

—

— Até já.

Teresa desligou o telefone e voltou ao toucador. Uma vez ali, premiu um pequeno botão eléctrico e poucos segundos depois, surgiu a criada.

— Chamou minha senhora?

— Chamei sim, Rosária. Vá ao quarto de hóspedes buscar o vestido que esta tarde lhe mandei lá guardar. Vá, não se demore.

— Óptimo. Então até já.

—

— Sim, minha senhora — obedeceu a serva dirigindo-se para a porta do aposento. Logo que esta se fechou, Teresa sentou-se num minusculo tamborete diante do espelho e, com um sorriso de triunfo a iluminar-lhe o rosto belo e jovem, começou a sua «toillete». Em poucos minutos se preparou. Em seguida passou ao seu quarto onde, com a ajuda da criada, se vestiu. Estava resplendente de beleza. O azul-escuro do seu elegantissimo vestido de noite, fazia realçar ainda mais a brancura da sua pele e o louro dos seus belos cabelos. Duas minusculas pérolas enfeitavam cada uma das suas orelhas e no seu belo pescoço brilhava um riquissimo colar.

Mirou-se uma vez mais no grande espelho do seu guarda-roupa e, em seguida vestiu um maravilhoso casaco de peles, que a criada segurava. Estava majestosamente bela!

Dirigiu-se para a porta do vestíbulo. A criada adiantou-se-lhe, para acender a luz do jardim. A noite estava escura mas estrelada, sem nuvens. Ao chegar ao fundo da larga escadaria, voltou-se para a criada ordenando-lhe:

— Não é preciso vir fechar o portão. Eu mesmo o fecharei ao sair. Pode ir deitar-se, mas deixe esta luz acesa. Boa noite.

— Boa noite, minha senhora — respondeu Rosária, reentrando no edifício.

Teresa dirigiu-se com passos ligeiros á garagem, que ficava anexa ao palacête. Porém, no momento em que se preparava para abrir a porta, ouviu o ruído dum motor de automóvel, junto do portão. Ficou uns momentos á escuta. Foi então que o portão se abriu. Na sua frente estava a figura esbelta do marido. Por detrás dele, a luz dos faróis do carro batia-lhe em cheio no rosto, aumentando ainda mais, a sua perturbação. Carlos contemplava-a com um sorriso, meio terno, meio zombeteiro. Dir-se-ia gozar da atrapalhação da esposa. Apesar de tudo, foi ela a primeira a cortar aquele silêncio enervante, confrangedor, inquirindo:

— Tu, já de volta Carlos?... Aconteceu alguma novidade?

— Não, querida. Não aconteceu nada — respondeu ele enquanto a beijava.

— Mas então, a reunião?...

Carlos recuou dois passos admirando a esposa. Só então respondeu:

— Sabes?... Não estava tranquilo. A ideia de que te pudessem mandar o teu vestido novo, que acho muito bonito, — acrescentou sarcásticamente apontando para o vestido — torturava-me!... Como sabia que era um grande prazer que sentias em o estreares comigo, voltei. Teresa baixou os olhos. Só então se lembrou da história do vestido?!...

Carlos, notando a perturbação da esposa, pegou-lhe amorosamente no queixo, murmurando:

— Ouve, Teresa. Vamos fazer um contrato, sim?

— Diz.

— De hoje em diante, passaremos a ser mais sinceros um para o outro. Nem eu voltarei a inventar mais reuniões e jantares com os Guerras ou idas ao teatro com os Maias, nem tu...

Teresa não o deixou concluir. Colocou-lhe a sua delicada mão nos lábios e concluiu por ele:

— Nem eu voltarei a fingir de doente, ou a esconder os vestidos. Não mais deixarei de te acompanhar seja aonde for, sempre que me convides.

— Óptimo querida — murmurou ele enlaçando-a pela cintura, enquanto a conduzia ao carro—. Para começar, vamos a qualquer parte estrear o teu vestido novo, sim?

... ...

Os faróis do carro rasgaram novamente a negridão da estrada deserta. Essa estrada que será, talvez para o jovem casal, a da felicidade, com, ou sem vestidos novos.

MARIA AMELIA DA COSTA LIMA
(quinze anos)

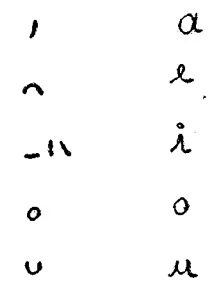
Curso elementar de estenografia

Por Natália da Fonseca

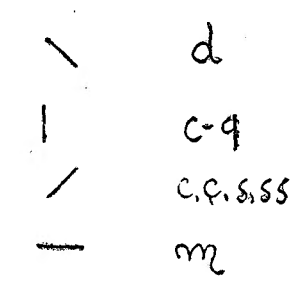
E parece-me que chegámos á altura de fazer uma revisão do nosso trabalho, não lhes parece? Isso permitirá aos mais atrasados porem-se em dia com a matéria...

Daremos hoje os sons simples.

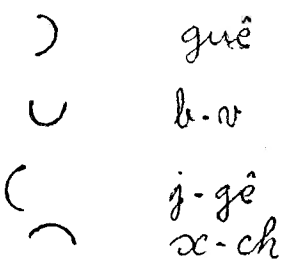
Vejamos as vogais:



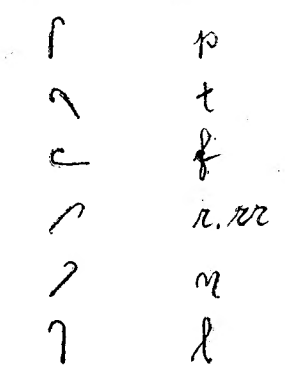
Consoantes rectilíneas:



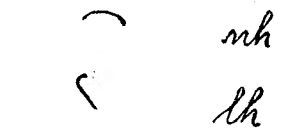
Consoantes curvilíneas:



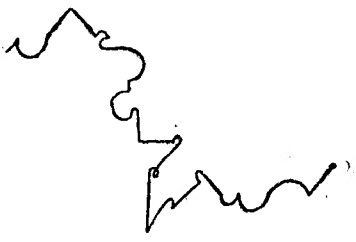
Consoantes mistilíneas:



Articulações:



Abecedário ligado



E pronto, os sons simples estão revistos, não é verdade?

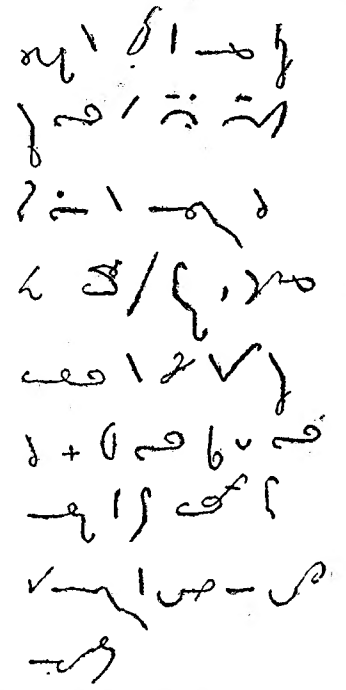
Agora, para não nos destreinarmos, vamos estenografar a seguinte carta, de segue a devida correcção:

«Acabamos de saber que muitos clientes desta praça se encontram interessados na compra de mercadorias do seu fabrico.

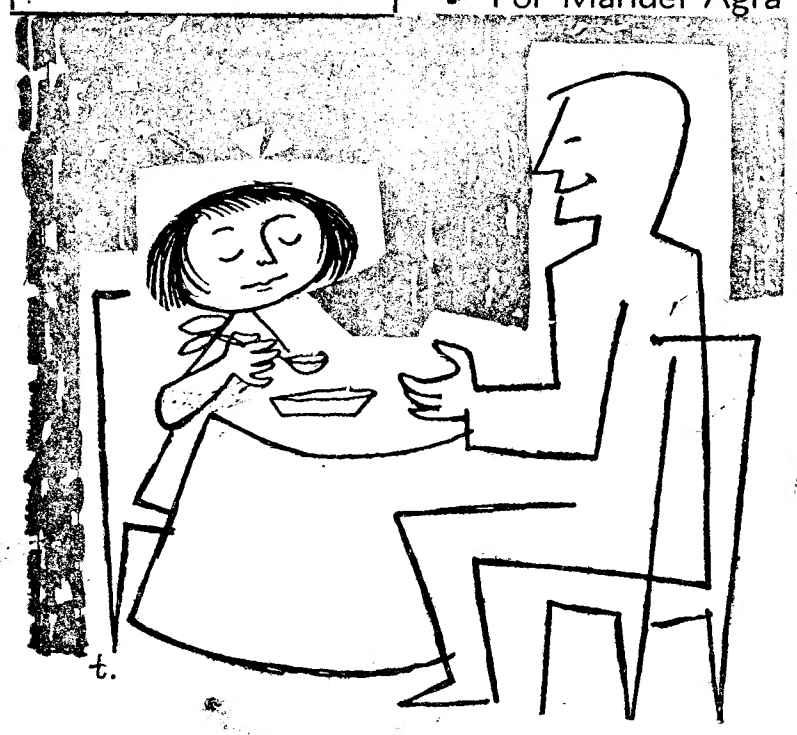
Pedimos a fineza de nos dizer, dentro do mais curto prazo, qual o preço mínimo que pode fazer-nos para as mercadorias que vão em baixo mencionadas».

E até sábado, meus amigos.

Correcção da carta:



FLASH - Por Manuel Agra



A princesa disfarçada

Vá. Podem ir vocês ao restaurante grã-fino com ementas em francês e criados de libré. V. Ex.ª para aqui, Madame para ali, hipocrisia para acolá. Linguado que estamos a ver grelhado e com manteiga, chama-se lá «au Meunier». A mira da gorjeta abre nas caras bochechudas sorrisos falsos e escuros como desvãos em casa de contrabandista. Uma pianola mercenária e impessoal toca por dez tostões a ultima frieza americana.

Podem ir, se quiserem. Eu não. Não gosto de librés, mesmo «au Meunier». Não gosto de dar gorjeta. Envergonha-me duplamente porque a dou e porque alguém a recebe. Não gosto de pianolas americanas. Não vou...

Vou a uma casinha de pasto na rua ali debaixo, á ilharga da Redacção. A' direita é o balcão, os tonéis, as travessas com o menu em carne e osso: quero disto e disto, apontamos nós. A sala de jantar (como se costuma dizer) é ao fundo. Uma duzia de mesas, com o tampo de pedra. Vem o criado e estende a folha de papel de embrulho impecávelmente limpo. Não se espantem: é a toalha. No fim da refeição amarrota-se a toalha, chapa-se fora. Higiénico.

—Pescada com batatas — aponto eu.

Sento-me. Enquanto penso em nada de firme, vejo dois olhos espreitando da rua. Uma menina um pouco miserável, de saeta a dar-lhe pelos tornozelos. Magrinha, umas sardas cinzentas em volta do nariz. Chamoa, por sinais.

—Queres comer comigo? Gostas de pescada?

Como resposta, senta-se de lado. Peço mais um talher e mando-a lavar as mãos. O da loja hesita se há-de enxotá-la, se não.

—E' do senhor?

—Exactamente. Arranje um banquinho mais alto...

Enquanto o peixe não aparece, fico a saber que a companheirinha se chama Elsa. E tudo quanto ela sabe a seu respeito.

—Sabes que tens uns olhos muito bonitos?

Afasta os cabelos, lentamente. Não despega os olhos de mim.

Séria, ou alheada, senhora distinta que, sem espalhafato, levanta o propo.

Dividi por nós ambos a refeição. «Vai agarrar no peixe com os dedos» pensei. «Não interessa. O importante é que coma...»

Então deu-se o inesperado. Elsa toma o garfo e a faca. Maneja um e outro com destreza impecável. Como se durante toda a vida não fizesse outra coisa do que frequentar jantares de cerimónia. As mãos dela movimentam-se com a leveza de aves. Envergonho-me dos meus gestos rudes, desajeitados. Parece-me ver nos seus olhos uma censura velada...

E' difícil por vezes a um mortal sem nada que o recomende não acreditar em fadas e histórias, a princesinha que a bruxa tornou em guardadora de patos... Dão-me quase ganas de lhe procurar no caramulinho da cabeça o alfinete que por força há-de lá ter, espetado pela bruxa má. Feito o qué, a princesa renascerá...

Sei que isso acontecerá um dia.

a mala

(Continuação da 1.ª página)

viço. A minha mala ia carregada de manifestos contra os Alemães.

O pequeno sorriu com funda alegria.

— Ah, sim? Ainda bem. Nem o Louison sabe o serviço que me prestou, também a mim... A minha mala tem duas metralhadoras desmontadas.

Sabem o que fiz nesta altura? Apertei aquele querido menino de encontro ao peito, muito de encontro ao coração.

NOTA — Esta história é autêntica e foi-me pessoalmente contada por Louison.